# UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Departamento de Geografia



CHRISTIAN DENNYS MONTEIRO DE OLIVEIRA

Orientadora
Professora Doutora Adyr Aparecida Balastreri Rodrigues

São Paulo Julho de 1.999

# CHRISTIAN DENNYS MONTEIRO DE OLIVEIRA

# UM TEMPLO PARA CIDADE-MÃE

0

0 0 0

0

000000000

0

0

0

0

0000000000

8

00000

A CONSTRUÇÃO MÍTICA

DE UM CONTEXTO METROPOLITANO

NA GEOGRAFIA DO SANTUÁRIO DE APARECIDA-SP.

Tese apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor na área de Geografia Humana, sob orientação da Professora Doutora Adyr Aparecida Balastreri Rodrigues.

Universidade de São Paulo Julho de 1999

## 4.1 - A Monumentalidade das Romarias

Concebida a trajetória que levaria a inauguração da Basílica nova – em 1980 com a visita do um Papa João Paulo II ao Santuário da Padroeira do Brasil – era possível alimentar as peregrinações à Aparecida dentro de uma nova mística; de uma especial (ou espiritual) de se viver o mito religioso. Fizemos até aqui a recuperação de sua cosmogonia e viabilização. Cuidaremos agora de desenvolver uma reflexão sobre seus diversos desdobramentos sócio espaciais, rompendo com a modernização do empreendimento e instaurando as bases para fazer das peregrinação à Aparecida um ritual pós-moderno. Como ato devocional do fiel dentro do catolicismo popular, seu fazer místico só aparentemente identifica-se com a prática religiosa de uma sociedade interiorana, conservadora e agrária. A Mística contextualizada, enquanto dimensão inconsciente e misteriosa do mito religioso passava então a ter outro interlocutor no mundo profano. Não era mais tão somente as carências de um paraíso rural fechado e cíclico. Tratava-se agora da fartura pouco acessível mas amplamente desejada do inferno urbano; nunca fechado às possibilidades, embora extremamente descontínuo.

Fazer agora uma viagem ao templo era, pela primeira vez a partir dos anos 70 , compor um conjunto de interesses que transcendiam o estrito caráter religioso das antigas romarias a Aparecida "do Norte". Era como se outros "nortes" tivessem sido estabelecidos para tornar esta viagem algo maior, quantitativa e qualitativamente falando.

Com a inauguração da Passarela da Fé implantou-se, no Santuário, um circuito de peregrinação interno. Dez anos demorariam ainda para o romeiro

reconhecer qual era de fato a Basílica da padroeira: a nova ou a velha. E nesta primeira década, muitas críticas e contestações continuaram veiculando a idéia de que o novo templo e seus equipamentos correlatos continuavam sendo erguidos, a revelia dos interesses do romeiro e dos aparecidenses. Contudo, o comportamento e a maciça presença de visitantes, ano após anos, veio suplantar qualquer importância efetiva destas críticas. As cifras comprovaram que com ou sem crise (do petróleo, da inflação, do desemprego, das atividades produtivas, etc.), os fluxos da devoção a Nossa Senhora continuavam beirando o ponto de saturação; gerando, nos fins de semana do período de alta (setembro a dezembro) um movimento descomunal. O que agora sim, contribuía para justificar que a Basílica nova tinha de ser concluída o quanto antes.

O panorama de relações e empreendimentos que iremos discutir neste capítulo aponta para um período comprobatório do discurso que justificava, desde os anos 50, aquela simbólica "Brasília" do catolicismo. Os números aferidos no cotidiano do Santuário não deixaram dúvidas, ao longo das 2 décadas subsequentes à construção da Passarela da Fé, de que a Nova Basílica era imprescindível. Porém, nos anos 90, principalmente com o agravamento dos problemas sociais e a falência dos modelos de urbanização demandando outros serviços religiosos, passou-se a questionar a Basílica em outros parâmetros: até quando sua infra-estrutura seria compatível ao atendimento dos romeiros?

Já investigamos e contra argumentamos na direção de que não é a mística mariana, em si – apesar de sua contextualização metropolitana – que cria a necessidade de um santuário monumental. Mas, ao contrário, o próprio mito presente na monumentalidade seria o gestor deste culto nacional, posto que só nas dimensões monumentais de um templo, os elementos do simbolismo urbano industrial poderiam ser sacralizados.

O que ainda não estudamos foi o caminho indireto que nos deixou pistas para evidenciar, na reflexão geográfica propriamente, esta combinação de delicados fatores. Ocorre que um campo religioso enquanto fenômeno social, torna-se *mistificado* no interior das ciências humanas, antes mesmo de promover-se a "objeto de estudo ". E dois procedimentos filosófico e metodológicos, advindos do positivismo, cooperam para tal deterioração: de um lado o espaço religioso denota qualquer "mistério" como sinônimo de "não cognoscente" e, portanto, toda mística é inacessível ao estudo científico acadêmico; de outro, este mesmo espaço é "ilusório" e, no caso, o que chamamos de "templo" só poderia ser geograficamente investigado em suas dimensões políticas sociais, econômicas; dimensões *materiais*. Que contribuição a Geografia poderia dar na investigação aprofundada de uma dimensão simbólica? Isto não seria uma abordagem particular da Psicologia, da Antropologia ou da Filosofia?

Quando reivindicamos compor e desenvolver um caminho bachelardiano para interpretar a imaginação que reinventa mitos, concretizando-os espacialmente, adentramos num denso caminho, de dupla capacidade. De um lado a mística religiosa é percebida como prática resultante da vitória de um mito religioso anterior atualizado conforme novos desafios; de outro uma mitogênese profana vai tecendo suas próprias condições de alcançar uma espacialidade sagrada, renovando de fora para dentro as práticas religiosas. Ambos formam então, duas linhas interpretativas, cuja interação – última etapa na metodologia da redação do contexto – tanto se manifesta na arte quanto na educação: dois estratégicos dos paradigmas do *novo espírito científico* (B.S.Santos,1989).

O caminho questão, demonstram-se interativamente pelas viagens ao Templo (como romarias, peregrinações ou excursões, entre outros) que farão a intermediação mística entre a visita ritual a Nossa Senhora e a emergente demanda turística do mesmo devoto de Aparecida. E aqui não se trata, ainda, de questionar se os serviços de pastoral do Santuário por força do apelo econômico e/ou político cuidaram de também acelerar a incorporação desse "falso romeiro" (chamado de *curioso* por alguns padres) como turista. Afinal não havia outra instituição capaz de compartilhar dessa incorporação. Trata-se, isto sim, de perceber que as quantidades e dificuldades estão evidenciando uma mudança de qualidade na prática sócio-religiosa e o porque isto será respondido da forma mais profana possível, sem contudo, causar qualquer reação dramática.

#### 4.1.1 – As Superações Estatísticas.

Os estudos que relacionaram a implantação de novos equipamentos no Santuário de Aparecida — sejam eles da igreja ou não — com a concentração de romeiros para os grandes eventos, pautaram-se por dados amostrais muito fragmentados. Os arquivos da Cúria e da Editora Santuário mencionam alguns, sem a preocupação de avaliar possíveis desdobramentos. Eram trabalhos que diagnosticavam um problema crescente relacionado a falta do espaço físico para receber tantos romeiros. Desde os anos vinte esta "explosão", ligadas ao 8 de setembro e 8 de dezembro, respectivamente, dias da Natividade de Maria e de Nossa Senhora da Conceição, vem sendo documentadas, na maioria das vezes, como uma prova da dimensão "nacional" daquela devoção. Entretanto, dos anos 70 para cá, a mencionada explosão envolveu outras preocupações, como um desafio constante às autoridades e agentes dos serviços rodoviários e urbanos. Afinal, os números indicavam as necessidades de infra-estrutura para se minimizar o caos que os 100,200 e até 300 mil

peregrinos podiam ocasionar, em um só fim de semana, numa cidade de cerca de 30 mil habitantes. Isto significava um impacto ambiental urbano 10 vezes maior que o normal!

Mas os dados disponíveis e aqueles que passaram a ser aferidos pelo próprio Santuário, através de um serviço de contagem diária (coordenado pelo Padre Inocêncio), nunca serviram de apoio a um planejamento integrado para desenvolvimento urbanístico da Cidade-Santuário. A leitura das reportagens (Anexos 1) que, em diferentes épocas dos últimos 30 anos, documentaram o crescimento das romarias nos permite reconhecer um outro papel reservado às estatísticas: elas primam inicialmente por uma espécie de aclamação simbólica a desejada monumentalidade do culto à Nossa Senhora Aparecida. Depois, os mesmos números, divulgados ou não pela imprensa, podem auxiliar a manutenção dos serviços eclesiais específicos ou daqueles que servirão para reivindicarem parcerias com o poder público: equipamentos da polícia rodoviária; mudanças e manutenção das vias de acesso, etc.

Isto significa que o desenvolvimento do Santuário, na administração Redendorista, pautou-se estrategicamente por um plano de organização urbanística interna na medida que viabilizou a modernização de sua catedral (a Basílica nova). Mas tal desenvolvimento ao multiplicar os números, como o próprio milagre dos peixes – paradoxo re-atualizado de sua própria origem – circunscreveu-se ao Santuário, sem ser compatibilizado pela Cidade em torno deste.

Parte deste modelo de planejamento parcial possui direta relação com as inovações introduzidas por Noé Sotillo, na coordenação das obras da Basílica. Ao centralizar todos empreendimentos de engenharia e infra-estrutura do novo templo, o tesoureiro e administrador do Santuário passou a dar as respostas urbanísticas que a Cidade e os poderes públicos e privados não davam.

Os números estatísticos (Anexos 2) continuavam sendo de pouca importância para tais respostas, mesmo após a inauguração do templo, em 1980, e da transferência da Imagem da Santa, em definitivo, no ano 1982. Os dados passaram, entretanto, a exibir uma particularidade que contrariava aquele desprezo, caso estivessem sendo alvo de pesquisas mais completas. De um lado tornou-se bem perceptível que os fins de semana, em especial o 2º de cada mês, subseqüente ao dia do pagamento da maior parte da empresas, recebiam um contingente bastante significativo de romeiros e romarias organizadas ao longo de todo ano. Desta maneira um dos requisitos para o reconhecimento da magnitude do Santuário estava demonstrada.

Por outro lado, fins de semana de pouco movimento, bem como temporadas mensais de baixa procura (sendo a maior delas a do 1º trimestre do ano) eram evidenciadas pela ociosidade dos espaços e serviços, nesta ocasião; o que permitia-nos o seguinte o questionamento sócio-econômico: qual o custo real dessa ociosidade num equipamento religioso de tais proporções? Embora não nos caiba aqui discutir tais dimensões, é oportuno indicar que sua proposição articula os dois lados da saturação dos números. Como resolver o excesso de demanda nos grandes eventos? Como compatibilizar uma administração mais racional daquele "excesso" de oferta dos equipamentos nos períodos de baixa?

Já em 1968, por encomenda da própria prefeitura de Aparecida, uma equipe de estudiosos coordenados pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, indicava uma série de medidas para direcionar o crescimento urbano da Cidade. Tratava-se do Estudo Integrado para o 1º Plano Diretor de Aparecida (1968), com especial consideração à sua função religiosa. Mas mesmo as cifras de crescimento que orientavam as indicações deste estudo, foram logo superadas, demonstrando que a

proporcionalidade entre as dimensões da cidade (em habitantes) e sua capacidade máxima de recepção não contava com a lógica de autonomia funcional do próprio Santuário. Resultado: a cidade ficou, em 25 anos, 20% maior e o volume de romeiros para os dias de pico superaram os 200% previstos.

Vinte anos depois deste estudo, a composição de um Plano Diretor sobre a égide da Constituição brasileira de 1988 restringiu-se a um diagnóstico bem mais superficial e a um conjunto de orientações, cuja perspectiva urbanística era tratar o desenvolvimento da cidade nas brechas e nos excedentes de atuação do próprio Santuário. Não era mais possível tentar planejar a Cidade-Santuário, posto que a inferiorização da primeira não poderia sequer reivindicar mudanças na relação com o segundo. No fundo, a maior parte se relacionava àquela explosão de números que foram instituídos ou assumidos como problemas do Santuário e não da Municipalidade, e portanto, traziam desafios complexos demais para uma autoridade local. Não só porque sua dimensão social continuava consumindo, espacialmente, recursos de estadia e passagem muito limitados a própria capacidade de resposta da Igreja. Mas principalmente porque era esta mesma Igreja, agora mais do que nunca a grande responsável por esta e outras saturações.

#### 4.1.2 - A Saturação Urbanística

No desdobramento dos números que agigantaram o Santuário de Aparecida, efetivando, através da Basílica nova, sua propagação nacional, chegamos aos limites da infra-estrutura urbana. E sua tradução numérica, diante da chegada das grandes romarias, é um permanente convite a instalação do mercado informal.

Aparecida sobrevive às festividades de Nossa Senhora erguendo-se como um acampamento ora permanente, ora transitório .

Muito provavelmente toda essa dinâmica do setor informal, criando centros complementares ao antigo largo da matriz, vem de épocas bastante remotas. Porém as romarias foram paulatinamente organizadas para ocorrerem ao longo de todo ano. Com a chegada da rodovia Presidente Dutra e o crescimento das interligações por ônibus interurbanos era de se esperar que o movimento à Cidade da Padroeira causasse uma ampla exigência por serviços mais complexos e diversificados.

Além de não ter ocorrido uma compatível expansão de tais equipamentos em Aparecida, a desproporcionalidade entre número de visitantes e volume de recursos arrecadados tornou-se ainda maior. Todas as cifras urbanas apontam para um incômodo permanente no crescente número de romeiros. A transparência de tal discrepância ampliava-se, segundo declaração dos comerciantes locais, conforme a progressiva redução do poder aquisitivo das classes que mais freqüentam o Santuário (média baixa e baixa). Observamos a relevância desse descompasso em dois planos da paisagem urbana: a produção de imagens religiosas e a rede hoteleira instalada.

A indústria de imagens e artigos religiosos que se formou em atendimento a demanda local e regional - processo comum na maioria dos santuários de outras regiões - sofreu uma dura limitação em seu desenvolvimento. De um lado a concorrência de fornecedores externos de artigos menos artesanais e mais descartáveis passaram a atender com maior eficiência as lojas e bazares mais tradicionais. Acontece que na pauta de produtos encomendados, a estes fornecedores, era cada vez maior a demanda por artigos não religiosos; o que reproduzia, no local, a tendência de qualquer comércio de baixa renda nas grandes e média cidades.

O passo seguinte dessa diversificação do comércio popular, também demarcado nos anos 70, era ampliar o espectro de fornecedores articulando o próprio comerciante local na função de intermediário. Intensificava-se, também ali, uma extensão do que a imprensa costuma noticiar como *rotas de produtos ilegais*, advindos principalmente, da fronteira com o Paraguai. Já é parte da rotina de alguns comerciantes do centro velho (e hoje também daqueles com estabelecimentos no Centro de Apoio) uma viagem semanal ou quinzenal a este país para reposição de mercadorias. Tornou-se então habitual encontrar na paisagem comercial de Aparecida a mesma configuração anárquica de um livre mercado atacadista, capaz de operar com baixíssimos custos e alta rotatividade de mercadorias.

Para um grande contingente de pessoas, fazer o excursionismo a Aparecida, neste caso específico, de acesso as mercadorias para revenda, a existência de um grande santuário católico, ali, não passava de mera curiosidade casual. O que importava a estes grupos de "romeiros" – também computados nas estatísticas oficiais – era cultuar a vantagem estratégica (em relação ao Sul de Minas Gerais e ao Vale do Paraíba) de adquirir produtos mais baratos com comprovado apelo popular, dado que o comércio varejista local funcionava com representatividade nacional ímpar.

Durante as décadas de 70 e 80, os espaços intermediários entre a Estrada Velha Rio - São Paulo e a Rodovia Presidente Dutra vão sendo ocupados. Parte por loteamentos residenciais que se estenderam ao longo da estrada de ferro; parte por áreas comerciais e de prestações de serviços.

Em suas calçadas ou mesmo nas ruas que interligam as Basílicas a esta área - cujo sítio urbano está configurado na várzea do rio Paraíba do Sul - espalhava-se o comércio ambulante (autorizado ou irregular) completando o pungente mercado varejista, que tradicionalmente atende aos inúmeros visitantes de N.S. Aparecida.

136 Com a estagnação da expansão industrial da 2ª metade dos anos 80 e toda crise urbana representada também pelos problemas de absorção da mão-de-obra, instalou-se em Aparecida esta "saturação urbanística". Uma romaria não poderia mais pautar-se pela função estritamente religiosa. As orientações eclesiais passavam a encaminhar conselhos e sugestões sobre qual a postura que os grupos religiosos comunitários ou familiares deveriam ter nos diversos momentos de sua estada no Santuário. O medo maior centrava-se nas depredações e ocorrências de furtos que pudessem criar tensões coletivas do tipo arrastões. Muitas missas passaram a transmitir esse tipo de aviso: "Observem seus pertences"

"Marquem bem os horários e posições do ônibus"

"Não confiem em pessoas estranhas"

Estes avisos, porém, ao invés de representar apenas orientações visando a segurança dos romeiros, tornaram-se um reforço a idéia de que o papel dos agentes de romaria e os roteiros montados por eles era a forma mais segura de se evitar problemas. Os próprios agentes passaram a utilizá-los repetidamente, sugerindo que o lugar sagrado era profano para muitos que ali estavam.

Eram enfim, os primeiros sinais de que um investimento em serviços de apoio aos visitantes (peregrinos ou não) já se fazia urgente. Ainda que a função religiosa de Aparecida continuasse monopolizando a vida da cidade, emergia ali outras dimensões dessa mesma função. E alguns fatores, além do apelo ao crescimento comercial desordenado, concorriam para estas novas dimensões:

a) As peregrinações dominicais ao longo de todo ano passam a demarcar o planejamento de todos os serviços religiosos.

- c) A finalização das obras da nova Basílica e a transferência definitiva da imagem em 1982 para seu altar - mor (na nave sul), gera uma série de facilidades sociais e eclesiais no atendimento imediato ao peregrino que não são acompanhadas pelo restante da cidade, nem nos arredores e municípios vizinhos.
- d) Os meios de comunicação, liderados pelo Rádio e, já na última década, pelas transmissões televisivas dos programas de evangelização, tornando-se fundamentais aliadas na dinâmica de massificação do culto de Nossa Senhora.

Fatores internos ao catolicismo brasileiro atual – transformações litúrgicas e teológicas ou recrudescimento de cultos e práticas ortodoxas adaptadas do petencostalismo e outras místicas (Pierucci & Prandi, 1996) – poderiam também ser investigados como auxiliares dessa saturação. Mas são as ausências do poder público e do empresariado local que nos desafiam mais decisivamente. Por que razão se permitiu o estrangulamento urbano da Cidade-Santuário?

Uma das hipóteses que merecem ser indicadas e trabalhadas relacionase diretamente a proximidade e dependência no setor terciário exercida pela cidade de
Guaratinguetá. Com uma população cerca de 3 vezes maior e uma economia
historicamente mais diversificada e dinâmica – apesar do seu refluxo proporcional
(segundo dados da Fundação SEADE) diante de outras cidades médias do Vale Paulista
– Guaratinguetá ainda é a 3ª cidade da região do Cone Leste Paulista, e tem o papel
de sede micro-regional. Nestes termos, não poderíamos afirmar que Aparecida
estrangulou-se mas sim deduzir que o seu desenvolvimento foi sendo reforçado na
contramão da autonomia municipal, conquistada a cerca de 70 anos. Seria oportuno

pensar no desdobramento de pesquisas e investigações como a do arquiteto José Júlio de Assis Braga (1987) voltada a geografia urbana desse processo desafiador de conurbação entre as duas cidades.

Independente dos resultados para alimentar tal hipótese é preciso não esquecer do detalhe político-religioso que nos fez elaborá-la: desde 1996 a sede da Arquidiocese de Aparecida – desmembrada da Arquidiocese de São Paulo em 1958 – situa-se na Catedral e Matriz de Guaratinguetá. A Basílica nova passou então a sediar exclusivamente o Santuário da Padroeira, conforme a Basílica velha já fazia até a década de 50.

Mas há uma 2ª hipótese para essa saturação urbanística um pouco mais compatível com o caminho tomado por essa tese. A *cidade-mãe* projetada no Templo de Aparecida necessitava de um Santuário que lhe fosse compatível; não de uma outra cidade regionalmente complementar. Ocorre que as obrigações religiosas numa dimensão metropolitana são, em princípio, resolvidas em escalas quantitativas. E desde o momento em que a Igreja e a Congregação dos Redentoristas mostraram-se competentes para responder a esse apelo – aumentando o número de missas, atendendo as necessidades espirituais e fisiológicas dos romeiros, absorvendo as demandas sociais dessa classe direta ou indiretamente – os outros poderes passaram a *ignorar* os desafios de médio e longo prazo em torno do Santuário. Em síntese o raciocínio foi extremamente simples: "em time que está ganhando não se mexe".

Entretanto a questão não era o *time* mas a qualidade dos futuros *lances* do jogo, para continuarmos com a metáfora. O caminho do atendimento quantitativo - "precisávamos de 800 sanitários em 1970 e 1500 no final da década de 90 " - tem seus limites qualitativos impostos por uma série de situações. A principal delas aponta para a mudança progressiva no perfil sócio-cultural do romeiro. Como atender sua expectativa

urbana de serviços, lazer, cultura se o Santuário crescera exclusivamente em termos quantitativos?

Assim é que reconhecemos a idéia paradgmática de um desenvolvimento metropolitano do Santuário como um centro periférico articulado à Grande São Paulo; essa terrível cidade—mãe (Neumann, 1996) muitas vezes gestora de crescimentos descompassados (como os já referidos). A Cidade-Santuário de Aparecida, mesmo com a proximidade geográfica de Guaratinguetá, desenvolve-se plano urbano como um bairro periférico mal planejado; um bairro-satélite do plano piloto da Basílica nova, se tomarmos Brasília como metáfora urbana (Vesentini, 1986). Isto porque seu planejamento fora monopolizado por um agente capaz de erguer um santuário-cidade, mas não de compor parcerias urbanas em sua expansão. Por esse motivo, entendemos que Aparecida marginalizou-se diante da obra que representaria sua máxima função urbana. E o preço desta marginalização continua expandindo-se a ponto de colocar em xegue a sustentação do próprio Santuário.

#### 4.1.3 - Perspectivas dos Meios de Comunicação

Se o estrangulamento urbanístico de Aparecida contribuiu, paradoxalmente, para a multiplicação quantitativa das romarias e as reformas de infraestrutura do Santuário (iniciadas por D. Aloísio Lorscheider), podemos reconhecê-lo pelo direcionamento ambiental exclusivamente interno. Afinal, com a Cidade somente orbitando, na expansão quantitativa do Santuário (através de suas romarias), poderíamos continuar a manter, mesmo diante da democratização da vida laica e moderna, o velho pacto político entre Igreja, Estado e Empresariado (patrimonialista e pouco empreendedor); instaurado na história das gestões urbanas da maior parte dos

municípios brasileiros. O mito medieval do espaço sagrado ganhava contornos e substâncias metropolitanas, mas continuava sustentado na hierarquização pactuada dos poderes que tornaram Aparecida uma capital religiosa desprovida de capitais...

Contudo, estas mesmas romarias precisavam retornar ou manter-se em propagação nos diversos santuários marianos que se espalharam pelo país de forma mais completa do que as própria imagens *fac-símile* de N.S. da Conceição Aparecida. Tanto para o retorno, organizado ou não, quanto para essa propagação de viagens simbólicas, (a outros santuários) a participação dos veículos de comunicação radiofônicos foi decisiva .

Para o senso comum e parte dos cientistas sociais que se preocupam com a comunicação de massa, a televisão passou a determinar os comportamentos culturais da maioria dos brasileiros a partir da década de 70. Se isto ocorreu verdadeiramente na perspectiva dos valores urbanos, não ultrapassou as ideologias superficiais e mundanas. No campo dos valores religiosos a penetração do rádio é, nesta mesma época, muito mais eficaz. Prova contundente disso está na própria modernização do Santuário de Aparecida. O que seria da Basílica Nova e da monumentalidade das Romarias sem a Rádio Aparecida?

Talvez este fosse o fator externo de maior responsabilidade individual na realização daquilo que as Viagens Simbólicas da Imagem anunciaram e a modernização da construção do Templo cristalizou: a devoção a nossa Senhora é efetivada como nacional nas múltiplas freqüências de ondas radiofônicas ligadas a Rádio Aparecida, a maior emissora católica do país (Anexos 3).

São 6 faixas de onda (sendo 3 de ondas curtas, 1 tropical, 1 média e 1 de freqüência modulada) transmitindo para todo território nacional e mais 25 países na América e na Europa.

Desde 1951, ou seja, quatro anos antes de serem iniciadas as obras da Basílica Nova, a Rádio Aparecida vem aperfeiçoando sua programação e estrutura técnico – administrativa no sentido de fazer nacionalmente esta monumentalidade devocional convergir em romarias, diretas ou indiretas. Em qualquer uma das situações o aparato estratégico fundamental tem sido a manutenção de uma associação de representantes/ouvintes denominado *Clube dos Sócios* da Rádio Aparecida.

Tão tradicional e eficaz é a sua estrutura de participação que boa parte dos ouvintes da rádio – filiados ou não ao Clube – acabam dedicando parte do seu tempo de romaria a uma visita ritual, uma verdadeira reverência às instalações e aos padres locutores da Rádio, localizada do outro lado da Avenida Monumental (a BR-488).

Chama-nos a atenção, entretanto, o fato de que na mancha urbana da Grande São Paulo a Rádio Aparecida tenha sua audiência bastante comprometida pelas interferências de transmissão. Isto acaba colaborando, em contra partida, na atração direta que o Santuário vai exercer junto aos fiéis, potencializando ainda mais o aumento das peregrinação dessa região. Talvez aí mereça sim ser investigado, mais do que em qualquer outra área, o peso relativo das transmissões televisivas das missas, feita pela TV Cultura de São Paulo(VHF) e pela Rede Vida (operando em UHF).

De qualquer maneira, dentro ou fora da região mais urbanizada do país, só podemos relacionar, com maior segurança, o papel da televisão no engrandecimento das romarias a partir da década de 90. Período este em que o movimento anual de peregrinos vem tendendo a uma estabilidade quantitativa (como se observa pelos dados do Anexo 2) e desafiando qualitativamente os serviços prestados no Santuário e na cidade.

Ressaltamos ainda que a programação da Rádio tem evoluído, paulatinamente, para dois caminhos que podem ser considerados supra religiosos: o da

prestação de serviços (debates eleitorais, noticiários diversos) e o do lazer (concursos musicais). Diferentemente da Rede Vida - que além de não estar ligada diretamente ao Santuário visa atender a um outro perfil de fiéis - a Rádio Aparecida integra-se a uma cadeia de Emissoras católicas formando a RCR (Rede Católica de Rádio). Isto mostra ao mesmo tempo duas dimensões da perspectiva de expansão das romarias: a) boa parte dos romeiros de Aparecida cultua a Imagem do Santuário por intermediação sonora e não visual. O que justifica uma atitude de deslumbramento paisagístico com o Santuário, mesmo diante de toda sua limitação estética (dado que não houve uma finalização decorativa da Basílica); b) a multiplicação dessas romarias, fora dos grandes centros metropolitanos deu-se por sobre uma classe baixa e média baixa que poderia acessar o rádio como principal meio de interlocução religiosa, mas ainda tem as dificuldades de reproduzir essa interlocução com os grandes jornais e a televisão.

Será que com novos desafios sócio-econômicos e a ampliação do acesso a escolarização este peso da comunicação radiofônica tenderia a um equilíbrio com os demais meios? A resposta tem sido negativa mediante a natureza das transformações que o Santuário tem implantado para se adaptar as novas demandas sociais. Acontece que um equilíbrio maior na divulgação dos serviços do Santuário, em outros meios de comunicação além da Rádio e do Jornal, exigiria um desenvolvimento cultural de suas potencialidades. O marketing eclesial na utilização de outras mídias - de gibis sobre a história da imagem aos sites da Internet - é tímido e unidirecionado; pauta-se, ainda, numa preocupação repetitiva de evangelizar sob as rédeas e determinações internas da instituição católica.

Por outro lado as demais instituições da sociedade civil não enxergam caminhos que viabilize a interlocução com aqueles 6 milhões de peregrinos/ano. E portanto, os mantém a mercê de uma orientação pastoral monolítica, capaz de atender

suas necessidades religiosas rituais. Mas como ficam as demandas existenciais que recriam cotidianamente a religiosidade desses peregrinos?

Fechamos essa reflexão lembrando que a estratégia de transposição da monumentalidade do templo para a monumentalidade da romaria esbarra quantitativamente num metafórico moto contínuo. Via de regra, conforme anunciava J. Campbell (1991), o mito e a religião como setores autônomos do conhecimento, tendem ao esgotamento metafórico. Tanto um quanto outro comunicam mundos transcendentes e desconexos da realidade que os alimenta.

Entretanto quando a função pedagógica do mito (por extensão, da arte e da religião) entra em cena, novas possibilidades de compreender sua metáfora emergem-se e contextualizam-se. Nestes termos, a perspectiva dos meios de comunicação não deve ser traçada no interior da função religiosa de Aparecida. Mas deve buscar as interlocuções sócio-culturais que transportem à Cidade-Santuário um sistema de atendimento às novas religiosidades.

## 4.2 - O Novo Perfil dos Romeiros

Uma das preocupações estratégicas do velho paradigma científico era (e continua sendo) construir distinções conceituais rígidas e fixas (B.S. Santos, 1988). O mesmo estilo discriminatório transporta-se para o discurso dos líderes religiosos - em particular, os redentoristas - que denominam por "romeiros" os verdadeiros fiéis de uma prática peregrina composta de ações cíclicas e padronizadas (Rosendhal,1996). São "romeiros" aqueles que comprem um ritual litúrgico de visita à Nossa Senhora; são mais romeiros ainda aqueles que atendem às orientações sacramentais do clero,

tornando sua romaria um ato consagrado pela organização e simbolismo religioso: equivalente a uma visita ao Vaticano em Roma (a cidade-santuário por excelência).

Uma investigação pautada por uma concepção fenomenológica da imaginação (Pessanha, 1988), da mitogênese (Campbell, 1991) e da educação, na metodologia de leitura/redação de contextos articulados (Resende,1990) não poderia aceitar esse condicionamento, a priori, que separa o *romeiro* do *não romeiro*; seria como se descriminássemos o *certo* do *errado*, o *bem* do *mal*, independentemente de seus significados contextuais. Primeiro porque o mito que investigamos construiu e equipou o templo para esses "dois" sujeitos de viagem (peregrino, em sentido amplo). Segundo por que, conforme já discutimos, o universo religioso estrito tem origem na ressacralização de imagens profanas, adensadas pelos conflitos existenciais de um *demiurgo coletivo* (manifesto por arquétipos espirituais em um trabalho criativo,o templo no caso). Por isso mesmo reconhecemos que seja este peregrino *não romeiro* o principal desafio para uma ação pastoral específica e uma ampla ação educativa dentro e fora de Aparecida.

Mas está no terceiro ponto o principal motivo de nossa tendência em chamar de *viajante*, todo romeiro, peregrino, visitante ou mesmo turista (como ainda analisaremos), enfim, esse contingente de pessoas que se desloca para o Santuário da Padroeira motivados por alguma significação. Entendemos que via de regra, essa significação esteja comprometida com alguma expressão existencial/cultural de religiosidade (P. Bourdieu, 1992; J.S. Jorge, 1994); expressão esta compreendida como a dimensão mística/espiritual das necessidades existenciais do sujeito em sociedade.

Boa parte das vezes que as ciências humanas substituem o foco de investigação da instituição religiosa para as manifestações da religiosidade, parecem fazer opção conceitual, por enfoques individualizantes em detrimento da abordagem

coletiva. Os trabalhos publicados pelo Núcleo de Psicologia Transpessoal da Universidade de Lisboa - "A vivência do Sagrado (1998) - formam expressivos exemplos de como essa regra possa ser operacionalizada sem contrapor sociedade e indivíduo no universo de estudos ligados direta ou indiretamente à religião. O caminho é metodologicamente simples: é a vivência do sagrado que recria o mito e o sonho como metáforas existenciais. As metáforas, por sua vez, que vão instituir-se em alguma manifestação religiosa (com adaptações pessoais de seus ritos), dependem de forças políticas dominantes e capazes de sistematizar *novas tradições* (a exemplo da procissão das velas entre a Basílica nova e o porto de Itaguaçu, na véspera do dia da Padroeira) e conseqüentemente fomentar outros mitos (*mitogênese*).

Portanto, o que chamamos de *religião* pode ser compreendido como um segmento particular de *religiosidades* que se institucionalizou socialmente como representação tradicional da vivência do sagrado. Dessa forma aquelas *grandes religiões universais*, acabam sendo reconhecidas na escala global por essa grande capacidade política de sistematizar um "sagrado" e uma "sacralidade" que convenientemente reproduza seus ditames e limita culturais de sua civilização. O romance das religiões, *A Viagem de Theo*, de Cathrine Clément (1999) permiti-nos sustentar essa perspectiva a ponto de relacionar religião e religiosidade como cenário e enredo de um "texto teatral", via de regra, compatíveis.

Isto funciona esquematicamente bem, até que as bases profanas do universo sagrado sejam radicalmente abaladas. Como é possível, hoje, diante das primeiras gerações de uma sociedade urbano-industrial, incentivada rapidamente ao consumismo pós-industrial, delimitar com precisão o comportamento religioso mais adequado numa romaria? Em termos pragmáticos, a resposta também situa-se nos

limites do simplório, que povoa a concepção de *mundo pós-moderno*; entende-se que seja sempre necessário resgatar os bons e velhos valores perdidos (R. Debray,1996).

Pensamos poucos problemas tentem a ser contraditório quanto querer resgatar procedimentos ultrapassados em contextos absolutamente novos. Ainda mais quando toda uma espacialidade da *ideologia do novo*, já tenha esculpida exatamente pelas rédeas da mais *velha* das instituições ideológicas: a Igreja Católica Apostólica Romana (ao menos em termos de cultura nacional e civilização ocidental).

E essa contradição tem fomentado desequilíbrios crônicos, justamente por que de um lado se quer atender aos romeiros e às romarias que vivenciam um sagrado oficial e ideal. Mas de outro é cada vez mais necessário absorver um visitante pouco "catequizado" e muito exigente de equipamentos e procedimentos que vão do estritamente religioso ao não sagrado. Afinal que *vivência do sagrado* esse seguimento considerável de peregrinos traz para forçar as mudanças no espaço de Nossa Senhora? Ainda existe necessidade de modernizar o que já fora modernizado? Indubitavelmente, a resposta tem sido *sim*.

O novo perfil do romeiro – e das romarias – vem sendo moldado e remodelado, em Aparecida, a cerca de 25 anos. Este perfil não faz e nem busca fazer desaparecer o velho. Apenas objetiva ser mais reconhecido e melhor tratado em suas necessidades transcendentais. Algo substancialmente legítimo e ao mesmo tempo complexo, ainda mais para uma instituição específica – um santuário mariano de padres redentoristas – que se equipou quantitativamente do que qualitativamente para atraí-lo e recebê-lo. Até que ponto estaria em condições de *compreendê-lo* diante de um contexto político e sócio-espacial tão revolucionário, como o da urbanização acelerada pelos motores da ordem capitalista global?

#### 4.2.1- O Contexto do Devoto "Urbanizado"

Os anos posteriores à modernização das obras na Basílica nova, incluindo a construção da Passarela da Fé, marcam a supremacia da urbanização sociedade brasileira (Becker & Engler, 1994). Mas os valores essencias da herança colonial e agrária não deixaram de ser cultivados. Estão, ainda hoje, em sintonia com a prática religiosa do catolicismo popular (Fernandes, 1982). Teria esse mesmo catolicismo sofrido mais perdas do que se imagina com o êxodo rural de seus fiéis? Ou ao contrário, o culto religioso funcionaria como baluarte da resistência, justamente neste cenário de perda da identidade social?

Abriremos, nesta parte do trabalho, os questionamentos que traduziriam a pergunta essencial: Por que o mito religioso de Aparecida vem se fortalecendo num Brasil cada vez mais dominado pela cultura urbana? Não seria natural esperar um refluxo da religião católica perante o avanço de valores contemporâneos, como o individualismo e a competição? O que realmente alimenta tamanha devoção mariana?

Um dos mais perigosos alimentos devocionais é a ignorância em se lidar com o mundo, em profundidade suficiente para que a relação possa traduzir-se em interação (G. Gusdorf,1973), incorporando-se mutuamente (Chauí, 1989). E que este estranho mundo vem sendo sacudido em seus dois planos de reconhecimento: um no campo dos fenômenos, outro no âmbito de suas representações. Por esta razão, quando os grupos sociais se vêem em transformação (camponeses em migrantes; operários em subempregados; profissionais em estudantes), buscam recorrer às tradições de um mundo tão esgotado quanto inesgotável: um mundo mítico.

Porém a questão primeira seria mais bem posta se aceitássemos substituir o termo "religião" por "religiosidade" (S. Martelli, 1995). Assim passaríamos a observar

o crescimento intensivo de Aparecida, não como um fenômeno isolado, mas como parte de todas as buscas existenciais da identidade urbana no contexto emergente de pósmodernidade.

Todo devoto cumpre um ritual; mas as variáveis no estilo, no tempo e no discurso desse cumprimento podem sugerir a inexistência de qualquer devoção numa leitura do fenômeno religioso que insiste em aprisionar-se pelo velho paradigma.

Uma enquete que realizamos por ocasião da festa de Nossa Senhora Aparecida em outubro de 1996 (Anexos 4), registrou informações curiosas a respeito desse novo devoto urbano. Entrevistamos 50 romeiros de ambos os sexos e várias faixas etárias. Eles foram abordados pessoalmente, de forma direta, nas manhãs dos dias 11, 12 e 13 de outubro daquele ano.

No intuito de demonstrar que ligações os romeiros percebiam entre o Santuário de Aparecida e a cidade de São Paulo, formulamos questões simples que indiretamente delinearia tal ligação. Percebemos, inicialmente, que o maior contingente era de mineiros (40%) e confirmamos junto a Secretaria da Basílica que a maior parte das romarias organizadas para essa época vem do Estado de Minas Gerais. Porém nenhum outro estado revelou maior volume de migrantes inter-regionais do que São Paulo. O que facilitava a perspectiva de comparações pretendida na enquete.

No item que aborda seu conhecimento sobre a própria cidade de São Paulo 80% dizem conhecer a grande metrópole. Um percentual muito próximo afirma já ter visitado outro santuário; mas apenas 42% confirmam ser devotos de outro santo. Tais informações vem induzir uma sugestiva idéia sobre o comportamento ritual de muitos peregrinos, justamente numa época de forte apelo religioso como o dia da Padroeira. Grande parte do envolvimento místico (tradicional ou não) dos visitantes de Aparecida dá-se em função da própria visita. Não absorve um tempo antecedente;

nem se continua indefinidamente. Não se converte, portanto, num ápice do sacrifício devocional que Mircea Eliade (1993) tão bem interpreta como "o eterno retorno" e Zeny Rosendhal reaproveitou como esquematização básica dos diversos centros do mundo que envolve o espacialidade sagrada do Porto das Caixas, no Estado do Rio de Janeiro (1994). Para o devoto urbanizado, mas em trânsito sócio-espacial constante, o centro do mundo não é, ele simplesmente está. Porque mesmo inconscientemente o peregrino urbano, influenciado pela velhas rupturas e perdas dos ciclos rurais e naturais e pelas novas que redefinem as cidades, reconhece a ida a um santuário como uma simples etapa. Para ele o ápice é apenas um degrau e sua religiosidade, quando assumida, não é mais do que um recurso polissêmico de qualificar/cultuar sua existência mundana. Esta sim, sempre passível de sacralização (A. Crippa,1973)

Assim podemos avançar consideravelmente na compreensão de outras representações reveladas na enquete. Vejamos, por exemplo, por que motivo tantos entrevistados (60%) teriam apontado como "mais sagrado" todos os equipamentos e espaços da cidade-santuário. Fundamentalmente porque para uma parcela significativa o sagrado não é um dado fixo, nem espacialmente, nem em intensidade. Boa parte dos romeiros já não distingue a "velha" da "nova" Basílica como fizeram por tantos anos os críticos da construção (mencionados no capítulo anterior). É verdade que isso abala, quando não destrói importantes valores culturais perpassados no reconhecimento do patrimônio arquitetônico. Mas qual a parcela da sociedade brasileira que preferiu abrir mão da urbanização acelerada, por respeito a identidade cultural? É de se estranhar, verdadeiramente o oposto: que se processasse em Aparecida algum movimento de defesa da velha ordem urbana, tendo a Basílica monumental desempenhado um papel simbólico diametralmente contrário desde seu projeto.

Outro indicador desse novo devoto encontra-se em sua capacidade de assumir significados profanos e terapêuticos que motivaram essa visita (Paiva,1995). Para a pergunta que induzia ao motivo principal da peregrinação e o uso complementar da mesma, 30 dos 50 entrevistados (também 60%) reconheceram que aquela vinda, mesmo em dia santo, não se resumia ao campo das funções ou obrigações religiosas.

Podemos lembrar que a questão profana, tão presente nas festas do padroeiro espalhadas pelo país, é uma marca do "tempo sagrado" vivenciando nas mais tradicionais período de nossa história colonial (Priore, 1994). Ocorre que o próprio doze de outubro já é uma instituição do Brasil contemporâneo e urbano. Nas possibilidades de articulação inconsciente entre o sagrado e o profano, pode-se comemorar muito mais, nesta data, o dia da criança com todo seu apelo comercial e familiar, devotando o mesmo apelo a N. Senhora. Novamente aqui, *imaginação é*, por excelência, *a realidade* (Avens, 1994). Além disso uma, festa profana propriamente, marca o dia 12/10 em Aparecida. O encerramento das comemorações é feito, num *show pirotécnico*, com apresentação de grupos de musica popular. Tudo no estrito controle logístico e espacial na programação do Santuário. A festa, portanto, circunscreve-se a "quebra de rotina", o "passeio", a "vontade de descansar", como alguns desses entrevistados mencionaram a justificativa de sua visita ao Santuário Nacional.

Ainda em 1994, quando selecionamos 30 pessoas para um questionário menos direcionado aos objetivos do estudo, diagnosticamos um outro aspecto muito significativo da presença do Santuário na experiência religiosa dos novos romeiros. Poucos são os que mencionam estar em Aparecida pela primeira vez e muitos (mais de 50%) diziam estar voltando outras vezes no decorrer do ano. Na ocasião queríamos, apenas conferir tal incidência. Indagávamos também sobre o tempo de permanência na cidade e a resposta articulava-se com o pouco conhecimento de seus demais espaços

"turísticos". Nestes relatos levantamos que, mesmo com estes constantes retornos, a maioria não conhecia, por exemplo, o Porto de Itaguaçu, local da *pesca milagrosa*.

Nesta nova versão, para a investigação qualitativa, aferimos a importância desse retorno, mesmo limitado espacialmente mas significativamente reincidente, através de duas comparações: Aparecida x outro santuários e Aparecida x São Paulo. Resultado: o cotidiano agitado, violento e materialista da *cidade-mãe* (São Paulo) era reconhecido por boa parte que conseguia estabelecer algum contraste com o Santuário, dentro de certa margem de comparação. Ao passo que entre Aparecida e um outro santuário conhecido, os mesmos entrevistados afirmavam que "era difícil comparar".

Qual a representação mais expressiva que podemos depreender deste último aspecto descrito? O romeiro vislumbrava o santuário com os olhos reeducados por referências urbanas e transitórias. Em Aparecida, ele não procura seu destino espiritual, tão somente, como talvez fizera em seu passado rural. Ali sua motivação obedece as mesmas regras do consumo e do lazer; trata-se de um trampolim (entre outros) para o instável percurso existencial. Considerando-se o tamanho monumental dos novos desafios, nada seria melhor e mais natural que tratar-se, constantemente, nesse monumental *complexo clínico-hospitalar* dos novos *males do espírito*. Males das crises, males de um mundo urbano em intensa transição pós-moderna.

#### 4.2.2 - Novos Padrões de Percepção e Consumo Religioso

Deixamos de tratar, no item anterior de um aspecto fundamentalmente relevante para a reflexão sobre o contexto dos novos devotos. Discriminamos tal aspecto propositadamente. Trata-se do componente concorrencial adquirido pelo ingresso do "pentecostalismo" no vácuo terapêutico das religiões tradicionais. Segundo

o Dicionário das Religiões organizado por John Hinnels (1994) esse sistema dogmático interno ao cristianismo caracteriza-se basicamente por retomar valores e rituais sectários, congregar grupos e lideranças doutrinárias e radicais e cultivar, a partir de uma das mais fortes místicas cristãs – o milagre poliglota pelo dom do Espírito Santo – uma tendência natural a formação de seitas. Essa conceituação corresponde ao pensamento de um dos autores que discutem o sentido contemporâneo e plural do regresso do sagrado (Janeira & outros, 1998). Para José A. Mourão o crescimento de pequenas seitas, como no caso dos velhos e novos pentecostalismos não representa mais do que a manifestação de um mal-estar no interior do grande templo. Seria, em termos profanos, o que as vilas, guetos, associações, entre outros grupos representariam no (e muitas vezes contra o) espaço urbano.

No mesmo período de emergência da explosão de romarias a Aparecida temos o desenvolvimento desse componente, a princípio tão ameaçador para o catolicismo, seja ele popular e tradicionalista, seja ele contestador das amarras sócio - econômicas (ligado a Teologia da Libertação). No fundo o petencostalismo exerceu em sua pulverização de seitas e igrejas e no campo das comunicações com as camadas marginalizadas, um papel pedagógico incontestável e fascinante. Inclusive na capacidade de ensinar o mais tradicional clero católico a lidar com novos padrões religiosos em uma sociedade pós industrial.

A maior parte dos trabalhos que investigam detalhadamente as renovações pentecostais ou "neo-pentecostalismo" - esse fundamentalismo cristão de matriz norte-americana mas com velocidade e metas transnacionais - ignoram a força simbólica e artística, que permite a estas igrejas/comunidades disseminarem-se com notável rapidez. Centram suas análises no campo empresarial atendendo a uma

demanda muito menos religiosa do que sócio - econômica (Pierucci & Prandi, 1996; Gouveia, 1992; Valle, 1998)

Alguns poucos porém começam a ampliar o foco de possibilidades abertas pelo fenômeno das novas seitas cristãs, reconhecendo também sua alta capacidade de adaptação a uma religiosidade mais moderna; isto é, capaz de responder aos problemas provocados pela vida urbana e, simultaneamente usufruir de seus procedimentos empresariais. Em "Teatro, Templo e Mercado", notamos que Leonildo Silveira Campos percorre vários exemplos de seitas pentecostais, não para contestar sua legitimidade religiosa mas para questionar o futuro das tendências mais resistentes às renovações constantes dessa pós-modernidade.

Tivesse ele acompanhado o desenvolvimento expressivo dos movimentos carismáticos na Igreja Católica e a construção empresarial de modernas lideranças litúrgicas na geração de padres dos anos 90, a reflexão teria sido menos particularizada. No que diz respeito às formas de comunicação corpórea , auditiva e visual toda resistência do cristianismo histórico terá a mesma dimensão de sua capacidade de adaptação. Nenhuma igreja que retornar a condição de seita ou movimento esotérico. Mesmo porque a maior parte das lideranças dessas seitas e movimentos agem e discursam no sentido de construir futuros monopólios.

E é justamente no trânsito entrecortado de projetos eclesiais e adaptações teológico empresariais que os fiéis consumidores das renovadas formas de espiritualidade vão se relacionando com o *mercado religioso*, de um jeito muito mais pragmático e utilitarista.

Pode-se segmentar os novos padrões de percepção e consumo religioso de acordo com a classe social e o seu grau de inserção urbana nos espaços de uma cidade grande ou média. Quanto mais recente a ocupação urbana desse espaço (com

infra-estrutura ainda incompleta) maior a probabilidade de penetração das "lojas" e "serviços" pentecostais.

Por outro lado entre as áreas privilegiadas dos grandes centros urbanos quanto maior a tradução de problemas sócio econômicos em dramas psicossomáticos maior também o apelo por terapias alternativas e suas recriações combinadas. O leque de possibilidades, neste caso pode ser imensurável indo das filosofias orientais até os pentecostalismos *light*- como da Igreja Renascer - passando é claro pelos ocultismos , jogos de adivinhação e orientações de auto ajuda (Terrin, 1996)

O trabalho, em antropologia urbana, de Magnani (1995) permitiu-nos compreender espacialmente uma tendência efetiva da religiosidade contemporânea. Quando afirmamos participar de uma terapia, experimentamos a mesma lógica religiosa dos "crentes" pentencostais. Por conseguinte, investimos num caminho de aceitação da liberdade religiosa como liberdade de mercado. Nosso discurso, via de regra, vai reivindicar a velha matriz da fidelidade e da clareza de doutrinas para classificar um "alvo" de novas religiosidades como uma *verdadeira* religião. Mas nossa prática e sobrevivência, num universo de valores neoliberais, será incondicionalmente muito mais assimiladora do que pretendemos ou recusamos.

É notável reconhecer em Aparecida um crescente esforço ritualístico para atender os mais diferentes grupos católicos que para ali se dirigiam em suas romarias organizadas, e ativamente determinadas a estabelecer o tipo de celebração que querem. Isso, parece não por em risco o controle litúrgico e teológico do clero redentorista. Muito menos desfigurar o tradicionalismo de um santuário que se impõe como *capital religiosa*. Mas indiscutivelmente abre espaço para uma outra gama de adaptações e convivências ritualísticas externas ao próprio santuário. Por que a Câmara municipal de Aparecida insistiria em negar a presença de outras igrejas na área central

da cidade? Por que o próprio Santuário recusa-se a promover eventos ecumênicos, em conformidade com a prática menos preconceituosa de seus novos fiéis? Por que, enfim, o espaço do Santuário já tão a manifestações comerciais - com o estabelecimento do Centro de Apoio ao Romeiro (CAR) - não investe também em manifestações culturais diversificadas capazes de dialogar com essa religiosidade emergente?

Continuamos os questionamentos justamente porque reconhecemos, nesta etapa, que a pesquisa *interage* com as realidades. E paradoxalmente a isso nos faz enxergar que algumas realidades, por mais próximas que estejam, ignoram-se mutuamente. Este é o caso do Santuário que se constituiu capital religiosa, sediou seu poder no templo, mas ainda não aprendeu com a Cidade-Mãe, como exercer externamente tal poder.

# 4.2.3 - As Práticas Religiosas diante das Transformações Urbanas.

A cidade metropolitana, pós-industrial, condensa um complexo cosmopolita de desafios e tensões. O chamado "caos urbano", a nosso ver, sedia a fonte mais valiosa das práticas religiosas de nosso tempo. A violência, o desemprego, os contrastes e abismos sócio - econômicos, as drogas, o anonimato, a solidão, o trânsito, as enchentes, o lixo, os blecautes e rodízios, a instabilidade econômica as catástrofes, enfim, não há modelo melhor de inferno justamente por ele conter todos os mais acessíveis *caminhos do céu* .Quantitativamente, temos conflitos suficientes para muitas pescas milagrosas; qualitativamente porém...

Tomamos como exemplo esquemático desse ambíguo potencial metropolitano, o fenômeno do Santuário do Terço Bizantino na zona sul de São Paulo.

De que maneira tal prática interage com as transformações urbanas e leva a Igreja Católica para um outro patamar de inserção sócio-cultural?

Encaminhamos esta reflexão para falar mais diretamente de um caso explícito de assimilação ritual com vistas a *ressacralização* de uma prática profana.

O santuário paulistano, agora em questão, merece um trabalho de investigação geográfica específico. Sua constituição vem no bojo de uma convergência de fatores sociais, políticos e religiosos, entre os quais até a subdivisão da arquidiocese de São Paulo é preponderante (T. Loro, 1995). A personalidade referencial de seu funcionamento está representada na figura do Padre Marcelo Rossi, cuja imagem possui sua ampla inserção nos meios de comunicação de massa (programas de rádio, televisão e lançamento de cd). A trajetória do Padre é a mesma de um *pop star* do meio artístico e suas missas *carismáticas* ou *de libertação*, iniciadas em 1995 na Paróquia do Perpétuo Socorro (região de Interlagos, na zona sul da cidade de São Paulo) tiveram que se deslocar para espaços cada vez maiores e compatíveis com multidões de até 50 mil pessoas (Anexos 5)

O santuário, espacialmente falando, nasceu em torno de uma mística absolutamente urbanizada, empresarial e moderna. Foi primeiramente instalado no galpão de uma casa de shows e bailes, conhecido como "Gonzagão" para atender a multidão de até 20 mil fiéis. Depois, teve que transferir-se para as instalações de uma antiga fábrica de cosméticos, em um pólo industrial do bairro que tem sido, paulatinamente, transformado em área comercial e de prestação de serviços.

Ali o referido santuário é capaz de receber, em 5 missas semanais (2 nas quintas - feiras; 1 nos sábados e outras 2 nos domingos) um contingente de até 120 mil pessoas. Isso tem-se repetido desde junho de 1998, quando a transferência para o local ganhou uma inesgotável cobertura na mídia. O Instituto Brasileiro de Opinião e

Estatística (IBOPE) registrava, na ocasião, altos índices de audiência televisiva e caravanas de transportes familiares e coletivos de diferentes bairros, cidades e estados passaram a lotar os estacionamentos próximos ao local.

No final do segundo semestre do mesmo ano, o cd-player, com as músicas cantadas e dançadas no Santuário Terço Bizantino, batia recordes, atingindo os 3,7 milhões de cópias vendidas. Um outro feito, não menos extraordinário, seria capaz de inverter práticas católicas mais habituais para os dias de Carnaval, quando o padre colocou na avenida em frente ao Santuário, uma multidão de aproximadamente 70 mi pessoas para seguir o "trio elétrico do Senhor Jesus", isso em pleno dia do feriado mais *profano*, se assim podemos nos referir, do país!

Perguntamos de maneira meramente casual: O Santuário do Terço Bizantino – denominado desta forma por sugerir que as orações dos fiéis devam ser praticadas com maior agilidade e eficiência – apresenta-se como um espaço sagrado, profano ou ressacralizado? Articula-se em que espécie de mito religioso?

Respondemos, buscando coerência com o raciocínio anterior: é sagrado pela capacidade mística de ressacralizar, o profano num contexto metropolitano por excelência. E continuará sendo sagrado até que outras contingências da religiosidade urbana desafie e modifique o perfil dessas romarias; desses espetáculos da fé. Seja por conflitos internos, na dinâmica de poder da diocese de Santo Amaro – desmembrada, em 1988, da Arquidiocese de São Paulo e rivalizando-se com sua linha de atuação por apostar numa igreja de orientação "carismática" – seja por conflitos externos, advindos do jogo de interesses financeiros ou da construção de espetáculos religiosamente mais atraentes.

Contudo, a modificação também pode se dar numa direção de reforço a institucionalização monumental do espetáculo. A mesma sincronia contextual que fez externamente Aparecida desenvolver-se como espaço contíguo da metropolização de São Paulo, pode repetir-se internamente. E tudo isso dentro de uma lógica sócio-econômica muito mais rentável e liberal, ainda que indiscutivelmente católica.

Nenhum crítico conseguiu, até o momento, desestabilizar ou manchar a prática eclesial de Padre Marcelo Rossi. Sinal de que sua retaguarda política é forte — amparada na liderança crescente de D. Fernando Figueiredo, bispo da diocese de Santo Amaro — o aparato técnico e litúrgico impecável e o apelo popular dos fiéis, para com esta forma de culto e prática religiosa, amplamente favorável. Recentemente *o templo-fábrica* sofreu uma intervenção (10 meses depois de estar em funcionamento) da Prefeitura de São Paulo, por não apresentar condições mínimas de segurança e conservação para realização de suas celebrações. Bastou uma semana para que toda adaptação fosse feita e as missas – que continuaram, no período de intervenção, sendo realizadas na avenida — retornassem às instalações da antiga fábrica.

Lembramos este último episódio como mais um fato significativo da agilidade política dos agentes eclesiais, no sentido de coadunar as práticas religiosas com os ritmos e desafios tipicamente urbanos. Quando igrejas cristãs como a Universal do Reino de Deus, a Deus é Amor, ou a Congregação Cristã adaptam garagens, armazéns, cinemas, depósitos, na forma de templos para seus cultos, não entendem estar banalizando ou mercantilizando o cristianismo. Ao contrário, reconhecem naquilo um passo decisivo de uma obra sagrada enquanto vontade do Senhor. Neste sentido, tentam expressar espacialmente a perspectiva monoteísta do templo de Salomão (K. Armstrong, 1995), destuindo e construindo materialidades tantas vezes quanto necessário. Os santuários de Aparecida e do Terço Bizantino, no catolicismo, transitam por caminhos bastante similares. Todas essas produções relevam as novas

religiosidades e formas simbólicas de crença condizentes com a urbanização que se tem e que usa como referencial de modernização da existência social e espiritual.

Nesta nova matriz o sagrado não é um *código* ou um *contexto* regido pela austeridade; não é um espaço especial e absolutamente ordenado pelo mistério e pelo inatingível. *O sagrado é o profano que viabiliza o existencial*. É um contexto de identidade. Um código que justifica a dessacralização dos ritos agrários e pretéritos pela ressacralização de neomitos (Diegues, 1997) condizentes com a existência urbana e suas sobrepostas escalas de transformação.

# 4.3 - Descobrindo Um Lazer Sagrado; Uma Religiosidade Turística

Uma das maiores revoluções antropológicas e comportamentais da sociedade sedentária contemporânea está na redescoberta de uma nova forma de nomadismo. A medida em que os territórios nacionais e internacionais se reconhecem e se relacionam; que as migrações se multiplicam; que os modos de vida se padronizam; enfim a medida que a urbanização se intensifica em várias escalas territoriais, a mobilidade social no espaço (físico ou virtual; próximo ou distante) torna-se condição de existência máxima. Viajar para o homem sedentário é sinônimo de pleno existir.

Mas neste "viajar" não se faz – ou cada vez se faz menos – o culto mitológico da aventura e do exílio espacial e concreto que marca "O herói de Mil Faces "sintetizado como uma mitogênese pessoal pelas reflexões de Josef Campell (1995). E o viajar cotidiano; uma "viagem" de lazer; uma ruptura entre tantas outras que marca as etapas do herói, não no exílio, mas em sua "urbe et orbe".

Como lazer, a viagem é um dos objetivos mais mencionados na ocupação realizada ou pretendida - para o chamado tempo livre, o tempo ocioso da lógica de produção (Rodrigues, 1997). Ainda que feita em um dia, sem participação formal de uma agência, ainda que representando um pré-turismo, essa viagem vai ocupando o papel de um direito fundamental como saúde e moradia e educação. Qual a maneira mais conveniente, portanto, de dar significado a este lazer, de forma que ele também possa ser posteriormente reconhecido como produtivo? Veja que a questão é tendenciosa e permite-nos a aproximação da idéia de que não só o "tempo livre" é relativizado — posto que o ócio pode até ser mais produtivo do que trabalho — como também toda opção pelo viajar deve estar inserida num sistema sócio-econômico viável. Trata-se de reconhecer no turismo uma sistematização completa e sagrada do exercício contínuo de lazer.

Sendo assim, temos a possibilidade de afirmar que uma das maiores marcas do desenvolvimento da vida urbana, numa sociedade que dá os primeiros passos em sua pós-modernidade, está justamente nas formas de viabilizar o seu lazer num empreendimento turístico contínuo e diversificado.

Recentes artigos jornalísticos – seguindo os dados do anuário estatístico do IBGE (1997) – já registram São Paulo como maior pólo receptor de turistas estrangeiros no país. Mas não precisamos desses dados para reconhecer que está em São Paulo o maior centro de motivação e emissão de turistas brasileiros para os demais pólos e áreas receptoras no Brasil e no mundo. Assim a Cidade- Mãe de nossa investigação nos serve de campo privilegiado para demarcar a representatividade urbana do setor "econômico que mais cresce no mundo (como afirmam boa parte dos turismólogos): o setor religioso.

Naturalmente não será feito aqui todo um detalhamento de como essa representatividade se desenvolveu na Grande São Paulo nos últimos anos. Nosso interesse está centrado num campo muito particular de tal dimensão; aquele que nos permitiria até compreender e sugerir novos caminhos para os agentes pastorais e sociais de práticas religiosas tão contemporâneas.

O certo é que ao se fazer uma peregrinação, nos moldes da experiência urbana, faz-se toda uma prática ritual de lazer e turismo. Seja por motivos estritamente devocionais e práticas exclusivamente eclesiais; seja pela mera curiosidade de ver e estar em um local diferente (uma Basílica, uma missa, um ato litúrgico, etc); em qualquer dos casos se exercita um ato de lazer porque, entre outros motivos :

- a) Procura-se uma utilização mais significativa do tempo livre;
- b) Deverá ser repetido em outras ocasiões por motivos semelhantes;
- Estabelece a continuidade com as práticas cotidianas imaginadas na cidade, embora se valorize mais as diferenças e/ou rupturas.

Buscando interpretar esse crescente apelo ao exercício da peregrinação, no interior das práticas religiosas urbanas, encontramos um notável paradigma de análise para trabalhar o estudo dessa *Mística da Viagem* a Aparecida. Teria a religiosidade urbana adquirido uma caracterização turística? Seria o turismo uma forma de culto espacial plenamente inserido nas regras de um universo urbano, ainda que pontualmental ressacralizado? Então por que, no Brasil em geral, e particularmente em Aparecida, tão pouco se divulga e se trabalha o campo do turismo religioso? Será que, com tamanhas e tantas peregrinações, não se poderia criar programas em escala regional ou nacional, economicamente viável e culturalmente dinamizador da dimensão turística que envolve de cada romaria?

São questões perigosas e desafiadoras no sentido de mexer com interfaces de terrenos que até então não eram reconhecidamente vizinhos. São também contribuições arriscadas, dado que elas não amadurecem de um longo trabalho empírico convertido em dados e estratégias de aplicação prática. Todas essas questões emergem de observações abertas no ensaio e erro, próprio do procedimento interativo de nossa metodologia. Encomendam, entretanto, possibilidades de se sistematizar objetos de pesquisa nesta mesma linha de trabalho com a fenomenologia da imaginação. Tais objetos conteriam, necessariamente uma visibilidade simbólica intermediada por instrumentos literários (ou equivalentes) como outros pilares da terra. Capazes, assim, de ler o fenômeno turístico de maneira mais humanística do que as ciências humanas habitualmente fazem.

Podemos, antes de aprimorá-las, rever o caminho através do qual chegamos a esta necessidade de propor a compreensão da mística das viagens através do reconhecimento de que a religiosidade urbana é fundamentalmente turística. Primeiro fez-se a análise de como se constituiu a mitogênese da metropolização de Aparecida, reinventando o mito da Imagem no mito do Templo. Lembramos que isso não parou com a modernização do próprio templo e que o caos urbano impôs ali desequilíbrios similares aos das grandes cidades. Buscou-se em São Paulo, não só os desafios desses desequilíbrios, mas os processos que os fazem interagir com as novas práticas religiosas. Deparou-se uma alteração substantiva na ideia de sagrado que esclarece como o mito metropolitano dáse num espaço religioso tradicional, com empreendimentos nada tradicionais. E atingiu-se, no momento de enquadrar as mais recentes reformulações no Santuário (traduzidas pela construção do Centro de Apoio ao Romeiro), um redirecionamento do mito e do papel do templo nesta nova dinâmica de práticas religiosas. Seria o projeto do CAR e seu Shopping da Fé, um caminho para o Santuário reivindicar-se

também como capital do turismo religioso nacional? (Como diria o beato "Vamo divagá com o andô que a Santa é de barro!!").

### 4.3.1 – O Shopping da Fé: um templo da "religiosidade turística"?

Na década de 90, nada mais causou tanta polêmica no Santuário e na Cidade de Aparecida do que o empreendimento, anexo à Basílica nova, conhecido como projeto do CAR que, em sua primeira etapa, inaugurou o Shopping da Fé (Anexos 6).

A obra iniciou-se em 1996. Demorou mais de dois anos para concluir sua 1ª fase, em maio de 1998, correspondendo a um complexo de lojas e serviços que avançam pelo pátio do estacionamento da Basílica de faz deslocar a paragem de ônibus, neste setor, para as colinas adjacentes.

O complexo compreende 720 lojas em quatro corredores duplos que partem de uma mesma praça com serviços de alimentação, em forma de "X". A estrutura geral assemelha-se integralmente ao modelo dos principais centros comerciais das grandes cidades, sem a presença, contudo, das grandes redes de lojas. Entretanto, o que mais diferencia, esse "Shopping da Fé" dos outros é o fato de um corredor de entrada anexá-lo a nave sul da Basílica, permitindo que uma conexão direta entre o consumo material e o *consumo espiritual*. Algo já delineado por Noé Sotillo quando da construção do subsolo da Basílica, agora manifesto explicitamente na paisagem.

A maior parte da contestação e do debate sobre o *Shopping da Fé* girou em torno dos aspectos econômicos para sua instalação e manutenção. A primeira razão que a Arquidiocese alegou para construí-lo era a insegurança, o vandalismo e o abuso comercial trazido pelos ambulantes para o interior da área de estacionamento e escadarias da Basílica.

Consultando algumas autoridades locais - inclusive o próprio Noé Sotillo, que se manifestou contra a idéia - e ampliando seus contatos para conhecer melhor o universo religiosos sobre o qual era responsável D. Aloísio Lorscheider, convenceu-se de que a obra só seria possível por iniciativa exclusiva da própria arquidiocese. Mas diferentemente de outros empreendimentos do Santuário, em termos de aluguéis e vendas indiretas, a construção de um centro comercial da própria Basílica seria, a médio e longo prazo, uma conquista definitiva da autonomia financeira do Santuário.

Em princípio, a divulgação de que as obras seriam iniciadas e o comércio local poderia ser afetado, trouxe a necessidade de esclarecimentos e negociações com os comerciantes da região. Queriam eles garantias de que não seriam prejudicados por essa concorrência. A resposta da Arquidiocese e da Administração do Santuário na pessoa do Padre Darcy, (administrador da Basílica) era simples: " Vocês podem evitar a concorrência que tanto temem, adquirindo um espaço comercial dentro do CAR".

A empresa contratada para negociar as vendas dos pontos estabelecia – um ano antes da inauguração, em maio de 97 – os seguintes valores para cada setor:

Setor	Venda (R\$)	Aluguel (taxas de condomínio )
A	23.000,00	450,00
В	20.000,00	420,00
С	19.000,00	380,00
D	17.000,00	350,00

Todas as lojas mediam 9m<sub>2</sub> e de acordo com sua proximidade da praça de alimentação (reservada aos grandes grupos de "fast food"), podiam ter custos mais caros (setor A) ou menores (setor D). No início de julho, com a promessa de finalização

das obras entre outubro e dezembro, as lojas do setor D estavam esgotadas e as demais ficaram em média 5% mais caras.

Ocorreu entretanto o atraso na construção das estruturas metálicas e os prejuízos apareceram. Para Basílica o orçamento saltou dos 17,5 milhões de reais previsto para cerca de 23 milhões de reais, só com o encerramento desta fase. Já no comércio local, as perdas foram proporcionalmente maiores e algumas desistências e atrasos fazem, ainda hoje, com que o Shopping funcione com 70% de sua capacidade. Isto é, muitas pontos ainda estão literalmente desativados.

Mas como ficou resolvido o fator comércio ambulante? Até que pondo foi afastado ou desapareceu? É preciso lembrar que o *comércio informal* em Aparecida nas lojas e nas feiras é sua grande força matriz, conforme já tratamos em item anterior. O Santuário e a Arquidiocese sabiam disto e puseram esse comércio em xeque ao atraí-lo de maneira planejada para seu interior. Não nos cabe polemizar sobre a legalidade da Igreja em encaminhar desse ou daquele jeito um fluxo financeiro que continua *escapando* total ou parcialmente ao controle fiscal do Estado. No exercício de seu monopólio, a Igreja encontrou uma solução, ao menos legítima, foi encontrada para isto de forma a aumentar sua receita. Preocupa-nos, isto sim, relacionar os desafios deste projeto e sua principal obra com as novas demandas religiosidade, e consequentemente, com seus reflexos na urbanização de Aparecida.

Tudo que discutimos a pouco sobre as mudanças nesta religiosidade urbana e a aquisição de uma prática ritual das viagens turísticas, não foram deduzidas de um mero arcabouço teórico. O CAR é um empreendimento inacabado, em planejamento e implementação. Não só por que continua a entender exclusivamente como "romeiro tradicional" aquele que ali faz o papel de consumidor; mas também porque este consumidor quer adquirir mercadorias, terapias e culturas no espectro das

transformações religiosas que ele tem vivenciado. Não foi possivel ainda desenvolver uma enquete, com o peregrino, a respeito do CAR. Mas observa-se, neste período que sua utilização ainda encontra-se limitada.

Se fosse apenas um espaço visando a atender apenas o *velho* romeiro – aquele *caipira*, mais tradicional até do que o protagonista da canção *Romaria* de Renato Teixeira – o Santuário montaria um espaço compatível no Largo da Matriz, junto à Basílica velha. Deste modo, o pretendido *apoio* ao romeiro poderia ser visto como eminentemente eclesial. Mas não foi o que ocorreu nem era a intenção.

Acontece que o também inacabado empreendimento vem insistindo em manter percurso limitado demais para implementação suas melhores potencialidades. Caso fosse reconhecido como uma espécie de *Centro de Apoio ao Turista*, onde o romeiro tradicional (do campo ou da cidade) estivesse tão presente quanto tantos outros visitantes atendidos, o projeto apontaria menos contradições e maior articulação com atuais e futuros empreendimentos para o desenvolvimento de Aparecida.

Paralelamente ao Centro de Apoio foi, pré inaugurado, no mesmo ano de 1998, o Complexo de Diversões Paisagísticas e Eletrônicas conhecido como *MAGIC PARK*. Sob responsabilidade da empresa SEPAR de capital italiano o empreendimento implantou-se a menos de 500m do Santuário, as margens do Paraíba e da estrada de ferro, apresentado-se com o nome de Parque Recreativo e Cultural e tendo sua aprovação junto a Prefeitura em setembro de 92; bem antes do CAR ser projetado.

Compreendendo uma área total de 157 mil metros quadrados, (sendo 6.5 mil m² de área construída) – a título de comparação Centro de Apoio possui 36 mil metros numa área de 1,265 milhões de m² contínuos da Arquidiocese – o Magic Park aparece como o primeiro mega empreendimento de capital privado e não religioso, em Aparecida (Anexos 7)

Sua construção, embora tenha sido iniciada antes do CAR, veio a ser a grosso modo concluída no 2º semestre do ano de 1998. E da mesma forma que o Shopping da Fé, seu funcionamento ainda está limitado por contingências de planejamento isolado daquilo que deveria ser integral.

Afinal, qual é o público para um parque destas dimensões, vizinho a Basílica? Antes de responder aquilo que pode paracer óbvio, gostaria de lembrar que no projeto assinado pela Park Inn Participações Engenharia e Comércio Ltda" - representante da SEPAR no Brasil - a idéia de parque cultural é completada por dois objetivos: servir de espaço recreativo e religioso simultaneamente. Segundo o arrazoado que a que a Park Inn encaminhou à Prefeitura, o parque religioso além de possuir o maior presépio animado do mundo, as instalações sobre Cristo, mostrará sua vida do nascimento até a morte e a vitória final da fé cristã.

Portanto, se até o Magic Park, com capacidade de atender o lazer de 9000 peregrinos/dia, tem relevantes preocupações sobre o consumo religioso, por que o CAR não poderia estender suas potencialidades às iniciativas recreação e cultura?

O grande problema que circunscreve boa parte das perguntas que formulamos encontra-se de fato na administração centralizada do monopólio (político e religioso) herdado e assimilado pelo Santuário. Agora seu desafio está em aprender a lidar com as regras monopolistas de um mercado concorrencial, onde grandes investimentos não tem a durabilidade prolongada de décadas atrás. Digamos que se Noé Sotillo *incorporou* um misto de Jack e Philip, ele não deixara atualmente nenhuma Sally e nenhum Jonathan como herdeiro. Neste sentido a construção do CAR, nos moldes realizados, não passou até então, de um empreendimento ousado e correto com métodos equivocados e parciais.

Faltam parcerias, planejamento estratégico, marketing regional, ampliação dos debates para discutir seus impactos (inclusive ambientais), etc., falta enfim atualização política no encaminhamento das decisões. Algo terrivelmente inacessível tanto para a milenar Igreja Católica (L. Boff, 1985), quanto para centenária Congregação Redentorista (F. Reis, 1998). Mas se esta atualização não ocorrer (de dentro para fora ou vice-versa), será mais fácil planejar um programa um turismo religioso na Grande São Paulo do que num centro de peregrinação como Aparecida! É que a Cidade-mãe mantém-se fértil para reproduzir-se em um só templo.

### 4.3.2 - Outros Modelos de Centro de Apoio

O primeiro Centro de Apoio inaugurado em Aparecida foi sem dúvida o subsolo da Basílica. Esta reorientação – entre todas aquelas já vistas no capítulo III - introduzida no projeto de Benedito Calixto de Jesus Neto, foi um achado daqueles em que o improviso ultrapassa o planejamento quase que por milagre.

A própria administração do Santuário não sabe ao certo qual será o futuro do subsolo depois que todo complexo projetado para o CAR estiver pronto. Contanto que as funções consideradas profanas não adentrem ao perímetro de *máxima sacralidade do santuário* (a Basílica nova e suas dependências imediatas) — entenda-se atividades profanas o comércio ambulante — o uso do subsolo ficará a mercê de decisões internas. Presumivelmente para o serviços eclesiais e pastorais.

Até que ponto os redendoristas aceitariam sugestões para futuros redirecionamentos espaciais e funcionais no Santuário? Até onde a explicitação dessas opiniões em um documento artigo ou tese (como neste caso) não seria taxado de heresia? Talvez, ainda que de força pouco provável, até o ponto de demonstrarmos

outros caminhos e experiências com um Centro de Apoio Turístico a este romeiro que se pretende atingir.

Em Juazeiro do Norte, no Ceará, o que chamamos de Centro de Apoio, delimita-se como um equipamento de serviços gerais, em frente a Igreja de Nossa Senhora das Dores. Seu aparato, em relação as dimensões do subsolo da Basílica de Aparecida, não passaria de um *quarteirão*. Porém é a parceria de religiosos, leigos, instituições comerciais culturais – como a própria Universidade Regional do Cariri – e a prefeitura local que garantem o verdadeiro *apoio* aos visitantes e as romarias de devoção a padre Cícero Romão Batista. Indiscutivelmente o maior Santo popular do país, apesar de toda resistência da resistência da Igreja romana.

Em Lujan, na Argentina, são os enquadramentos das diversas ordens religiosas somados a força política do governo local que garantem tal apoio, mantendo e reequipando as áreas de lazer, dentro e fora do santuário nacional. Ali também, o reconhecimento do espaço sacralizado pela padroeira portenha ao longo deste século gerou um desenvolvimento acelerado da área urbana. Mas os serviços complementares advindos de outras funções econômicas — como a presença de uma universidade Nacional — ajudaram a alavancar Lujan como um patrimônio ímpar do turismo interno, amplia assim a esfera de decisões no manejo, no manejo de seus problemas (Gutman,1995)

Um dos caso mais expressivo, de reorganização do equipamento instalado, que observamos encontra-se em no Santuário de N.S de Fátima, em Portugal. Nesses termos voltamos a tratar de um patrimônio religioso-nacional de amplitude mundial. Seus milhões de peregrinos/turistas vivenciam ali um processo de acolhimento religioso, recreativo e cultural muito superior a capacidade fornecida isoladamente pelo CAR que investigamos. O arranjo político dos papéis que cada

autoridade eclesial, administrativa e empresarial deve exercer chegou a tal ponto de amadurecimento que, diante das propostas de reordenamento espacial a consulta popular torna-se imprescindível.

O primeiro exemplo dessas iniciativas geográficas que recolhemos, foi a realização de um evento denominado EXPOFAT, realizado em 1985 e publicado no bojo das comemorações do 75º aniversário das Aparições da Virgem na Cova da Iria. Tratase de um conjunto interdisciplinar de estudos, visando debater a expansão urbanística e transformação sócio ambiental daquele povoado e suas adjacências.

Tendo sido organizado e promovido pelo Santuário e outras entidades públicas em escala local e nacional, a perspectiva maior era subsidiar um autêntico plano geral de urbanização capaz de monitorar o desenvolvimento da freguesia de Fátima (até então pertencente ao Conselho de Ourem, segundo a divisão administrativa do território português). Diante de um exemplo como este, seria absurdo propor que a expansão (ou reelaboração) do projeto de centro de apoio, em Aparecida, sucedesse a um trabalho de teor diagnóstico desse porte?

Além disso, pelo que observamos, um outro exemplo de implantação arquitetônica, vem sendo desenvolvida no santuário como o nome de *Nova Basílica de Fátima*. Na verdade, a idéia corresponde a um espaço de convenções pensado sob a orientação do SEAC (Serviço de Ambiente e Construções do Santuário) que em 1996 divulgou a proposta com o nome de GECA (Grande Espaço Coberto para Assembléias). A popularização do GECA como nova basílica se deve ao fato de que o seu uso como igreja ou auditório seria sazonal, isto é conforma a época e as necessidades(Anexos 6)

Fosse no caso de Aparecida, a Nova Basílica dificilmente teria tanto apoio e contribuição. Primeiro porque se resiste em construir espaços arquitetônicos marcados pela versatilidade. Ainda mais quando se quer apoiar um romeiro ideal oferecendo-lhe um *shopping* ao seu limitado, mas real consumo turístico. E segundo, porque é na sondagem da opinião pública que se cria raízes para um centro de apoio efetivo. Qual a sondagem feita em Aparecida para criar o "*Shopping da Fê*"? Ainda que isto não tenha existido, nada justifica que daqui para frente não possa vir a ocorrer.

Nada impede, portanto, que um centro de apoio ao turismo religioso se efetive; torne-se mais monumental – embora pulverizado em múltiplas iniciativas – do que o próprio templo que lhe deu origem. Afinal, a prática do consumo num centro de compras do Santuário é, além de uma sustentação econômica, uma ritual de sociabilidade e lazer. Fundamental, portanto, num mundo cada vez mais urbanizado.

Pensamos que a imagem mítica da Cidade-Santuário ainda seja viável em sua constituição futura. Seria um sonho ver em Aparecida um pouco do dinamismo urbano que Santiago de Compostela, na Espanha, ou Ouro Preto, em Minas Gerais possuem. O histórico, o artístico, o turístico e o futuro... tudo num equilíbrio sócioespacial aos moldes de Kingsbridge; e não de Exeter como gostariam tantos Willian!

Mas ainda falta dimensionar um último aspecto dessa mística viagem. Se tantos espaços assumem representações sacralizadas diante da nova religiosidade firmada pela ampliação do mito, qual o espaço da resistência? Quais as chances da resistência produzir o *sonho* mencionado acima? Metaforicamente, qual o lugar em que os sujeito da cidade-mãe podem construir templos, sem deixá-los a mercê de falta de imaginação?

## 4.3.3 - A Ambigüidade Cristã da Mística Mariana

Dos quase 100 santuários católicos oficiais espalhados pelo Brasil, mais de 60% são devotados a Maria, mãe de Jesus.(Rosendhal, 1994)

Todos os Santos padroeiros das nações latino-americanas são invariavelmente Nossas Senhoras.(CELAM, 1989)

A maioria das comunidades e paróquias das dioceses que formam a Grande São Paulo são dedicadas a Nossa Senhora (1). A Virgem de Aparecida protege o maior contingente dessas igrejas somando, até o início da década 43 paróquias e comunidades, segundo dados do catálogo de endereços Arquidiocese de São Paulo, antes do desmembramento de 1988.

As aparições marianas tem sido a mais comum e repetida forma de revelação das mensagens e orientações místicas do novo testamento (Palacios,1995).

Os próprios movimentos católicos de valorização tradicionalista como a TFP (Tradição, Família e Propriedade), a Opus Dei, ou pentecostais como a Renovação Carismática, centram radicalmente suas atividades no culto permanente a Santa Maria.

Afinal, qual a dimensão mitológica de tamanha religiosidade centrada em uma divinidade feminina? Seria isto a raiz teológica de uma contradição intrínseca ao monoteísmo cristão? Será esse apego devocional algo mais complexo do que a mísitica da Santíssima Trindade?

De fato o romeiro de Aparecida não se envolve com este emaranhado de inflexões filosóficas. Simplesmente acredita que Nossa Senhora Aparecida, mais do que qualquer outro santo católico, no papel de mãe de Deus, seja capaz de intervir a favor de suas necessidades. Sua invocação é, em si, um meio de comunicação com o Divino, esteja ele em qualquer dimensão da Santíssima Trindade.(C. Boff, 1995; Pinkus, 1991))

Onde estaria, então, o problema da profanação questionado a pouco?

Onde o marianismo cristão revela sua ambigüidade sacralizando profano?

A mais recente capela de Aparecida, construída nos fundos da Igreja de São Geraldo e ao lado do Porto de Itaguassu indica o caminho para esse lugar. Cada

vela, cada ex-voto, cada olho cerrado, cada mão ao céu, cada passo indica o mesmo caminho. É que todos esses gestos palavras e imagens indicam um espaço interior e anterior àquele manifesto. Em Aparecida (Anexos 8), esse lugar encontra-se, mas não se observa, como o fundo arenoso do Paraíba do sul. Na Imagem, ele se sente como a cola que liga a cabeça da Santa ao restante de seu Corpo. No interior do templo, ele interioriza o mesmo lugar convertendo seus olhos reverência monumental. E, na cidade-mãe, ele vive sua versão da natureza-mulher, que só entidades míticas, como Maria, são capazes de *divinizar*. Escondendo e perpetuando sua materialidade metropolitana.

A *profanação* não é e não será, na religiosidade urbana pós-industrial, um exercício de sacrilégio, maléfico em si, ou destrutivo. Ela dimensiona no fundo o quanto inacabado estão aqueles espaços que nossa existência sacralizou.

O mito cristão, por exemplo, sacraliza-se, no retorno ao Deus judaico do Velho Testamento; ressacraliza-se no Deus ungido do Novo Testamento; mas profaniza-se constantemente na materialidade da Imaculada Conceição. A virgem não é nem pode ser deus mas dá origem ao divino. E este *só através dela* - e *nunca para ela* - é capaz de salvar a humanidade (Edinger, 1995)

Analógica ou metaforicamente vemos ocorrer a mesma e idêntica mística na relação entre São Paulo e templo de Aparecida. Só por intermédio da metropolização da cidade e que a basílica se efetiva. Mas não para a cidade-mãe muito menos para a cidade-filha (a própria Aparecida "do Norte"). O Templo é sagrado, mas a Cidade não. Esta é tão somente uma outra imagem venerada, solicitada e profana nos meandros barrentos de nossos interesses.

A cidade é Kingbridge; é o espaço acolhedor dos sonhos e dos delírios de Tom Construtor; a Cidade é um continente pobre e distante que nos fornece por amor platônico uma Madona de Cedro. A Cidade é a mãe de Jack que vive na floresta e traz uma intuição tão aguçada que beira a sabedoria mágica. A Cidade é a mística metrópole e dela provém todos os templos sagrados que morrem e ressucitam no 3º dia, conforme as escrituras.

As Cidades também são as interlocutoras privilegiadas das sagradas escrituras. Delas partem todas as místicas viagens; nelas nascem e crescem todos os templos templos. São elas os maiores instrumentos de trabalho já inventados pela humanidade e assim como Maria, no mito cristão, os maiores espaço de hierofania já concebidos para esta mesma humanidade... Ai de ti Jerusalém!, Roma, Lisboa, Brasília, Rio de Janeiro, Aparecida, ai de ti São Paulo! Ai de todos os filhos teus que não construírem em si um templo, um monumento uma pequena imagem da viagem que é a existência de cada um.

### Notas

(1) Um levantamento preliminar nas regiões episcopais da antiga divisão Arquidiocesana de São Paulo (até 1988, incluindo as dioceses de Osasco, Santo Amaro e São Miguell) indicava que, na maioria absoluta das mais de 100 comunidades e paróquias dedicadas a N. Senhora, manifestava-se a devoção a senhora Aparecida. A reportagem dos Anexos 1 reforça este apelo paulistano pela Santa a medida que atualiza a preferência da população católica pela Santa sobre os demais santos da igreja.

# Capítulo V - RITOGÊNESE DA CIDADE- MÃE

## 5.1- Aquelas discutíveis considerações finais...

A trajetória da investigação chega a este final, que mais se assemelha a um *ponto de transição para múltiplas possibilidades*, fazendo uma provocação direta ao novo espírito científico bachelardiano. É que nos propomos a conduzir uma pesquisa científico-acadêmica sobre um espaço mítico tornando religioso e no alcance de seu desvendamento, encontramos as dimensões mais profanas de sua estruturação.

Nada disso nos deixa tranquilos ou satisfeitos pelo dever cumprido. Ao contrário, parecemos viver a angústia desse "novo" contexto que se enquadra em muitas superações e pouquíssimas conquista de fato. Noutros termos, perguntaríamos: a pós-modernidade equivale ao pré-o quê? A desmontagem do racionalismo científico corresponde a montagem de ou quais referências?

Não se vê respostas; somente manifestações. Exatamente por estas é que lançamos mão de compor 12 aforismos ou fragmentos de uma *intencionalidade* pós - moderna. Quando uma tese (um pilar científico) se encerra, seu destino mais positivo está em seu poder de multiplicar continuidades ou rupturas.

Tanto num caso como no outro, buscaríamos explorar seu filão essencial - (intersubjetivamente falando) e, a partir dele, continuaríamos alimentando o espírito científico de outros estudiosos. Contudo a pós-modernidade em seu perfil de *contexto prematur*o nos lança um procedimento científico coerente e ambíguo: deve-se, por hora, fechar a pesquisa e defender o conteúdo pesquisado num ato heróico de auto afirmação.

Concordamos que ao aceitar esse caminho, atende-se a uma necessidade didática — em príncipio, uma pedagogia anti-bachelardiana, por afirmar que toda mensagem deve ser clara e funcional — antecipando a postura auto afirmativa do trabalho científico. Faremos portanto, a partir das próximas linhas uma grande "inversão metodológica". Outra vez, metaforicamente, seremos um presente de grego só para invadirmos esse mundo troiano, sedento de novidades em velhas roupagens.

Ao mesmo tempo, permitiremos amarrações conclusivas. Não uma nem duas, mas doze, capazes de assumirem múltiplos papéis entre eles, responder a ingênua pergunta "afinal" onde essa tese quis chegar?"

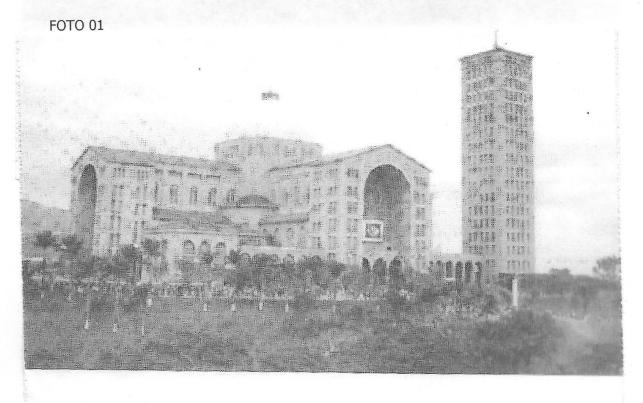
Entretanto, para não nos viciarmos nesse arcaico didatismo das conclusões, lançaremos mão de um décimo terceiro aforismo, nada convencional: um conto dedicada a cosmogonia aplicada que Ken Follet permitiu-nos fazer em Aparecida; um conto substanciado em quinto elemento bachelariano (água + fogo + terra + ar = demiurgo); ou uma simples passagem arquetípica da imaginação desse pesquisador que encontra em sua cidade-mãe mais pilares do que no romance que nos inspirou.

Chamamos de Ritogênese da Cidade-mãe essa multiplicação, ora venosa ora vital, de pilares e marcos de sustentação. Um templo volta-se para o *eterno*, para o *celestial* a medida que parte do *terreno*, do *telúrico*, da *Mãe Terra*. Um templo é o nosso melhor presente coletivo na capacidade mitológica de partirmos da Deusa para chegar a Deus. No capítulo anterior discutimos o quanto esse processo retro-alimenta a ambigüidade intrínseca do Cristianismo, tão insolúvel quando disseminadora de expansão de sua Ética Universal.

Porém não conectamos essa dimensão funcional e coletiva dos cultos de espaços e templos monumentais com o avanço do pós-modernidade. As metrópoles são santuários complexos dessa nascente pós modernidade contemporânea se delas partem agora os novos templos – não como montanhas, rios, florestas, montes ou qualquer monumento natural; mas como equipamentos absolutamente artificiais. De que maneira aquela mística viagem poderá nos remeter ao Ser original; o Demiurgo maior que contemos como resultado alquímico dos quatro elementos?

Nossos aforismos responderão paulatinamente: nos infindáveis rituais de retorno a cidade de origem ou *culto ritogenético da cidade-mãe*, culto este que passou a ser feito desvairadamente na paulicéia existencial de cada um. Ali a Deusa recebe de volta a imagem "decapitada" de nossas enigmáticas individualidades. Ali no cotidiano pacato ou frenético do mundo profano, a ritogênese recicla seus caminhos fecundos: de fora para dentro. Até comporem uma inspiração e formal material: dentro para fora.

Façamos juntos a ritogênese do texto – os aforismos *surracionalistas* da pós-modernidade – para que possamos alcançar (e compreender) a ritogênese conduzida pelo templo da Cidade-mãe através de 2 de seus milhões de *templários*.



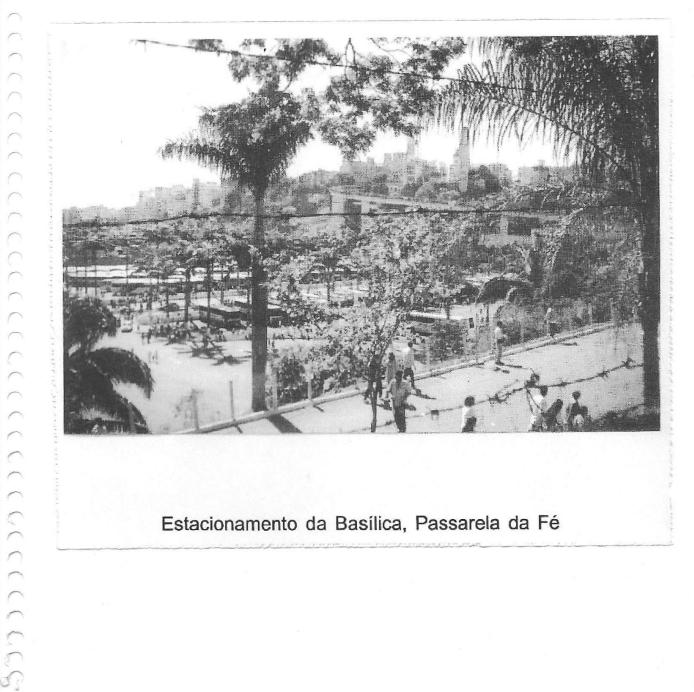
Basílica Nacional, Aparecida/SP

I . A INVESTIGAÇÃO: O templo da Cidade-Mãe consolida a possibilidade de espaço mítico-religioso ser geograficamente investigado, dentro dos paradigmas de uma fenomenologia da imaginação (com base nos estudos epistemológios de Gaston Bachelard).

Seu objeto fenômenico, portanto, corresponde a um olhar científico sobre o contexto que permitiu a construção, desenvolvimento e manutenção da Basílica Nova do Santuário de Nossa Senhora Aparecida à 170 Km da capital paulista.

E tal contexto, mais do que o templo, ou santuário, em si, é o que definimos geograficamente com o conceito de metropolização.

FOTO 2



Estacionamento da Basílica, Passarela da Fé

II - *O CAMINHO*: Ter de investigar um fenômeno quase inexplorado pela Geografia nos obriga a uma escolha radical: ou abandonarmos a questão mítico religiosa em nome da segurança metodológica, ou abandonamos os métodos mais seguros propondo nesta questão um caminho específico: a redação de um contexto mítico reconhecido e composto a partir da desmontagem de um romance policial.

A metodologia representa em parte a extensão deste caminho. Mas fundamentalmente ela se traduz no veículo principal. Sua ligação com a pesquisa de mestrado sobre o conhecimento geográfico no ensino determina, em grande parte, tal proposição.

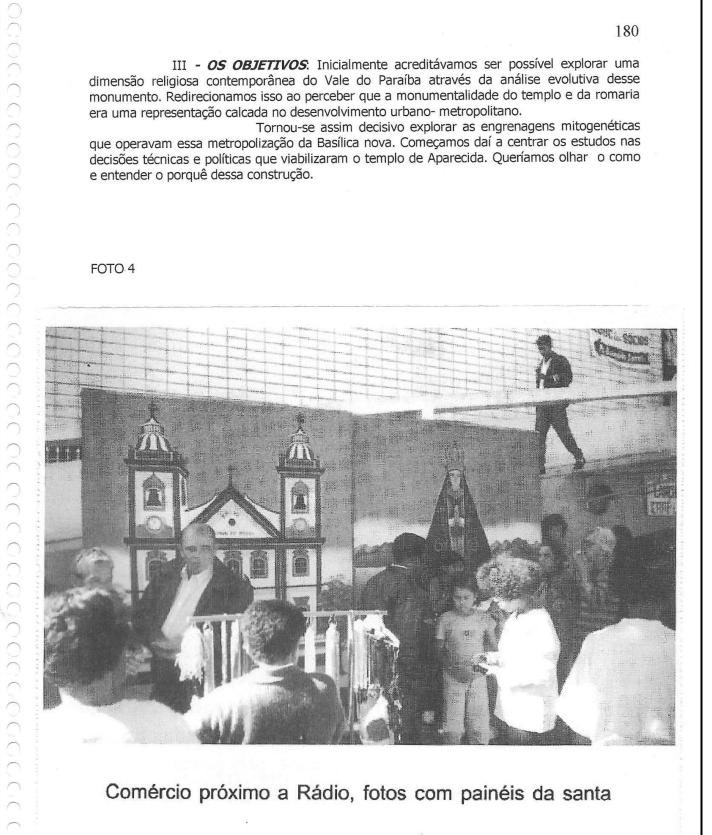


Vista do mirante, Rio Paraíba do Sul

III - OS OBJETIVOS. Inicialmente acreditávamos ser possível explorar uma dimensão religiosa contemporânea do Vale do Paraíba através da análise evolutiva desse monumento. Redirecionamos isso ao perceber que a monumentalidade do templo e da romaria era uma representação calcada no desenvolvimento urbano- metropolitano.

Tornou-se assim decisivo explorar as engrenagens mitogenéticas que operavam essa metropolização da Basílica nova. Começamos daí a centrar os estudos nas decisões técnicas e políticas que viabilizaram o templo de Aparecida. Queríamos olhar o como e entender o porquê dessa construção.

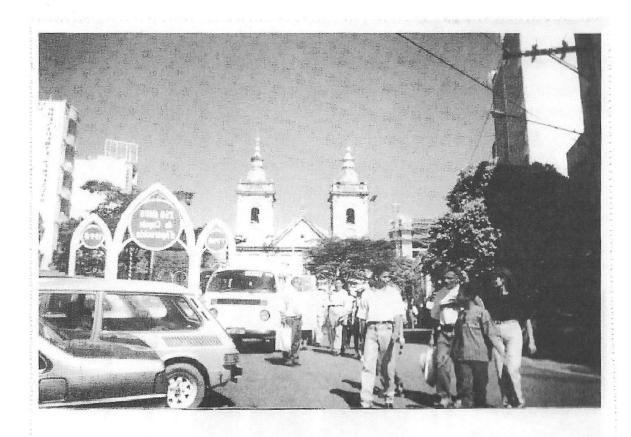
FOTO 4



Comércio próximo a Rádio, fotos com painéis da santa

IV - AS OBSERVAÇÕES: De 1994 a 1998 observamos em Aparecida muitas romarias, celebrações @ manifestações de sociabilidade (religiosa e não religiosa) em vários setores da cidade e do santuário. Cada vez que fazíamos esse nível perceptivo do método proposto.

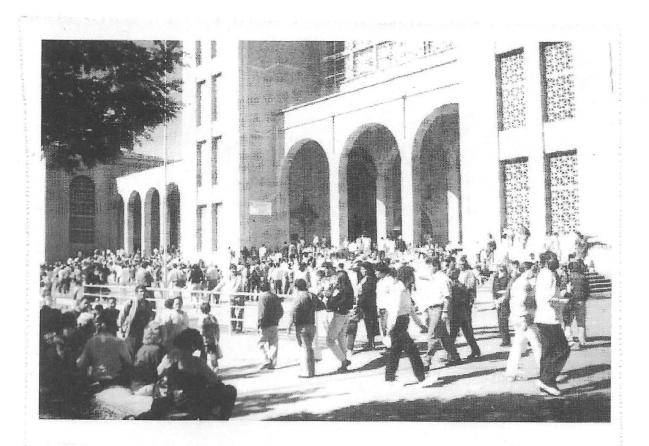
Percebíamos gradativamente uma realidade truncada sistematicamente: o Santuário monumental ocultade tanto quanto revelava uma cidade atrofiada. Mas se a monumentalidade religiosa corroda o rito da capital mariana por que a capital, em si, ficou urbanisticamente limitada?



Rua em frente à Basílica Velha

V - **AS CORRELAÇÕES TEÓRICAS**: Textos de psicologia e sociologia da religião foram tão importantes quanto os trabalhos acadêmicos e as reportagens que narravam o desenvolvimento de Aparecida. Tudo nos parecia lógico dentro das históricas relações de poder entre a Igreja e o Estado. Até que na virada do anos 60/70 a construção da Basílica demonstrasse procedimentos empresariais de aceleração arquitetônica e urbanística sem precedentes.

Em fins 1995 com a leitura do romance os "Pilares da Terra" atingimos o esclarecimento simbólico que restava: na construção de uma paisagem religiosa a imagem mitológica e fundamental.



Pátio do santuário, início da Passarela da Fé

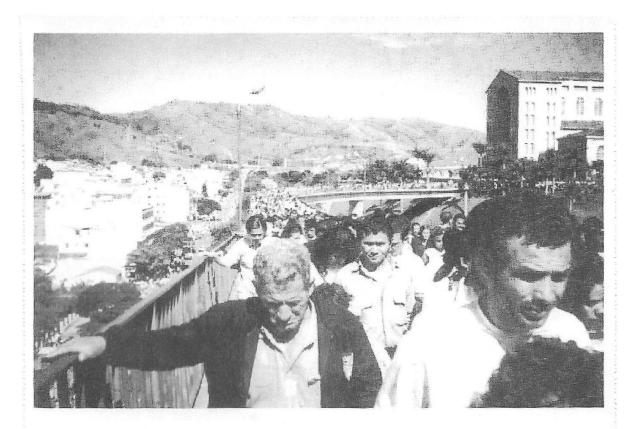
VI - AS CORRELAÇÕES EMPÍRICAS: O Santuário de Fátima tornou-se um dos mais equipados centros de peregrinação do mundo graças a exportação sistemática de sua imagem. Chamamos isto de migração simbólica que com N.S. de Aparecida vem a ocorrer em fins da década de 60. O que a personagem central do romance fez com a Madona de Cedro levando- a para catedral de Kingsbridge, D. Antônio Macedo repete, por mais de 800 localidades do Brasil, facilitando as bases sócio econômicas para racionalizar a construção do templo pelas mãos de Noé Sotillo. Dali em diante a basílica de Aparecida seria de todos, menos de Aparecida propriamente.



Sala das promessas

VII-*AS CORRELAÇÕES METROPOLITANAS*: O estrangulamento definitivo da cidade tem seu marco inicial na inauguração da Passarela da Fé.

Os números astronômicos das romarias, os desafios administrativos do Santuário para finalizar a construção e fazer sua manutenção, enfim a monumentalidade efetivado no mega-equipamento religioso revelava o que chamamos de *Metropolização do Templo*. Mas se o templo metropolizava – se, a cidade "parava" e a "capital religiosa" era efetivada nacionalmente em dois planos; um *físico e territorial*, como Santuário da metrópole paulista e outro *virtual* como modelo de resistência de devoção católica em tempos de crise eclesial.



Passarela da Fé, Santuário ao fundo

VIII - *A INTERPRETAÇÃO*: a metropolização do Santuário, entretanto, trazia em seu bojo a expressão caótica da saturação demográfica e ambiental. Em cerca de 25 anos o templo (e todas as suas inovações modernizantes) se mostrou insuficiente para atender convenientemente os novos romeiros.

Isto se explicava, exatamente no nascedouro de uma metropolização terciária que reformulava o papel da cidade-mãe. A São Paulo da produção tornava-se a São Paulo dos serviços, da gestão, do consumo e do lazer. Internamente o romeiro mudara seu perfil, sua religiosidade entrava no ritmo urbano caráter definitivo.



Vendedor de camisetas, Santuário do Terço Bizantino/SP

IX - **AS REFORMULAÇÕES EM CURSO**: Durante o trabalho uma série de transformações ligadas a estas primeiras tentativas de responder a saturação metropolitana não estavam em curso.

Muda a direção da Arquidiocese, crescem os movimentos carismáticos na política e na liturgia católica, abrem-se os mercados para as privatizações neo-liberais, explode o desemprego e a violência urbana, finda-se a política desenvolvimentista com o plano "real" de estabilização econômica contenção da inflação. O Santuário cria seu Centro de Apoio ao Romeiro, o "Shopping da Fé" e nos lança num terrível dilema: discutir ou não este empreendimento à luz de um diagnóstico mítico-espacial, voltado para o turismo.



Monumento de entrada, Centro de Apoio ao Romeiro

X - **AS LACUNAS**: Havíamos enfrentado uma opção epistemológica e decidido percorrer um terreno mais pantanoso. O nível interativo de nossa metodologia ficaria circunscrito ao mapeamento do quadro estrutural que compararia Aparecida aos outros Santuários nacionais e internacionais, com algum apelo metropolitano.

Se de um lado, não nos sentíamos em condições efetivas para levar essa empreitada, por outro parecia estranho ter de caracterizar a metropolização e ignorar suas mudanças.

O jeito foi ampliar a zona de risco fechando a investigação na relação Santuário / São Paulo, e assumir a discussão em cima de observações incompletas.

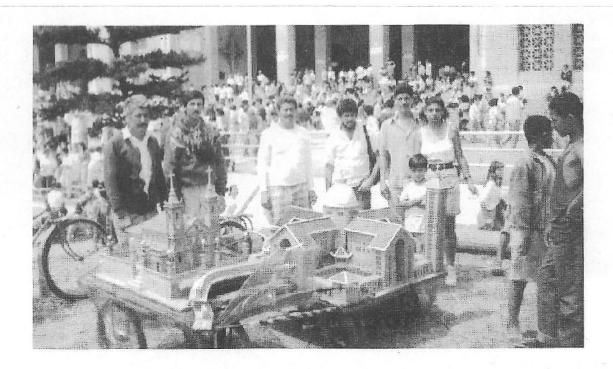
#### FOTO 11



Santuário de Fátima (Portugal), Padre Cícero (CE), Santuário de Lujan (Argentina)

XI - A INTERAÇÃO COMO CRÍTICA: O desenvolvimento do capítulo sobre a "mística" em torno das romarias está pautado em um enorme "arrastão" de idéias. Nos termos clássicos do "velho" espírito científico, boa parte das reflexões sobre as romarias e os romeiros em viagem pairam no campo das conjecturas inconsistentes.

Porém, assumindo tais lacunas bem como as desmontagens metodológicas que a fenomenologia da imaginação autoriza e a Redação do Contexto chama de *Viagem ao Templo*, exercitamos a discussão aberta dos novos projetos. A crítica, desta feita, permite a reflexão geográfica, turística e pedagógica das soluções propostas para esse templo da Cidade Mãe.



Maquete do Santuário, devoção de um romeiro (Antônio Gonçalves)

XII A INTERAÇÃO COMO CRIATIVIDADE: A ida ao templo como um "místico" peregrino atento a muitos prós e contras do templo não nos fez esquecer que a "mística" nasce no "mito" e este é reinventado cotidianamente nos "ritos" de nossa vida mundana. Lembramos de um entre tantos fiéis que dedicam seu templo existencial (sua vida) a reverenciar a Imagem em um templo para Cidade-Mãe. Lembramos Antônio das "basílicas"; mineiro, comerciante, morador de Francisco da Rocha, que em todo mês de outubro trás para Nossa Senhora um presente: uma Basílica feita em palito de fósforo. Tal como Tom Construtor de Os Pilares da Terra ele realiza o seu sonho dando asas a sua criatividade. Transforma sua fé num rito "templário": constrói e protege seus templos doando-lhes a Senhora da Conceição Aparecida. Mas esta transformação no espaço profano de seu dia a dia demora meses...

...Foi em uma quinta-feira, dia de Corpus Christi, que Antônio recebeu a visita de uma outro templário ......um peregrino estranho ....observador inquieto, que lhe fez lembrar Jack, o filho de Ellen. O que será que ele quer de um simples artesão....

## 5.2 - O Templário Pós-Moderno

O primeiro trem da tarde que encostava na estação de Franco da Rocha – cidade-dormitório à noroeste de São Paulo – trazia uma figura inusitada em busca de outra.

Aquele estrangeiro disfarçado de gente do pedaço era o instigante Jack, filho de Ellen, em mais uma de suas missões do lado de fora da mitológica Kingsbridge: encontrar a pessoa que muitos afirmavam ser o próprio Tom Construtor.

Dessa vez as sabias "más linguas" afirmavam que seu pai adotivo fora visto naquelas imediações travestido de dono de botequim nas proximidades da estação. O genial caipira tinha o dom de criar igrejas de madeira com a mesma facilidade de um poeta ao defrontar-se com uma fonte de inspiração. Seu nome seria Antônio Gonçalves – meio sugestivo de "brasilianizar" sua identidade, sem romper os laços com seu jeito universal de ser – um ser comum capaz de feitos nada comum; um demiurgo segundo Gaston Bachelard.

O trem para enquanto Jack repassava instantaneamente todas as motivações de sua busca. Ele, filho de um trovador e de uma bruxa, estaria ali mais uma vez para fazer magia e poesia num estranho ato de investigação. O que lhe moveria a perda daquele feriado de Corpus Cristi para embrenhar-se pelas "selvas" periféricas da Grande São Paulo? Se a sua catedral estava já pronta, para quê investir nessa procura nebulosa? Esse "Tom Construtor", reencarnado ou impostor, teria realmente algo de novo a lhe mostrar ou dizer? Afinal, quem teria algo a aprender no ato de erguer uma catedral? Eu ou ele? A não ser que esse encontro troxesse um motivo mais íntimo – relatar a Tom que sua obra, em palitos de fósforo, não passa de uma imitação infantil da genialidade de Jack – nada poderia justificar aquela perda de tempo.

Nada...? Era uma espécie de defesa pessoal de uma tese interior ...

- Deseja alguma coisa meu chapa? Perguntava o vigia da estação, desconfiado e precavido, ao perceber o comportamento um tanto estranho de Jack.
- É ... boa tarde disse Jack, sem esperar a resposta do vigia é por esta rua que eu chego no bar do Antônio?
- Antônio do Bar do Apito? o vigia olhou na direção da rua apontada por
   Jack antes de confirmar a reposta É isso mesmo. O senhor segue até o final do primeiro quarteirão dessa rua. O Bar do Apito, é o de esquina.

Jack agradeceu já a cinco passos do informante, como se quisesse evitar novas perguntas. Caminhou apressadamente e, em menos de dois minutos estava na porta do bar sendo observado pelo moleque que comprava goma no balcão e os fregueses na calçada do lado de fora. Alguém estava agachado atrás do balcão. Devia ser Tom, pensou. Naqueles longos segundos que sucederam a revelação, todas as

questões que angustiaram Jack, no trem , voltaram-lhe a cabeça com a instantaneidade de um bombardeio eletrônico.

Os fregueses ignoram aquele ser hipinotizado que marchava para dentro do bar; mas o menino, como que intrigado pelos olhos fixos de Jack, deu o alarme:

- Dona Helena, olha... o moço chegou.
- Num tô achando esse chiclets Tonho. Será que você recebeu mesmo? Eu vi o
   Dito entregar Ping-Pong, mas Babaloo? .... Continuava a balconista sua procura sem ligar para o apelo do menino.
- Pera aí qu'eu já acho esse Babaloo "mulé". Antônio respondeu, lá dos fundos, e continuou murmurando algo que Jack não entendeu. Estava agora em novas e interessantes divagações.
- Dona Helena. Voltou o menino. Dona...
- Aqui! Achei Josias. Tava na caixa... Parou notando a presença assustada de Jack que a olhava como um fantasma ou uma divindade... -de bombom. BoaTarde...? Pois não?

A cena ficou mais que alguns segundos "congelada" de fato e uma eternidade fixada na cuca de Jack. Era a resposta mais inesperada para suas indagações. Procurar Tom (um pai adotivo) era reencontrar Ellen (a mãe original) para então "adentrar" em si mesmo (o mais sagrado dos templos). Aquele "espelho" momentâneo, trocadilho próprio um deus-menino, sempre disposto a novos desafios ígneos, descongelou a situação.

- Puxa! O moço parece tanto com a senhora! É seu filho dona Helena?
- Que isso Josias, que idéia é essa? Desculpe senhor...?

 Jack. Sou Jack o arquiteto da catedral de Kingsbridge – Percebeu o formalismo desnecessário – Sou um estudante. Eu vim conhecer... conversar com o Sr. Antonio Gonçalves sobre as as igrejas que ele faz...

Antes de concluir, D. Helena já se livrava daquela cena aos berros.

- Tonho; Tonho vem cá que o moço de fora quer falar é contigo. Vem logo "home".
- Tô indo, mas você não achou o babaloo ainda... disse Antonio chegando apressadamente pela passagem que dava acesso ao interior da casa. Olhou Jack balançou a cabeça em cumprimento a Jack e continuou a falar da goma.
- ... Eu pus na caixa daquele chocolate aí na prateleira de baixo.
- Já achei "home"... É que o moço tá te procurando. Disse ela mais baixo e já disposta a ficar na retaguarda do papo que sairia dali.
- Opa, comigo? Pois não?
- Sr. Antonio, Sou Jack. Agora mais objetivo e seguro. Estive em Aparecida para conhecer as basílicas de N.Senhora e me disseram que o senhor é um grande artista de catedrais em miniatura. Eu gostaria de entrevistá-lo... quer dizer, bater um papo sobre suas obras.

Jack parou de falar e ficou observando para ler a reação de Tom diante daquelas palavras. Além disso precisava ambientar-se com a nova descoberta. Seus olhos voltavam-se para Ellen, mas seus sentimentos mesclavam naquela dona Helena, muitos outros personagens femininos sem os quais sua vida não poderia ter chegado até ali. Via sua esposa Aliena; a Igreja do padre Phillip; a imagem da madona de cedro e a musa ibérica que por esta imagem lhe jurou amor eterno; via a Floresta sua primeira morada e Sally sua filha e herdeira artística. Estava portanto diante do delírio mor que diz: um homem só alcança sua natureza divina pelos desígnos de sua

Mãe Terra. Dona Helena era a única e verdadeira razão dele ter chegado até ali. O resto – pensava – era texto e pretexto

 Desculpe, mas n\u00e3o sei se vou poder ajudar muito - disse Tom ap\u00f3s certo tempo de reflex\u00e3o sobre o sentido daquelas palavras. – Desculpe, mas ser\u00e1 que j\u00e1 n\u00e3o lhe conhe\u00e3o de algum lugar?

A indagação repentina tirou Jack do êxtase e desencadeou no menino Josias um momento de ruptura com o interesse por aquele encontro.

- Tarde Dona Helena; até logo Seu Antonio! Eu já vou indo e quero ver se ainda pego o açougue aberto. Até! – Pagou e saiu de cena pela rua transversal.
- Tchau Josias, Dá lembranças a D. Nailde e diz a sua mãe que eu mando o catálogo dos cremes no próximo Sábado. É que amanhã vamos ter visita aqui em casa. - completou Ellen, aproveitando para arrumar o balcão e deixar Tom à vontade com o rapaz.
- Não sei Respondeu Jack após observar o entorno talvez tenhamos nos encontrado em outra vida. – Disse e sorriu.

Ellen aproveitou a deixa - pediu licença para cuidar dos afazeres domésticos.

- Precisando, estou aqui dentro Tonho. Tenha uma boa tarde professor ... Jack.
- Não sou professor senhora Ellen...; senhora He-le-na. Tento sê-lo no futuro;
   por enquanto faço pesquisa. Devolveu Jack, arrancando o primeiro e último sorriso daquela mulher que jamais sairia de sua imaginação.
- Você não era professor de uma escola lá em São Paulo? disse Tom continuando o raciocínio da mulher.

- Não Negou categoricamente Jack, achando melhor livra-se de qualquer referência pré-concebida.
- Bom, então acho que só veio me procurar por causa das notícias sobre as igrejas de palitos de fósforos. Quer saber como e porquê elas são feitas, não é mesmo?
- Sim e não, Seu Antônio. A propósito, posso chamálo de Tom?

Jack deixou Tom mais surpreso e intrigado do que antes. Acompanhou-o num olhar tenso, até o momento de vê-lo sentar-se à única mesa com cadeiras já armadas dentro do seu botequim. Mas não recusou seu apelo para uma longa conversa. Afinal quem era esse sujeito. Professor, pesquisador, repórter, algum parente aprontando alguma... ou... seria um fiscal da prefeitura pronto para um suga-suga! PQP! Até no feriado essa gente aparece?

- Sente-se Tom. Não prescisa ficar assustado. Meu trabalho não lhe trará nenhum custo ou perda. É apenas um exercício de imaginação.
- Será que você poderia ser mais claro, Sr.Jack.
- Tornei-me um arquiteto graças ao sonho e a resistência de pessoas como você. Em minha terra vi florecer uma cidade. Resultado do jogo de forças entorno da contrução de uma catedral. Contaram-me, depois de tudo terminado, que a situação vivida por mim e meus amigos era como uma mitologia; uma espécie de história fundamental que se repete, por outras linhas, em tantos outros lugares.
- Um minutinho, acho melhor fechar o bar. Assim a gente pode prosear a vontade. Tom levantou-se, cerrou as portas e voltou mais curioso e envolvido pela última justificativa de Jack – Continue rapaz.

- Vim para o Brasil conhecer o templo de Nossa Senhora Aparecida e o contexto de sua construção. Fiquei assustado com certas semelhanças que este lugar tem diante da minha Kingsbridge e minha catedral inglesa.
- Poxa ! você é inglês? E nem parece. Como veio parar nestas bandas de cá.
- Pois é Tom. N\u00e3o poderia terminar meus estudos comparativos sem conhecer suas obras. \u00e0 que fui aprendiz de um pedreiro muito especial conhecido em minha Terra como Tom Construtor. Disse com os olhos marejando em l\u00e1grimas.
- Acho que a coincidência para aí no nome. Não sou pedreiro. Sou apenas um comerciante que a dez anos quase ficou com as pernas travadas. Mas graças a intervenção milagrosa da Senhora Aparecida, pude voltar a andar e trabalhar. O que faço com os palitos de fósforo não passa de uma brincadeira de criança, um gesto humilde de alguém que queria agradecer a Mãe de Nosso Senhor e não sabia como. Um dia olhando a imagem da Basílica por uma folheto que ganhei em minha primeira romaria até Aparecida resolvi transformar esse passatempo em obrigação. Fiz as duas basílicas para a festa da Padroeira em 1993. E nunca mais parei de fazer, até hoje.
- É gozado. Toda minha vida achei que destruir ou contruir um templo fosse uma grande brincadeira. Conhecer a basílica de Aparecida não desfez essa minha idéia. Mas te ouvindo falar e olhando suas obras – expostas em fotos ampliadas nas paredes – fico certo de que estamos muito enganados.
- Ué, porque enganados?
- Porque crescemos e nos tornamos adultos em busca de uma vida mais real,
   cheia de responsabilidades e sacrifícios. Quando enfrentamos tal realidade e
   perdemos somos descartados, viramos cenário, matéria-prima de uns poucos

que irão pensar o nosso mundo no lugar de nós mesmos. Mas quando vencemos, tendemos a achar que estamos sonhando, que reencontramos nossa infância perdida, que a batalha não era tão dura assim.

- Sim, mas eu continuo achando que fazer uma catedral com milhares de palitos de fósforo durante meses para levála a pé, todos os meses de Outubro, até Aparecida, seja de fato uma dureza.
- Mas n\u00e3o acreditaria seu dissesse que sua obra \u00e9 t\u00e3o importante quanto ou
  at\u00e9 mais importante do que o pr\u00f3prio Santu\u00e1rio, n\u00e3o \u00e9?
- Que isso rapaz?! O que eu faço é só uma gota diante do oceano de graças que Nossa Senhora nos dá.
- Eu sei que tu és um homem de fé. Também quero aprender a sê-lo. Mas eu lhe pergunto Tom: o que você acabou de dizer, da gota e do oceano, vem de você mesmo ou dessa graça divina a qual você se refere?
- Não sei... Agora você me confundiu de novo! Mas, porque essa pergunta?
   Isso faz parte da entrevista?
- Desculpe Tom. Não, isso não é uma entrevista, é uma viagem de idéias, uma guerra de sonhos e imaginações". Ah! A propósito, você já leu este livro? – E abaixando, retirou da mochila o volume ao qual se referia.
- Se não é uma entrevista para sua pesquisa, seus estudos, não entendo porque minhas opiniões sobre minha experiência de fé poderia ser útil em alguma coisa. Será que o senhor não gostaria de falar com o pároco da igreja de Franco da Rocha? É ele quem organiza as romarias daqui para Aparecida retrucou Tom de um jeito mais formal, ignorando o livro sobre a mesa e torcendo para que aquele sujeito fosse filosofar em outras bandas.

- Tom, eu sei que lhe pareço estranho. Mas não pense que vim de tão longe para permanecer no meu engano. O contexto do Santuário de Aparecida, sua basílica nova, seu desenvolvimento, ou seja, tudo que diz respeito a esta pesquisa não passam de pretexto para nossa aprendizagem.
- A que aprendizagem você se refere afinal? O que faço no cumprimento de minha fé não entendo como procura ou aperfeiçoamento de nada. Não estou aprendendo coisa alguma; apenas renovando minha gratidão para com Deus.
- Uma apreendizagem de relações entre mundos e espaços que teimamos em separar Tom. Chame como quizer está sua "renovação". Chame de fé, que eu chamo de mito; chame de serviço que eu chamo de ciência; o que importa mesmo é saber, que nossos atos, funcionam de fato como uma ponte. Você conhece a Passarela da Fé, em Aparecida?
- Sim, claro, é uma lugar bonito e genial.
- Foi em sua origem uma "brincadeira", ou melhor uma resposta imediata e polêmica a uma situação de ruptura. Dois mundo, dois espaços foram recriados num só.
- Ainda não entendi porque eu deveria considerar minhas maquetes tão ou mais importantes do que a igreja que elas imitam. Pra falar a verdade não sei nem o porquê de estar dando tanto valor a esta conversa – disse Tom, já no limite da impaciência.
- Calma Tom, não se irrite. Digamos que eu só queira que você renove sua fé com maior consciência. Sou eu que estou aprendendo contigo, visitando sua casa Voltou a lembrar de Ellen, e se emociou Cada vez que você faz uma basílica e a presenteia ao Santuário, uma ponte entre seu mundo cotidiano e

seu mundo sagrado é reconstruída em seu interior. Você vive, ao seu jeito o mito da criação.

- Taí! Você agora falou certo e bonito! Cada vez que faço o trabalho e o levo ao Santuário pareço estar mais próximo do Criador, através de Nossa Senhora Aparecida.
- Milhões de devotos Tom, sentem à sua maneira algo muito parecido algo muito parecido quando fazem essa ponte entre os espaços sagrado e profano. Mas poucos como eu e você podem traduzir isso numa linguagem tão reveladora.
- Você também é um devoto de Santa Maria.
- Minha "Santa Maria" eu chamo de Mãe Terra; Sua imagem, hoje tem a forma de um planeta azul.
- Pelo Menos faz lembrar o manto azul da Imaculada Conceição. O que importa é que cada um em sua terra, venere a Santa com o peito aberto e...
- Cada um em seu espaço profano n\u00e3o \u00e0?
- Que seja! Acho agora que estamos falando da mesma coisa. Pois bem, cada um em seu lugar, ou partindo de seu lugar, consiga chegar no mesmo ideal.
- É isso aí Tom! E o ideal é uma "ponte". Sabe, chegando aqui no Brasil, ouvi no rádio dois "cantadores", LENINE & QUIROGA, dizerem:

A ponte não é de concreto Não é de ferro, não é de cimento A ponte é até onde vai o meu pensamento A ponte não é para ir nem prá voltar A ponte é somente atravessar Caminhar sobre as águas nesse momento...

- Puxa, você pegou pesado agora heim! É cantor também lá em seu país?

- Faço como você "brinco" com idéias espaciais. Construo catedrais com pedaços da arte dos outros. Enfim Tom, vim pedir-lhe um pedaço da sua criação para construir minha pesquisa, tudo bem?
- Bom! Olhou para o alto da geladeira eu só tenho aquela igrejinha, está empoeirada mais pode levar, Jack...
- Não, não. Não é isso. Quero somente sua permissão para por em meu trabalho esta sua fé, capaz de superar os limites do mundo profano. Uma experiência de como os cidadãos se fazem "templários" em Aparecida.
- Tá bom!.. Se é que estou entendendo o que você quer... . Mas acho isso loucura. Entretanto... tudo bem. Afinal caminhar com uma maquete de palitos quase 200Km por amor a N. Senhora não é loucura menor, não é verdade?
- A loucura que cria, Tom arte na rotina do dia a dia. Riram do trocadilho e cumprimentaram-se. Muito obrigado. – Jack dirigiu-se a porta e antes de sair disse: - O livro é seu Tom. Até um dia..., e... agradeça Dona Ellen por mim.

Jack partiu rapidamente em direção à estação.

Tom ignorou ás ultimas palavras do rapaz e manteve a porta aberta como se quizesse que mensagem de Jack fluisse para dentro do bar como um todo. Ao tomar o livro *A GUERRA DAS IMAGINAÇÕES* de Doc. Comparato, leu sua contracapa em voz alta para surpresa e admiração de D. Helena, que espinionava na fresta da porta:

"Assim que Vigo entrou na Capela, o Papa Julius II formulou uma questão considerada irrespondível .

O que é a loucura?

Santidade , a loucura é o caos.

Só isto Vigo? E porque dizem que a maioria dos artistas são

loucos?

Se a Santidade me permite, creio que a loucura precede a arte. Assim sendo seriam etapas praticamente vizinhas no ciclo da criatividade. Que ciclo é este?

Santidade, pense bem. A loucura precede a arte. A arte precede a ciência. A ciência precede a verdade! A verdade é Deus! E Deus precede sempre a loucura. Porque é ele que permite o caos. É assim que gira o ciclo da

criaticvidade. Loucura, arte, ciência, verdade, Deus. Loucura de novo. E o ciclo repete-se infinitamente e além na espiral da criatividade.

Ora veja só doutor Vigo, se entendo corretamente a arte é mais importante do que a verdade.

Nada é mais importante do que a verdade Santidade. Porém a arte pode emocionar os humanos muito mais do que a verdade e até ultrapassá-la. E isto é uma verdade.

Vigo! Isso quer dizer que só a arte pode vencer a realidade! Por mais absurdo que possa parecer, Santidade, a arte será sempre mais eterna que a realidade fugaz. Sim, pode-se afirmar sem constrangimentos que só a arte vence o real."

Antônio Gonçalvez pela primeira vez admirou seu templo de palitos como uma obra de arte. Pela primeira viu nos olhos de Helena um orgulho incontido e apaixonado. Pela primeira e última vez pesou em Jack como um filho misterioso, pelo qual se troca a eternidade por um instante. Somente ali Antonio Gonçalves renasceu como Tom Construtor. O templário pós-moderno. Cavaleiro do caos metropolitanno ou guardião mitológico da ponte de um templo para cidade mãe?

# BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, J. V. de - Turismo: fundamentos e dimensões. São Paulo. Ática, 1997

ANSON, Peter F. - A construção de Igrejas in Nova Enciclopédia Católica. Rio de Janeiro, 1969 ( vol X )

ARMSTRONG, Karen - Uma História de Deus: quatro milênios de busca do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. São Paulo. Companhia das Letras,1995

ARRUDA, J. & CASEMIRO, R (coord) - Anais do Seminário de 150 anos do Pe. Cícero. Fortaleza/CE. RVC Gráfica, 1994

AVENS, Roberts - Imaginação é Realidade. Petrópolis/RJ. Vozes (Col. Psicologia Analítica), 1994

BACHELARD, G. - A água e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo. Martins Fontes, 1989

BADINTER, Elizabeth - **Um amor conquistado; o mito do amor materno**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1985

BARBOSA, Eliana — **Gaston Bachelard - o arauto da pós modernidade**. Salvador/BA. Universitária Americana, 1993

BARBOSA, Severino Antônio – **Redação: Escrever é desvendar o mundo.** Campinas/ São Paulo. Papirus,1989 (5°ed.)

BARTHAS, Cônego C.- **Fátima**; os testemunhos , os documentos. Lisboa/Portugal. Editorial Aster, 1967

BARTHES, Roland - Mitologias. São Paulo. Difel, 1982 (5a.edição )

BATAILLE, Georges - Teoria da Religião. São Paulo. Ática, 1993

BECKER ,B.K. & ENGLER, C.A.G. - Brasil - uma nova potência regional na economia mundo. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil ,1994

BENEDETTI, Luiz R. - Templo, Praça, Coração: A articulação do campo Religioso Católico - São Paulo. Tese de Doutoramento da FFLCH - USP, 1988

BENITEZ, J - O mistério da Viagem de Guadalupe. São Paulo. Mercúrio, 1991

BERNIS, Jeanne - A imaginação: do sensualismo epicurista à psicanálise. Rio de Janeiro. Jorge Zahar ,1987

BETTANINI, Tonino – Espaço e Ciências Humanas – Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1982

BOING, M.P. - Lourdes, fonte de graças. São Paulo. Loyola,1995

BOING, M.P. - Guadalupe, a Mãe de Deus nas Américas. São Paulo. Loyola,1995

BOFF, Clodovis - Maria na cultura brasileira, Aparecida, Iemanjá, N.S. da Libertação. Petrópolis/RJ. Vozes,1995

BOFF, Leonardo - O Rosto Materno de Deus. Petrópolis/RJ. Vozes,1995 ( 5a.edição ) BOFF, Leonardo - A Igreja e o Exercício do poder. Petrópolis/Rio de Janeiro. Vozes, 1985

BOFF, Leonardo - Nova Era: a Civilização Planetária, desafios à sociedade e ao crsitianismo. São Paulo, Ática, 1994

BOFF, Leonardo – Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra. Petrópolis/RJ. Vozes,1999

BOLEN, Jean Shinoda - A sincronicidade e o Tao. São Paulo. Cultrix, 1997

BOURDIEU, Pierre - **Genese e Estrutura do Campo Religioso** in " A economia das Trocas Simbólicas". São Paulo. Perspectiva, 1992 ( 3a. edição )

BRANCO, Vasco. A e outros – **A vivência do sagrado**. coordenação do Núcleo de Psicologia transpessoal – Fac. de Psicologia da universidade de Lisboa/ Portugal. Hugin, 1998

BRUSTOLONI, Pe. Julio — **"25 anos de Construção da Nova Igreja 1955-1980"** - mimeo. Aparecida/SP, 1980

BRUSTOLONI, Pe.Julio - A Senhora da Conceição Aparecida. Aparecida/SP. Santuário,1979

BUTTNER, Manfred - Sobre a moderna geografia da Perpeção e sua importância na investigação na relação Religião-Ambiente. Conferência feita em Marburg/Alemanha, 1986 (pag. 529 - 567)

CAMINO, Ricardo da — **A Senhora da Conceição Aparecida: padroeira do Brasil**. Rio de Janeiro. Aurora, 1996

CAMPBELL, Joseph - O poder do mito, entrevista com Bill Moyers. São Paulo. Palas de Athenas ,1993

CAMPBELL, Joseph - As transformações do Mito através do tempo. São Paulo. Cultrix, 1993

CAMPBELL, Joseph - O herói de mil faces. São Paulo. Cultrix/ Pensamento, 1995

CAMPBELL, Joseph - A Extensão Interior do Espaço Exterior. A Metáfora como Mito e Religião. Rio de Janeiro. Campus, 1991

CAMPOS, Leonildo Silveira – **Teatro, Templo e Mercado: organização e marketing deu um empreendimento pentecostal**. Petrópolis/RJ. Vozes; São Bernardo/SP.Simpósio; Unesp. São Paulo, 1997

CAPEL, Horácio - La historia del mundo según La Bíblia in "La física sagrada. Espanha. Ediciones del Cerbal, 1985

CAPRA, Fritjof - O Ponto de Mutação. A ciência , a sociedade e a cultura emergente. São Paulo. Cultrix, 1994 CATÃO,F. & VILELA, M. - O monopólio do sagrado. Uma análise da presença da Igreja Católica no Brasil. São Paulo. Best Seller,1994

CAVA, Ralph Della - Milagre em Joaseiro. Rio de Janeiro. Paz e Terra,1976

CHAUÍ, Marilena (org) - **Merleau-Ponty, vida e obra**. São Paulo. Nova cultural (col. Os Pensadores ),1989

CHAUÍ, Marilena - Convite a Filosofia. São Paulo. Ática,1996 (5ª edição)

CHRISTOFOLETTI, A. (org) - Perpectivas da Geografia. São Paulo. Difel,1985

CLAVAL, Paul - Le Theme de La religion dans les estudes Geographiques in "Geographié et culture, no.2 - Paris,1992

CLEMENT, Catherine – A viagem de Théo: romance das religiões. São Paulo. Cia da Letras, 1999

COELHO, Ruy - **Da antropologia Simbólica à antropologia cognitiva** in "revista imaginário. Dinâmica do Simbólico. São Paulo. Núcleo do estudo interdisciplinar do imaginário, 1993 (no. 1)

COMPARATO, Doc – **A guerra das imaginações**. Lisboa. Pergaminho,1998 & Rio de Janeiro. Rocco, 1997

COSTA, Miguel S.D. - Sobre a teoria da interpretação de Paul Ricouer. Porto/Portugal Contraponto, 1995

CRIPPA, Adolpho - A Sacralidade da Cultura. São Paulo. Tese de doutorado - PUC, 1973

DAMIANI, Amélia L. – **A cidade (des)ordenada.** São Paulo. Tese de doutorado da FFLCH/USP, 1993

DANIELS, S. 7 COSGROVE, D. - The Iconography and landscape. Cambrigde Iniversity, 1988

DEBRAY, Regis - El arcaísmo pós moderno: Lo religioso en la aldea global. Buenos Aires/ Argentina. Manantial, 1996

DETIENE, Marcel – A Invenção da mitologia (L'invention de La Mythologie) José Olympio, Rio de Janeiro. José Olympio; Brasilia/DF. UnB, 1998

DIEGUES, Antonio Carlos – **Ilhas e Mares; simbolismo e imaginário**. São Paulo. Hucitec, 1998

DORADO, A.G. - Mariologia Popular Latino-Americana. São Paulo. Loyola, 1992

DUBY, Georges – O Tempo das Catedrais. A Arte e a Sociedade (980-1420). Lisboa/ Portugal, 1993

DUPRONT, Alphonse - **Tourisme et pelegrinage**. ( pag 97 a 121 ) in "Comunications- FLSH Paris, 1967

EDINGER, Edward F. - O arquétipo Cristão. Um comentário junguiano sobre a vida de Cristo. São Paulo. Cultrix,1995

ELIADE, Mircea - O sagrado e o profano. A essência das religiões. Lisboa/Portugal. Livros do Brasil, 1962

ELIADE, Mircea - Tratado da história das Religiões. São Paulo. Martins Fontes, 1993

FEITOSA, Pe.Neri - As virtudes do Padre Cícero. Juazeiro do Norte/CE. URCA, IPESC-ICVC, 1991

FENELON, D.R. & KHOURY, Y.A. - Fontes para o estudo dos Movimentos dos leigos da Igreja Católica no Brasil 1920 – 1980. São Paulo. Projeto Histórico, 1987

FELICIO, V.L.G. - A imaginação simbólica. São Paulo. EDUSP, 1994

FERNANDES, R.C. - Romarias da Paixão. Rio de Janeiro. Rocco, 1994

FERNANDES, R.C. - Os Cavaleiros do Bom Jesus: Uma introdução às religiões populares. São Paulo. Brasiliense ,1982

FERNANDES, F.A. - O canto nas romarias de Aparecida: opressão ou alienação (pag 178 a 185) in "Comunicação e Classes Subalternas". São Paulo. Cortez, 1980

FOLLET, Ken - Os Pilares da Terra. Rio de Janeiro. Rocco, 1994 ( 7a.edição ) Vol I & II

FRANÇA, M.C. - Pequenos Centros Paulistas de Função religiosa. São Paulo. I.G.USP, 1975

FREITAS, O.C. - Aparecida, Capital Mariana do Brasil. Lorena/São Paulo, 1978

GARCIA , Pablo Bajo - Maria Reina y Madre de los Argentinos. Breve reseña de história mariana argentina. Buenos Aires. Gram,1980

GETTY, Adele - A Deusa. Madri/ Espanha. Del Prado. (col. Mitos, Deuses, Mistérios), 1997

GIRÃO, Aristides A. – **Fátima, terra de milagre**. Coimbra/Portugal. Instituto Alta Cultura, 1958 (ensaio de geografia religiosa)

GOMES, Paulo Cesar da C. (org) - **Geografia, conceitos e temas**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1995

GRIMAL, Pierre – **Dicionário da mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1992

GÜNTER, Paulo. S – Catolicismo popular no Brasil. Tipologia e estratégia de uma religiosidade vivida. São Paulo. Loyola, 1979

GURVITCH, G. - La magie, la religion et el droit, Paris/ França .P.U.F, 1963

GUSDORF, Georges - Mito y Metafísica: Introduccion a la Filosofia. Buenos Aires/ Argentina. Editorial Buenos Aires, 1973

GUTMAN, Margarita - Centro Histórico de la ciudad de Lujan, província de Buenos Aires in "Ver Revista Eure, Santiago do Chile, 1995 (vol XXI, no.62 pags 75 98)

HARVEY, David – **Condição pós-moderna.** São Paulo. Loyola, 1992 HINNELS, John R. - **Dicionário das religiões**. São Paulo. Circulo do Livro, 1984

HOLM, Jean & Bower, John (coord) - Mito e história. Lisboa/Portugal. Europa-América, 1997

ISAAC, Erich - Religion, Landscape and Space Landscape, vol 9, no.2 (s/d)

JABOUILLE, Victor - Iniciação à Ciência dos Mitos. Sintra/Portugal. Inquérito, 1994

JACKOWSKI, Antoni - **Tourisme et pelerinages religieux** in "Problems of Tourism" Institut of tourism, Warsaw, 1987

JANEIRA, Ana I. e outros — **O regresso do sagrado**. Lisboa/Portugal. Livros e Leitura Ltda, 1998

JUNG, C.G. - (org) - O Homem e seus Símbolos. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1964 ( 11ª edição)

JORGE, Pe. J .Simões - Cultura Religiosa. São Paulo. Loyola, 1994

LAGANÁ, L. – Espaço sagrado e núcleos coloniais – o caso do bairro dos Pires. São Paulo. FFLCH/USP, 1987

LAMAS, Maria - **Mitologia Geral: O Mundo dos Deuses e dos Heróis**. Lisboa//Portugal Estampa, 1991 - vol. I e II

LEMOS, Francisco Arnaldo - Os catolicismos brasileiros. Campinas/São Paulo. Alínea, 1996

LEVI-STRAUSS, Claude - Mito e Significado. Lisboa/Portugal. Setenta, 1981

LEXINKON, Herder - Dicionário dos Símbolos. São Paulo. Círculo do Livro, 1990

LIAÑO, Ignácio G. de – **La mentira social. Imagens, mitos y conducta**. Madrid/Espanha. Tecnos, 1994

LIMA, Luiz C. (org) – **Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico.** Fortaleza/ Ceará. Funece (UECE), 1998

LIMA, Mesquitela - **Antropologia do Simbólico ou simbólico da antropologia**. Lisboa/Portugal. Presença, 1983

LORO, Tarcísio J. - Espaço e poder na Igreja: A divisão da Arquidiocese de São Paulo. São Paulo. Tese de Doutoramento da FFLCH-USP, 1995

LUNDQUIST, John M. - O Templo. Madri/Espanha. Del Prado, 1997 (col. "Mitos, Deuses, Mistérios).

MACDONALD, Fiona - **Uma catedral Medieval.** São Paulo. Manole Ltda.,1993 (col. Fique por dentro da História)

MARCHI, Cesare - **Grandes Pecadores, Grandes Catedrais**. São Paulo. Martins Fontes, 1991

MARTELLI, Stefano - A Religião na Sociedade Pós Moderna. São Paulo. Paulinas, 1995

MARTINS, J. e outros - Temas fundamentais de fenomenologia São Paulo. Moraes, 1984

MARX, Murilo - **Nosso Chão: do sagrado ao Profano**. São Paulo. EDUSP, 1989 (série Espaço e Desenho)

MEDINA , C. & GRECO,M. - Saber plural, novo pacto da ciência. São Paulo. ECA-CJE/CNPQ, 1994 ( no. 3)

MEGALE, Januário Francisco (org) - Max Sorre. São Paulo. Ática, 1984 (col. Grandes Cientistas Sociais)

MINC, Alain - A nova idade média. São Paulo. Ática, 1994

MORAIS, Régis (org) - As razões do mito. Campinas/São Paulo. Papirus, 1988

MULLER, Nice Lecocq - O fato urbano na Bacia do Rio Paraíba- Estado de São Paulo, Rio de Janeiro. Fundação IBGE, 1969

NEUMANN, Erich - A Grande Mãe: Um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente. São Paulo. Cultrix, 1996

NICHOLSON, Shirley (org) - O novo despertar da Deusa: o princípio feminino hoje. Rio de Janeiro. Rocco, 1993

OLIVEIRA, C.D.M de - Redação do Contexto no Ensino Fundamental de Geografia no.70. São Paulo. AGB, 1991 (pags. 23 a 34)

OLIVEIRA, Pedro A.R. de - Religião e Dominação de Classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis/Rio de Janeiro. Vozes, 1985

PAIVA, Geraldo - **Textos de Psicologia e Religião.** São Paulo. USP, 1995 (mimeo p/ curso de pós graduação do Instituto de Psicologia)

PALACIOS, Isidro-Juan - Aparições de Maria: Lendas e Realidade sobre o mistério mariano. Rio de Janeiro. Nova Era/Record, 1995

PANKOW, Gisela - O homem e seu espaço vivido. São Paulo. Papirus, 1988

PASTRO, Claúdio - Arte Sacra: o espaço sagrado de hoje. São Paulo. Loyola, 1993

PATAI, Raphael - O mito e o homem moderno. São Paulo. Cultrix, São Paulo, 1979(?)

PELLEGRINI, L. – O feminino no homem. São Paulo in Revista Planeta, 1996

PENNICK, Nigel - **Geometria Sagrada. Simbolismo e intenção nas estruturas religiosas.** São Paulo. Pensamento, 1976(?)

PENTEADO, Pedro — **A construção da memória nos centros de peregrinação** in Revista Internacional Católica (Communio). ano XIV, página 329/344, 1997

PERSON, Ethel S. – O poder da fantasia: como construímos nossas vidas. Rio de Janeiro. Rocco , 1997

PESSANHA, J.A.M. (org) - **Bachelard, Vida e Obra**. São Paulo. Nova Cultural, 1988 (col. os Pensadores )

PIAZZA, Pe. Waldomiro - Religiões da humanidade. São Paulo. Loyola,1996 (3º edição)

PIERUCCI, A.F. & PRANDI, R. - A Realidade Social das Religiões no Brasil. São Paulo. Hucitec, 1996

PINKUS, Lúcio - O mito de Maria. Uma abordagem simbólica. São Paulo. Paulinas, 1991

PRIORE, Mary Del - **Religião e Religiosidade no Brasil colonial**. São Paulo. Ática, 1994 (col. História em Movimento)

QUEIROZ, Maria I.P. - Os catolicismos Brasileiros. São Paulo. CERU, 1971 (Cadernos no. 4)

QUEIROZ ,J. e outros - Interfaces do Sagrado em véspera de milênio. São Paulo. Olho D'água, 1996 (CRE – PUC )

RAFFESTIN, Claude - Por uma Geografia do Poder. São Paulo. Ática, 1993

RAMALLO, Germán - A Arte Românica. São Paulo. Martins Fonte, 1992 (col. Saber Ver)

RAMOS, Luciano - **A Padroeira. Origem do Culto a Senhora Aparecida**. São Paulo. Paulinas, 1992

REHFELD, Walter I. - Tempo e religião. São Paulo. Perpectiva. EDUSP, 1988

REIS, Fábio J.G. – Os redentoristas de Aparecida e a regeneração do Brasil (1916-1931). São Paulo. Tese de Doutorado para a FFLCH/USP, 1998 (vol I & II)

REZENDE, Antonio M. - A concepção fenomenológica da educação. São Paulo. Cortez, 1990

RIESGO, Manuel F. Del - La pos modernidad y la crisis de los valores religiosos. Madri/ Espanha. Del Hombre. Antropos, 1989(?)

RIVA, Elcio - **Suplicante no caminho de Aparecida** in "Comunicação e classes subalternas". São Paulo. Cortez, 1980

ROCHEFORT, Michel - Redes e Sistemas – ensinando sobre o urbano e a região. São Paulo. Cortez, 1998

RODRIGUES, Adyr (org) - Turismo e Geografia. Reflexões teóricas e enfoques regionais São Paulo. Hucitec, 1996

RODRIGUES, Adyr (org) - **Turismo e Espaço. Rumo a um conhecimento transdiciplinar** São Paulo. Hucitec, 1997

RODRIGUES, Adyr (org) – **Turismo, modernização, globalização – geografia: teoria e realidade**. São Paulo. Hucitec, 1997 (no. 42)

RODRIGUES, I.O e outros – **Médio Vale do Paraíba do Sul: Estado, Políticas Públicas e Organização do espaço** in Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro. IBGE, 1992 ( vol 54, no.2)

RODRIGUES, Ma. F. Serafim - **Fátima: Problemas Geográficos de um Centro de Peregrinação**. Lisboa/Portugal. Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa/Portugal,1974

ROSENDHAL, Zeny - **O Sagrado e o urbano: gênese e função das cidades** in Espaço e Cultura . Rio de Janeiro. UERJ/NEPEC, 1996 ( no. 2)

ROSENDHAL, Zeny - Porto das Caixas: Espaço Sagrado da Baixada Fluminense. São Paulo. Tese de Doutoramento FFLCH-USP, 1994

RUTHVEN, K.K. - O Mito. São Paulo. Perpectiva, 1997 (col. Debates - 270)

SALISBURY, Joyce E. - Pais da Igreja, virgens independentes. São Paulo. Página Aberta, 1995

SANTO, Moisés Espírito - Os mouros fatimidas e as aparições de Fátima. Lisboa/Portugal. ISER- Universidade Nova Lisboa, 1995 (4º edição)

SANTOS, Boaventura S. - **Introdução a uma ciência pós moderna**. Rio de Janeiro. Graal, 1989

SANTOS, Lourival - **O rosto da igreja na Imagem da Senhora Aparecida** in anais do Seminário Pedagogia da Imagem, Imagem na Pedagogia. Niterói/RJ. UFF, 1995

SANTOS , Milton - **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo; razão e emoção**. São Paulo. Hucitec, 1996

SANTOS, Milton A. - A urbanização brasileira. São Paulo. Hucitec, 1993

SANTOS, Milton A. - **Metrópole Corporativa Fragmentada: O caso de São Paulo**. São Paulo. Nobel, 1990

SANTUÁRIO DE FÁTIMA – **Grande espaço coberto para Assembléias ( GECA) e outros espaços**. Fátima/ Portugal. Projeto de Programa, 1996

SARTORI, Frei Luis M.A. - Carismáticos e a Igreja Católica in dossiê Magia. São Paulo. CCS-USP, 1996 (Revista da USP)

SEAC – Serviço de Ambiente e Construções – **Expansão urbanística de Fátima**, **EXPOFAT** Fátima/ Portugal, 1985 (7º aniversário das aparições)

SEABRA, Zelita - Tempo de Camélia. O espaço do mito. Rio de Janeiro. Record, 1996

SOARES , Ma. L.A. - **Girassois e Heliantos**: maneiras criadoras para conhecer geografia. São Paulo. Tese de Doutorado da FFLCH-USP, 1996

SOUSA, Ma. Adélia - A metrópole global: uma reflexão sobre o espaço intrametropolitano, in São Paulo em Perspectiva. São Paulo. Fund. SEADE, 1995 (vol 9/ no.2 ) SOUZA, Eudoro de - Mitologia I: Mistério e Surgimento do Mundo. Brasilia/D.Federal. UNB, 1995

SOUZA, Eudoro de - Mitologia II : História e Mito. Brasilia/D.Federal. UNB, 1995

TERRIN, Aldo Natale – **Nova era: a religiosidade do pós moderno**. Petrópolis/Rio de Janeiro. Loyola, 1996

TERSEUR, Françoise & AMARANTE, Eduardo – **Templários: Aspectos secretos da ordem**. Lisboa/Portugal . Nova Acrópole, 1998

TIRAPELLI, Percival - A construção religiosa no contexto urbano do Vale do Paraíba. São Paulo. Dissertação de Mestrado - ECA-USP, 1983

TUAN, Yi-Fu - Espaço e lugar. A perpectiva da Experiência. São Paulo. Difel, 1983

URRY, John - **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo. Nobel, 1990

VALLE, Huascar T. – **Tratado de teologia profana: a nova religião para o novo milênio.** São Paulo. Alfa Omêga, 1997

VESENTINI, J.W. - A capital Geopolítica. São Paulo. Ática, 1986

VERGOTE, A - Estude Psychologique. Bruxelas/ Bélgica. Mardaga, 1983

VICENT, M. & STRADLING, R.A. - Espanha e Portugal História e Cultura da Península Ibérica. Madri/Espanha. Del Prado, 1997 (Vol I e II - Col. Grandes Impérios e Civilizações)

VIEIRA, Mariangel F. - Uma devoção estratégica o culto a Nossa Sra. Aparecida (1960 - 89). São Paulo. Dissertação de Mestrado em História - PUC, 1993

WALKER, Daniel - Padre Cícero na Berlinda. Juazeiro do Norte/Ceará. Edições IPESC, 1995

WERNET, Augustin – **Peregrinação a Aparecida: das romarias programadas ao turismo religioso** in Turismo, Modernidade e Globalização. São Paulo. Hucitec, 1997

WILKINSON, John - Jerusalém anno domini. São Paulo. Melhoramentos, 1993

WHITMONT, Edward C. - O retorno da Deusa. São Paulo. Summus Editorial, 1991

WEBER, Max - Tipos de Comunidad Religiosa (sociologia de la religion) in "Economia y sociedad: esbozo de sociologia comprensiva. México-Buenos Aires. Fondo de Cultura Economica, 1973

WOBETO, Afonso Ir. - **Santuários: onde Deus se encontra com os homens**. São Paulo. Loyola, 1992

ZEVI, Bruno - Saber ver a arquitetura. São Paulo. Martins Fontes, 1996

# Relação de Periódicos Consultados

Jornal O Santuário de Aparecida

Jornal O Aparecidense

Jornal O Estado de São Paulo

Jornal O São Paulo ( Arquidiocese de São Paulo)

Jornal Folha de São Paulo

Jornal do Brasil

Jornal Vale Paraibano

Jornal Diário Popular

Jornal Notícias de Fátima

Revista Veja

Revista Isto É

Revista Correio da Unesco

Revista Espaço e Cultura NEPEC/UERJ

Revista Ecos Marianos

Boletim Eclesiástico - Orgão Oficial da Arquidiocese de São Paulo

Documentação da Cúria Metropolitana de Aparecida

Informativo Mensal do IEV- Instituto de Estudos Valeparaibanos

### Resumo

Este estudo trata da construção e modernização da Basílica Nacional de N. Senhora de Aparecida, localizada no santuário católico do mesmo nome, em Aparecida – no estado de São Paulo (a 160 km da capital do estado).

O autor faz uma investigação a respeito dos aspectos míticos que envolvem as transformações espaciais e urbanísticas dessa construção. Sua metodologia de análise fundamenta-se na fenomenologia da imaginação proposta por Gaston Bachelard como um caminho para os desafios da ciência na pós-modernidade.

O trabalho não se limita a relacionar a implementação da obra arquitetônica (o "templo") com o desenvolvimento metropolitano da cidade de São Paulo (a "cidade-mãe"). Seu objetivo central está em demonstrar, ao menos teoricamente, que os mitos e sua atualizações constantes (mitogênese, mística e criações artísticas) permitem à ciência geográfica compreender a organização de um espaço religioso e sugerir instrumentos (no turismo e na educação) para seu aperfeiçoamento social.

### Abstract

The present study examines the construction and modernization of the National Basilica of Our Lady of Aparecida, located in the Roman Catholic sanctuary of Aparecida, 100 miles from the São Paulo state capital.

The author has surveyed the mythical aspects involving the spatial and urbanistic transformations of the building. His methodology of analysis is grounded on the phenomenology of the imagination proposed by Gaston Bachelard as a way of dealing with the challenges of science in the post-modern age.

The paper is not limited to relating the implementation of an architectural work (the "temple") to the metropolitan developement of the city of São Paulo (the "mother-city"). Its main goal is to demonstrate, at least theoretically, that the myths and their constant renewal (mythogenesis, mysticism, and artistic creations) help Geographic Science to better understand the organization of religious spaces and to propose instruments (in tourism and education) for their social enhancement.

# Relação de Anexos

### Anexos 01 - Reportagens

- Obras em Aparecida, Atendimento aos Romeiros
- Projeções para Aparecida/2000, fé do povo brasileiro
- Aniversário Polêmico, preferência Nacional
- Crescimento de romeiros, infra estrutura frágil
- Entreposto paraguaio
- Beatificação de Frei Galvão

### Anexos 02 - Estatísticas

- Romeiros recebidos nos últimos 30 anos
- Texto extraído do Livro História N.S.Aparecida, Pe. Julio Brustoloni 10<sup>a</sup> edição
- Romeiros em Aparecida em 1993

# Anexos 03 - Rádio Aparecida

- Boletim da rádio Aparecida 40 anos
- Rede Católica de rádios

### Anexo 04 - Enquetes

- questionário aplicado em 10/96
- questionário aplicado em 05/94

### Anexos 05 – Evangélicos, carismáticos & Padre Marcelo Rossi

- Crescimento de evangélicos
- Feira carismática
- O padre pop star

### Anexos 06 - Centro de Apoio ao Romeiro

- Carta aos comerciantes de Aparecida
- Artigo do vale paraibano sobre shopping
- Shopping da Fé e parque artigo da revista Veja
- Croquis do Centro de Apoio ao Romeiro
- Projeto para o Centro de Apoio ao Romeiro em Fátima

### Anexos 07 - Magic Park

- folheto promocional
- breve histórico do parque

## Anexos 08 – Gerais

- mapa do centro turístico da cidade
- mapa do eixo rodoviário São Paulo/Rio de Janeiro
- taxa de urbanização de 1970 a 1980
- ilustrações extraídas da tese de mestrado (Tirapelli, 1983)
- Imagem de Nossa Senhora Aparecida

# A cidade quase não se modificou

DO SERVIÇO ESPECIAL

los a feriados.

Municipio desde 1979, a enparosa da cidade temper as
parosa da cidade temper as
parosa da cidade temper as
composto primeiro as margens,
composto primeiro as margens
de Parosito — sujellos asinda
a insudações periodiças — e
depois erescenda ao longo da
Duira, para afinal um nove a
viagencia mateiro erlande entre
sos tributos da 2010. a nava
estretias, mareidas pela vocacidade das construções conserciais e os serviços publicos os
mais precarios.

# JOHNAL DO BRASE

# A RIQUEZA E SA CALAMIDADE EM APARECIDA

No dia da festa, o cordido de isolamento afastos os feis do interior do templo. Sobressairam as condições das ruas de Aparecida: tudo gira en torno do santuário, excesso de gente, falla de acruços e um comércio colorido e anático.

CMEROS oficiais revelam que Aparecida é uma cidade despreparada para receber o número sempre crescente de fieis da Padroeira do Brasil. O dia da festa, 12 de outubro, foi terdo Brasil. O dia da festa, 12 de outubro, foi ter-ça-feira, e os cuidados especiais, devido à presen-ça do Vice-Presidente da República e outras auto-ridades, roduziram a área dos 40 mil fiéis, tornan-do evidentes as condições precárias da cidade para esta sua principal atividade. Ano passado, es

romeiros de Aparecida (que tem 28 mil habitan-'tes) foram 2 milhões 312 mil pessoas. Nos "gran-des dias" — como possivelmente serão os deste fim de semana — a cidade recebe no mínimo 100 mil pessons. O grande comércio que se forma em função das romarias acha que "quanto mais gen-te, melhor". Os religiosos da Congregação Redentorista, responsáveis pelo imenso santuário de Aparecida, sabem que é assim: as promessas de fazer de Aparecida uma cidade à altura de suas MEH UCHE 1240, C ja pis

# ESP105/1983

# Basílica Nacional ainda em obras

Cidade para 30 mil fiéla. Trata-se da segunda grego de mundo em tamanho. Jogo após a hasiliza de 85º Pedro. A parecida, cidade-santuairo que presunga ma população thas de 20 des persona população thas de 20 des persona persona persona persona persona persona de 18º de

# 28 \_ 05 1969

# parecida, ano 2000

O Plano Direts r de Aparecula, entregue ontem ao governados Abreu iodre pela Secretaria de Obras Públicas, apresenta 3 opções para a solução dos problemas atuais do manucipos e projecta o sistema de urbania. 20,260 de cidade para o ano 2001, quando a população fixa será de 57 mil habitantes e a flutuante, constituida por romeiros de 5 milhões anuais.

De most geral, a Fásio Bire do principia ét que a fase antique de notario de serventa a ficiente de notario de notario

# secréme de 37 mil peans, est expensive de fishatate au stabele-ique a ternary multe quente nejecuren as cheias. Apas esta junctio de rimere, content a propulção, sende de servicio de statement as à reas já unha nutrativa de statement as à reas já unha nutrativa de statement as à reas já unha nutrativa de statement as a contrativa de statement as a reas a contrativa de statement as a reas a contrativa de statement as a contrativa de statement as a reas a contrativa de statement as a contrativa de statement as a reas a contrativa de statement as a co

# A Basilica è uma visão monume

Folha DE São Paulo 84101166

Basilica é uma visão monumental incrustada entre a serra do Quetal incrustada entre a serra do Quela incrustada entre a serra do Quemanda en Río Paratha.

Uma observada sinuosa, que lembra
muto os de Plasa Gordon,
atravessa o vale de promessas. Se o
romeiros e pagadores de promessas. Se o
romeiros de pagadores de vale
basico, seguida de um mar culorido de
faisa, misurados as centecas de ónitos estacionados po lado da igreja Essa lendária
tales, todos de demanda en consecuencia de
para a de derra cota e copaz de tracer
para a de derra cota e copaz de tracer
para a de de cotas es cancios de país, para
pedir ou pagar pelas graças alcancadas.

A frente de douda es cancios de país, para
pedir ou pagar pelas graças alcancadas.

A frente de douda es cancios de país para
pedir ou pagar pelas graças alcancadas.

A frente da proclusão, uma banda marcial de celegialis, todos de azul e tranco.
A frente da proclusão, uma banda marcial de celegialis, todos de azul e tranco.
A frente da proclusão, mas banda marcial de celegialis, todos de azul e tranco.
Parabana y Pora Nosas Senhera, amimados
podr padre de megadone, velhas bestos e
pelo padre de megadone, velhas bestos e
pelo padre de megadone, velhas bestos e
pelo padre de megadone, de parados acque
a procesado, até a mulher surita, do parque de diversões ao lado, devou por um
numento de ser anunerada. Urubus sopercoamo valo e carregados de mulhas mocas
de branes valo carregados grandes bando branes valo carregados de policiasimilitares, para esta cercada de policiasimilitares, para esta cerc

carregar e andor Conseguiu ne maximo toca-lo por alguns momentos, constana glda seb os olbares vigilantes. "Lans abridos cominho, minital genie. "Crodena o padre, nervose, para os remeiros que a todo momento lezabam cercando a imagem. Já d. livete Moreira, melafurgica de São Paulo, esta felta: "S a mãe do se são Paulo, esta felta: "S a mãe do se são Paulo, esta felta: "S a mãe do se são Paulo, esta felta esta portado a maior por el que aludinu minha filha a se curar a festa esta portado de mais. Faz catorre anos que eu ventos do mais. Faz catorre anos que eu ventos de inspendio por esta portado de mais. Faz catorre anos que eu ventos de inspendio por el porte de la componha esta processão. E dia de trabalho, tem muita colega minha de mais. Faz catorre anos que en ventos e venho e peco por todas elas."

Alguns fies leva atama garardas de Cocado de locaba de que canação de sema esta esta de portado de locaba, por algum tempo, assegue, um grupo de semeiros seção a procissão de Joeinos, por algum tempo, ase que o canação os demine ou a lama da chava recente os fiesvie de trajeto. São mitido de procincisarios que acorrem a Acidam da. Trazem cruzes, ex-votos. Acidam da Trazem cruzes, ex-votos. Acidam da Carardinanta, cidades provisas ou mesmo mais distantes, como varginha a cerca de dos km.

"Mas não somos nos que incentivamos isso, explica o per Teixeira, um dos organizadores da festa. Ha gente que não tem nem condições de cumpera a promes; sa que fec, ou porque ja esta musio doente, ou porque não agiesta o cansacio do consecuto de compos de

gracas alcancadas."

Do alto do andor, a santa ouve todas as seglicas, recete todas as glerias. No fundo, a Basilica imensa e a passaceta cheta. A banda está tocando "A Noite do Mess Bem".

Aparecida do Norte, dia de romaria, como será agora em Finados. Eles trazem

em Finados. Eles trazem cruzes, ex-votos, atraves-sam o vale de joelhos. Ivete Moreira, por exemplo, operária metalúrgica, estava feliz: "Aparecida é a mãe do Brasil". E diz Dom Geraldo Penido: "E uma coisa inarranca-vel do nosso coração de brasileiros". Outros vão para fazer comicios, simplesmente, políticos que precisam mostrarse ao povo. O que é, na verdade, Aparecida do Norte?

### por Gilberto Galvão

carros de rodos os tipos, centras de execucian. Teoso os funcis de Aparecida.
Guaratingueta e Loresa firam locados, e a
cidade se transforma num imenso acamdores dos hotess Começa a haver dificuidade para achar comisda e benda nos restaurantes, o atendimento medico se congestiona, os telefones e a rede de focca
sofrem sobrecarga "Mais de 200 mil pessoas, aqui, e calamidade pubbica". explica
o domo de uma loja. Porque a cidade mão
tem infra estrucura para atender a tanta
gemic. O inico servaço resamente orga
que na verdade val atem da enorme baisalica onde cabem 20 mil pessoas, o mois
pedio, em Roma. Custecada com esmolas,
começou a ser construida em 1935 e a
basallica e um imesos recinió de (plot cru,
por code correm o día todo operarios com
controlos de mois e pequenos tratores
das misoas.

por Opovo. O que é, na verdade, Aparecida do Norte?

\*\*O povo tem muita devoção a N.S.A.\*\*
parecida: e uma quesa inarrameave do mosso corrado de brasileiros." dr. D. dos sous mariado ensurdevente de Aparecida, sou um roudo ensurdevente de Aparecida. Sou um roudo ensurdevente de Aparecida. Sou um roudo ensurdevente de Aparecida a compania a santa, durante mais de gainne muntos, por toda a cidade. "Quem vem aque ejece de de todas as classes, desde liberais, como engonheiros, medicos, advogados alte gende mais simples, mas que sempre ganha acima do salario minimo. Quem ganha acima de salario a verdencida de la cultada de la compania de la compani a produce de Na Aparecté a companha para a produce de Na Aparecté a companha se na Aparecte de Na Aparecté a companha se na Aparecte de Na Apare

ANIVERSÁRIO

# Aparecida faz 70 anos em meio a

Ambulantes reclamam do que eles consideram uma concorrência desleal por parte da Igreja

JÚLIO OTTOBONI

PARECIDA - A fé e devoção de milhares de romeiros transformaram
Aparecida, no Vale do Paraíba,
no maior centro de peregrinação das Américas. Hoje, a cidade completa 70 anos de emancipação política mergulhada numa das mais severas crises entre
a Igreja e setores da sociedade
local. A imagem de Nossa Senhora Aparecida atende hoje
tanto à religiosidade quanto a interesses comerciais dos mais variados. A disputa pelos dividendos econômicos proporcionados
pela crença mostra uma "capital da fé" dividida.

Em nome da santa, vende-se quase tudo. Os padres católicos tornaram-se empreendedores ao construir o Centro de Apoio aos Romeiros, também conhecido como "shopping da fé". São 712 lo-jas edificadas no pátio da basílica. Cerca de 500 delas estão em funcionamento. Foram aplicados cerca de US\$ 30 milhões dos cofres da Cúria e um outdoor anuncia o lugar como "o paraíso das compras".

Com o shopping, o visitante fica mais tempo nos limites do templo. Cercado por muros e vigiado por uma guarda própria que impede a entrada de concorrentes, o santuário é considerado

uma ameaça a muitos comerciantes que estão vendo suas lojas e barracas cada vez menos freqüen-

O presidente do Sindicato do Comércio Ambulante local, Adauto Grilo, foi o primeiro a reclamar. Para ele, a Igreja exage-

rou. A categoria, que conta com 2,4 mil inscritos, acredita que a venda de produtos no santuário configura "concorrência desleal". O avanço dos religiosos sopre o setor comercial desestabili-

cial desestabilizou o segmento e reduziu as vendas em 40%. "A propaganda do shopping é feita na missa", comenta.

O dirigente reforça sua tese afirmando que a Cúria é proprietária na cidade de rádio, editora, posto de gasolina, restaurante, QUINTA-FEIRA, 17 DE DEZEMBRO DE 1998

# polêmica

lanchonete, diversas lojas, pontos comerciais, uma fazenda e
outros imóveis na zona rural.
Ele promete "reagir" e partir para uma concorrência acirrada,
mesmo prevendo que os padres
farão de tudo para manter seu
público consumidor. "A Igreja
deveria cuidar mais da parte religiosa", afirma Grilo.

giosar, altima Grilo.

O diretor da Rádio Aparecida
e uma das lideranças da região,
padre César Moreira, aplaude a
iniciativa de seus superiores de
construir o Centro de Apoio aos
Romeiros. Segundo ele, a atividade comercial desenvolvida pela
Igreja é necessária para sustentar os gastos do santuário. O 70.º
aniversário do município estáy

sendo marcado, na opinião do padre, pela transição para uma nova realidade. "Aparecida precisa passar por uma transformação socioeconômica, como está ocorrendo agora."

ocorrendo agora."

A prefeita em exercício, Elizabeth Cristina Conceiro de Proença, pretende aproveitar o momento para modernizar a cidade. Há planos de recuperação de
pontos tradicionais e de melhorias no comércio, principalmente no aspecto estético dos hotéis.
"Queremos fazer daqui um carvão de visitas."

Basílica velha – A praça da antiga basílica, onde se concentra boa parte de hotéis, restaurantes e lojas, foi invadida pelo desânimo e desespero. Poucos acreditam num milagre redentor, que traga novamente o romeiro para essas bandas da cidade. A igreja centenária, que abrigou a imagem da santa até início dos anos 80, está em processo de degradação, o que afastou os romeiros.

O comerciante Ricardo José Alves Percira espera ve a fereia

Alves Pereira espera ver a igreja restaurada e acredita que a falta de uma organização turística acentue a crise. Em sua opinião, o crescimento desordenado do comércio e o quadro econômico nacional foram determinantes no agravamento da situação. Em parte, ele concorda com padre César Moreira e reclama dos abusos cometidos por alguns setores contra os peregrinos. "Infelizmente, o potencial do lugar não é usado."

O fotógrafo Pedro Joel Freire, de 55 anos, sente isso na pele. Ele ajeita sua máquina lambelambe que o acompanha há mais de 35 anos. Mas o movimento despencou. As missas deixaram de ser celebradas com freqüência na basílica velha e poucos são aqueles que ainda querem "tirar um retrato" no cavalinho de madeira ou na frente do painel com a estampa da santa. "Tenho esperança de que Nossa Senhora ainda vai nos ajudar."

São Paulo, domingo, 29 de setembro de 1996

# Paulista Paulista Prefere N

### ELZA YURI HATORI

Nossa Senhora de Aparecida, a padroeira do Brasil, também é a preferida entre os habitantes da Região Metropolitana de São Paulo. Depois dela, vem o santo das causas perdidas ou impossíveis, São Judas Tadeu, em segundo lugar na preferência dos devotos. A popularidade dos dois santos foi confirmada por pesquisa da Companhia Brasileira de Pesquisa e Análise (CBPA), realizada com exclusividade para o DIARIO POPULAR entre os dias 10 e 11 de setembro. Foram entrevistadas 600 pessoas da Capital, região do ABC, além de Osasco e Guarulhos. Nossa Senhora de Aparecida ficou disparada na frente, com 41% dos votos dos entrevistados. Depois veio São Judas, com 7%

## Diario Popular - Página 5

A pesquisa também procurou saber se os entrevistados sabiam quem é o santo protetor da cidade, e constatou que a maioria dos paulistanos o desconhece: 52% responderam não saber ou não se lembrar. Entre os que arriscaram um palpite, deu mais uma vez a padrocira do Brasil. Nossa Senhora de Aparecida foi apontada por 16% dos entrevistados. São Paulo, o santo, superou São Judas, ocupando o segundo lugar com 13%. O santo das causas perdidas ficou com a quinta colocação, abaixo de Deus e Jesus Cristo.

Segundo o padre Eduardo Rodrigues Coelho, da Cúria Metropolitana, a cidade de São Paulo possui três santos protetores oficiais: Nossa Senhora da Penha, porque esse é o principal santuário da cidade; Santa Ana, avó de Jesus, a quem a cidade é dedicada, e São Paulo, que deu o nome à Capital. Mas, de acordo com o padre, a resposta obtida pela pesquisa não está errada

# Senhora

porque Aparecida é a protetora de todos os lugares e igrejas e, qualquer título que Nossa Senhora apresente, será sempre referente à mesma pessoa — a mãe de Jesus Cristo.

Dentre os 41% (351 pessoas) ouvidos pela CBPA que classificaram Nossa Senhora de Aparecida como alvo principal de sua devoção, 218 estudaram até o primeiro grau e 133 o segundo grau ou mais. A maioria dos pesquisados, 179, respondeu ser casada, do sexo feminino e não trabalhar fora. Mas os representantes do sexo masculino, 172, também não ficaram para trás em termos de devoção à padroeira. Curiosamente, entre os que escolheram Nossa Senhora Aparecida como objeto maior de devoção na Região Metropolitana de São Paulo, a maioria, ou 215 pessoas, se autodefiniu como pouco religiosa, 111 como muito religiosas e 24 não sendo religiosas.

# Crise aumenta número de fiéis

As explicações dos representantes da Igreja Católica são confirmadas pelos especialistas. Segundo o sociólogo da Universidade de São Paulo (USP) Lísias Nogueira Negrão, que estuda a religiosidade popular, a necessidade de proteção faz as pessoas se voltarem para a religião. Principalmente nas metrópoles, que acolhe os migrantes desprovidos de estruturas familiares, a devoção acaba se tornando um instrumento protetor e justifica a preferência por Nossa Senhora e Aparecida. objeto de louvação nacional. "A crise econômica também faz aumentar a devoção porque as possibilidades de soluções racionais são difíceis", afirma,

O desencanto com a Ciência e a falta de alternativas, de acordo com o professor Lísias, levam também a um crescimento dos objetos de devoção, fazendo com que as populações se voltem para o sagrado. "Isso demonstra um certo desencanto com o mundo moderno", diz o sociólogo.

Na opinião do géografo Christian Dennys Monteiro de Oliveira, que de-

senvolve a tese de doutorado O Templo da Cidade-Mãe, sobre a Basílica de Aparecida, a escolha de Nossa Senhora Aparecida pelos moradores da Região Metropolitana de São Paulo, é explicada também pelo fato de todas as padroeiras das Américas serem sempre Nossa Senhora. Em seu estudo, Christian enfoca o processo de construção da basílica como projeção do crescimento metropolitano de São Paulo no plano sagrado. A falta de espaços na Capital, a localização estratégica do santuário e a possibilidade de incorporar todos os tipos de devoção a uma só imagem, tornaram Aparecida a capital religiosa do País, uma espécie de Roma brasileira, avalia o estudioso.

Para o padre José Bertanha, da Arquidiocese de Aparecida, a população se volta aos santos porque, no decorrer da História da Igreja, eles deram demonstrações de fé e um dos fundamentos do catolicismo é o da Igreja triunfante. Através da devoção, os homens procuram a ligação entre a vida terrena e o divino, avalia o padre.

AI-TV

Jornal Diario Popolar 29/09/1996

# ero de romeiros cresce 49,8%

Da correspondente em Guaratinguetá

A Basílica Nacional de Aparecida registrou em 93 um aumento de 49.8% no número de romeiros em relação a 92. Segundo a central de informações, estiveram na basílica 3,6 milhões de romeiros em 92. Em 93, foram regis-tradas 5,7 milhões de pessoas -2,1 milhões no primeiro semestre e 3,6 milhões no segundo.

O assessor de imprensa da igreja, padre José Bertanha, disse que o aumento é devido à crise política e financeira do país, ao crescimento da população e a uma maior divulgação dos even-tos da basílica.

Estão sendo esperados para amanhã 15 mil romeiros, o mesmo número do primeiro domingo de 93. A previsão é de que seja o dia menos movimentado de 94. Para hoje, a previsão é de 21 mil romeiros. Em 93, o dia mais movimentado do ano foi 19 de dezembro, quando estiveram na basílica 163 mil pessoas. No mesmo domingo de 92, o movimento foi de 158 mil romei-

Serão celebradas na basílica amanhā sete missas, sendo a primeira às 5h30 e a última às 18h. No próximo dia 23 será realizado em Aparecida o Encontro Nacional dos Aposentados.



Vista geral da Basílica Nacional, e

# Lixão' no estacionamento da basílica FSP 29/12/93 atrai 200 catadores em Aparecida

Basílica fecha área por causa de camelôs FSP 30/12/9/ F.S.P- 5/9/94

McDonald's na basílica de implanta loja Aparecida

O culto à Padroeira do Brasil perde espaço em Aparecida para o comércio de bugigangas trazidas por sacoleiros e leva a Igreja a reagir construindo

padroeira é do Brasil, mas a cidade virou um entreposto paraguaio instalado em pleno Vale do Paraíba, a apenas duas horas de carro da Capital. Conhecida pela enorme Basílica — que atrai aproximadamente 10 milhões de pessoas por ano e só perde em tamanho para a de São Pedro, no Vaticano -, Aparecida, a cidade-símbolo do turismo da fé no País, mudou radicalmente de vocação. Hoje, é preciso bater muita perna para encontrar os artigos e peças religiosas que fizeram a fama de seu comércio anos atrás. Atualmente, Aparecida está mais para uma filial brasileira de Ciudad Del Este, no Paraguai, tantas são as bugigangas vendidas pelo comércio e os camelôs.

"Antes, a maioria de minha clientela era formada pelos romeiros. Hoje, contudo, tive de concentrar meus negócios nas próprias igrejas, pois é cada vez mais raro um

um dos maiores shopping centers do País

REGIANE MONTEIRO Revista JÁ Jornal Diário Popular 5/01/1997

tigos religiosos.

raquinhas dos camelôs. O es- estoques de bugigangas. paço das vitrines e barracas,

devoto da Padroeira aparecer Nossa Senhora Aparecida, ago- (PMDB), o baixo custo desses chegar a R\$ 10 milhões, núme-Cartegni, dono da loja Mona por videogames, brinquedos, Lisa, que há 30 anos vende ar- rádios e outros aparelhos elecerca de 35 mil habitantes e dirigem, todas as semanas, 20 ICMS no último ano. chega a receber até 150 mil ro- ônibus repletos de sacoleiros. meiros em um único final de "Em vez de levar uma imagem semana, a atividade comercial da Santa. que pode custar de R\$ acabou ganhando dimensões 30,00 a R\$ 100,00, o romeiro muito maiores do que uma sim- prefere sair com um relógio ou tudo na tentativa de atrair um 10,00", diz a ambulante Dalva desses consumidores potenci- Soares dos Santos, de 39 anos,

troeletrônicos, em sua maioria cio afirma que, só com as ven- fra-estrutura. Fonte de geração de empre- de qualidade duvidosa. A ori- das clandestinas, o município gos em uma cidade que tem gem? O Paraguai, para onde se deixou de arrecadar até 70% do estrangeiros se tornou um atra-

ples feira de artesanato. Vale um rádio, que não chegam a R\$ ros e pelos próprios comerci- Basílica, fez compras para toda antes, que também se abaste- a família. cem em Ciudad Del Este, o Banais para um dos 3 mil pontos que vai ao Paraguai duas vezes co do Brasil tem dados que dão que fazem a festa do comércio de comércio, incluindo as bar- por semana para renovar seus uma idéia do que está aconte- local, formal e informal, a Igrecendo na economia da cidade. ja Católica lançou mão de um Segundo o ex-prefeito An- Num final de semana normal projeto ambicioso. Batizado

por aqui", conta Ítalo Franco ra é disputado palmo a palmo produtos no Paraguai acabou ro bastante atraente para um propiciando o desenvolvimen- município que tem assumidato desse tipo de comércio. Már- mente vários problemas de in-

"O comércio de produtos tivo a mais da cidade. Venho há quatro anos à cidade e agora mbora não se tenha uma tenho um motivo a mais para noção exata de quanto visitar a Padroeira", diz a dona tem sido movimentado de casa Alenor Maria Barbosa, "por fora" pelos sacolei- da Capital, que, a caminho da

De olho nos consumidores antes reservado às imagens de tônio Márcio de Siqueira para o comércio, a cifra pode Centro de Apoio ao Romeiro,

numa clara referência às precárias condições existentes em Aparecida para o atendimento aos visitantes, o projeto prevê a construção, ao lado da Basílica, de um dos maiores shopping centers do País, com 780 lojas, incluindo praça de alimentação, e mais um anfiteatro com capacidade para 5 mil pessoas. Segundo os padres, tudo não passa de uma forma de demonstrar a preocupação com os fiéis da Padroeira. O projeto, orçado em R\$ 20 milhões, já despertou o interesse de grandes redes de fast food, como McDonald's e Pizza Hut, que se candidataram a lojasâncora. As obras já estão sendo tocadas e devem ser concluídas em setembro.

Segundo informações da Associação Comercial, até o momento, aproximadamente 100 das lojas, que vão custar entre R\$ 17 mil e R\$ 23 mil,

foram vendidas. Para facilitar a vida dos comerciantes, a Caixa Econômica Federal liberou uma linha de crédito que permite o financiamento dos imóveis em até 10 parcelas. "Estamos apostando na construção do shopping também para atrair quem passa pela Dutra durante a semana", explica Ângelo Reginaldo Leite, presidente da Associação Comercial. De acordo com ele, a taxa de administração cobrada dos lojistas deve ficar em torno de R\$ 400,00, o que geraria mais de R\$ 280 mil em um único mês. "No início, pensamos que o projeto da Igreja seria um problema para o comércio da cidade. Agora, estamos acreditando que o shopping poderá atrair novos turistas para Aparecida, gente que ainda não frequenta", completa Ângelo.

Os ambulantes, que contabilizam mais de 2,4 mil barracas instaladas em frente ao portão da Basílica, estão preocupados com a construção do shopping. Eles temem que, com a inauguração do empreendimento, os visitantes façam suas compras apenas nos domínios da Igreja. "Acho provável que o romeiro simplesmente esqueça que existe uma cidade atrás dos muros da Basílica", lamenta o ambulante Altamir Ramos. A1-10

temor dos ambulante é justificado, já que eles próprios contribuíram para a quase extinção do artesanato local. Há cinco anos, contavam-se mais de 100 pequenas fábricas que sobreviviam da produção de artigos religiosos. Hoje, elas não passam de quatro, pelo menos oficialmente. "O exército de sacoleiros que vende produtos clandestinos até no pátio da Basílica fez com que o movi-

mento caísse muito", diz o presidente do Sindicato dos Ambulantes, Adauto Grilo, tentando eximir de qualquer culpa a sua categoria. "Quem tinha uma pequena fábrica não conseguiu competir".

s chamados clandestinos vendem alguns produtos importados, cervejas, sorvetes, refrigerantes, sanduíches, entre outras coisas, no pátio interno da Basílica, onde estacionam os ônibus dos romeiros. Lá, é possível encontrar gente disposta a viajar mais de cinco horas para realizar negócios dentro do santuário. Muitas pessoas saem do Rio de Janeiro, Minas Gerais e até do Paraná, praticamente todo final de semana, por um motivo a mais do que a fé na Padroeira: a possibilidade de faturar até R\$ 2,5 mil por mês.

Mais organizados e capitalizados, os ambulantes não precisam temer nem mesmo a fiscalização, já que os ônibus de turismo não são parados pela Receita Federal. "Se a pessoa burlar os fiscais desde o Paraguai e depois vem a Aparecida como turista fica difícil apreender mercadorias clandestinas", explica Antonio Branisso, delegado da Receita em Taubaté, que inclui a jurisdição de Aparecida. "Mas há a fiscalização da Prefeitura", completa. Segundo ele, há 20 dias, o Fisco apreendeu quase 40 toneladas de mercadorias que entraram irregularmente no País e chegavam à cidade.

Inúmeros paulistanos, que não quiseram se identificar, temendo represálias da fiscalização, constituem até endereço próprio e tiram título de eleitor em Aparecida apenas para vender as mercadorias paraguaias no final de semana. "Basta andar pela cidade durante uma segunda-feira para se ver a grande quantidade de imóveis que ficam fechados", explica Grilo. De acordo com ele, as vendas durante um final de semana costumam ser atraentes e acabam compersando alugar até um pequeno apartamento.

Em geral, cada sacoleiro —

que pode ser o próprio ambulante ou um fornecedor — leva de R\$ 2 mil a R\$ 3 mil para o Paraguai e revende os produtos com uma margem de lucro de 30%. Como são em mais de mil, e supondo-se que cada um dos 20 ônibus fretados semanalmente transporte 20 pessoas, estima-se que R\$ 3,2 milhões sejam gastos mensalmente no Paraguai por comercian-

tes informais. Com a venda dos produtos em Aparecida eles faturariam por volta de R\$ 4,16 milhões por mês.

Com medo de perder essa boquinha, eles chegaram a organizar diversos protestos nos últimos meses, tudo na tentativa de impedir a construção do shopping center da Igreja. A discordância vem principalmente do fato de a cidade não comportar, segundo os ambulantes, mais 700 lojas. Tanto fizeram que conquistaram, até o momento, pelo menos uma vitória. Pelo projeto original, o Centro de Apoio ao Romeiro seria construído em forma de cruz. Agora, vai ser em formato de X. "Achamos um absurdo ser utilizado um símbolo católico na construção de um shopping", critica Grilo.

Revista Já Jornal Diário Popular 5/01/1997 25/10/1998

pal etapa do processo de beatificagalo da frade franciscano, alema de
asino distor de ducidação é necesasino distor de ducidação é necesasino distor de ducidação é necesasino distor de ducidação é necescação custou perto de USS 55
mil gastos em viagens, pagamentto de pertos, teólogos, históriadotes, médicos, papelo pero poro potre de São
Paulo", disto. "São poquenas doscles, que as irmãs foram recohiendo e gandando desde o disda morte de frei Garão."

A rima Cella, que faz parte da
Congregação da Innaculada Conceição, começou a trabalhar no caso em 1990. Foi ecolhida pelo pardeal d. Paulo Evaristo Arra, que Ese empenhou pessoalmente na
es empenhou pessoalmente na
es empenhou pessoalmente na
custa de Corridos pagade Go processo de
de 50 anos do nite
celado do processo de
con celado do processo de
contra de con contra cela
con contra cela
de contra de contra de
con contra cela
con contra cela
de contra de contra de
con contra cela
con contra cela
de contra de contra cela
con celado con contra cela
con

OCORREU EM 1938

proclamaram beatos e santos na história da Igreja Cráfilica. E al-sença más um recordo para a sua coleção. Metade dos beatos e santos por coleção. Metade dos beatos e santos por comportandos desetos o século 16 foram nomeados por ele. São 809. Por mum total de 1.618 beatos, e 281 vantos, entre 571 surgidos no período de 400 atos.

Dinheiro dos pobres - Os pro-cessos de beatificação na Igreja são complicados e demorados. O de frei Galvão começou em 1938 e só acabou agora. Não se sabe quan-

Daniela viajou a Roma a convite da Igreja para participar da cerimônia que se celebra hoje no Vaticano; aos 4 anos, ela se curou de uma grave hepatite, depois que sua família rezou uma novena para o religioso

Brasileira estará na beatificação de frei Galvão

RELIGIÃO

GERAL

DOMINGO, 25 DE OUTUBRO DE 1998

Cidade de beato é da mesma região

de Aparecida

O ESTADO DE S.PAULO - A2

· 新姓的

to tempo ainda será necessário pa

nado santo.

beato é proclar

De acordo com informações da Irmã Cella Cadorin, encarregada de acompanhar a última e princi-

de 2 mil brasileiros deverão assistir à deirinhas e retra-tos de frei Galvão.

História – A imagem de Noses Se-nhora Aparecida foi encontrada em 1717 no Rob Paraba, no muni-cipio de Guarningueda, Na época, os pecadores fevaram a pequena estátua para o batro em que vi-viam e onde foi construída uma pe-quena capela. O local transformou-

ficação nos pegou de surpresa e es-tumos correndo com as obras", ec-pica a director de Cultura do mu-nicipio, Maria da Conceição de Castro. Outro ponte turístico será

Residência - "O anúncio da beatitro de apoio aos fiéis.

Aparecida emancipou-se de Gua-ratinguetá em 1928. "Frei Galvão los. 'Talvez isso explique o fato de a santa de maior devoção do País e o primeiro beato serem do mesmo

NÍCIO DO PROCESSO

riência para afirmar que as dificul-dades dos brasileiros para obter as beatificações que pretendem de-vem-se em parte à falta de conheci-mento da burocracia da Igreja. enfrentou todas as complicadas às vezes antipáticas f da Santa Sé. Saju de

Cristina da Silva, de 12

anos, que ficou curada de
uma grave forma de pantie avós
sua famila ter feito uma nevana
Galvão, van participar hoje da cersua famila ter feito uma caraca
Galvão, van participar hoje da cersua famila ter feito uma
Galvão, van participar hoje da cersua de Sao Petro, ela será chamada
pan participar do refución o paepan participar do refución o paete da celebração na qual é feita a
parregentação de oferendas. Duniela, que tinha 4 anos quando adocceu, vágio a convite da greja
fre Galvão será o primetro beato brasilerio. Cartazas com a sua
to cartaza sacionalidades, se
que também serão beatificados
be acordo com previsios dos orgapesas com com grevisios dos orga-ASSIMINA VLAHOU Papedal para o Estado

nia de hoje, o papa João Paulo II con-firma ser um dos previsto pelo calendário oficial de santos e bentos da Igreja. Ele será definido hoje pelo papa.

se em pouco tempo em ponto de pe-regrinação, pote estava próximo da estrada que liga São Paulo e o Rio. Com o crescimento económico, Aparecida emancipou-se de Gua-

sas da demora da beatificação do frade e conclutinos que em algu-mas ocasibes faltaram brasileiros acompanhando o processo", dis-se. "Como nunca tivenos beatos nem santos, não temos tradição."

Id. localidades é de 5 km Fill

A mesma região que abriga a santa de maior devoção do País, Nossa Senhora Apare-

Centro de Peregrinação Guaratinguetá já se prepara para receber devotos e deverá ter

JULIANA JUNQUEIRA

Suaratinguelá, em primeiro plano, e Aparecida, ao fundo: distância entre as duas receber um número grande de pes-soas. Um recinto de exposições, próximo da Rodovia Presidente Dutra, será transformado em cen-

cida, também acolherá o primeiro cida, também acolherá o primeiro besto de origun brasilera, fred Gal-vac. Cerca de 5 quilômetros dividem os municípios de Guaratin-guetá, cado o fre insexu, e Aparecida, no Vale do Parabla, em São Paulo, Seguindo os passos da cidade em que se localiza o santúario nacional, Guaratinguetá já se prepara para me receber os devotos, que deverão acocrere à cidade apois o município de bestificação pelo papa hace, banda Habardonal de destrigo acocrere à cidade apois o amúnicío de bestificação pelo papa

Ainda não se sabe quando as re obras do memorial serão iniciadas. so Mas já está definido que elegrado po se pertences de fred Galvião, do preseções conservados pelos franciscas. Inse e uma pequena capela. "Estas-nos e uma pequena capela. "Estas-nos e uma pequena capela." Estasrocinio com as em-presas pela Lei Rouanet", explica frei Carlos. aminico da beaticação pelo papa José Paulo II.

A Ordem dos Franciscanos já amunciou a construção no municipo polo de Centro de Peregrinação Frei Gabrão, que terá um museu e um memorial dedicados ao religio so. Ele deverá ficar no terreno do Seminário Frei Gabrão, que tem quatro adqueires. O editição do semi-simário frei Calvão, que tem quatro adqueires. O editição do semi-simário frei construído em 1942 e abri- para atradimente 25.

**BUSCA APOIO** DA INICIATIVA ORDEM PRIVADA seminaristas.

"Apos a beatifinação, os fiéis vão querr concese op en asceu o frei vão querr concese operator de nasceu o frei prancissamo Carles per presentado en asceu o frei prancissamo Carles a per conceinadores do seminario e um dos coordenadores do seminario e um contrivos do beatificação. "As pessoas que vém a Aparecida também passario por aqui."

Atualmente Guarantique si para atrai devotos, que vésticam uma referencia de do Purixisimo Coração de Maisia. « Ja do Purixismo Coração de Maisia. » « Ja do Purixismo Coração de Maisia. « Ja do Purixismo Coração de Maisia. » « Ja do Purixismo Coração de Maisia.

As instalações deverão ter um es-tilo moderno, se-guindo a imagem que os franciscahos querem passar de frei Galvão: "O "santo do novo milênio"

A prefeitura também espera co-lher futuos do untamo religioso e já preprarou um plano para os visi-tantes do município. Ele terá que se adequar, porém, às condições da cladale, que não tem estrutura para

a casa onde nasceu frei Galvão, no centro da cidade. A fabrida origi-nal foi recuperada pela arquitea Regina Maia Galvão. Ela arual-mente mora na residência, que não ser à aberta para visitação. Para os próximos días, estão pro-granados diversos reventos na cida-de. Entre os días 8 e 15 serão reali-zadas proclesões, missa solene e o lançamento da pederá fundamental do centro. A partir do ano que vem, a festa será realizada no día

Ano	Carros (domingos)	ônibus (domingos)	Pessoas (ano inteiro)		
1968	51.594	16.127	903.050		
1969	54.279	18.464	1.009.955		
1970	66.977	18.810	1.087.285		
1971	76.700	19.680	1.171.060		
1972	103.455	25.779	1.548.435		
1973	110.780	27.831	1.667.140		
1974	111.819	30.102	1.763.175		
1975	118.130	. 33.852	1.944.730		
1976	110.786	38.951	2.101.030		
1977	100.112	44.591	2.208.030		
1978	100.250	51.080	2.982.000		
1979	104.326	53.168	3.041.000		
1980	110.090	57.051	3.166.000		
1981	87.948	56.871	3.164.000		
1982	91.114	58.309	3.213:000		
1983	79.418	50.722	2.812.000		
1984	112.352	48.181	3.867.800		
1985	116.824	50.422	4.930.000		
1986	153.912	66.736	4.930.900		
1987	137.480	44.240	3.950.900		
1988	145.712	48.586	4.177.900		
1989	151.320	64.160	4.875.100		
1990	136.216	56.748	4.484.900		
1991	154.624	64.097	5.254.000		
1992	156.608	69.849	5.413.300		
1993	165.144	82.432	6.230.500		
1994	177.288	86.064	6.546.800		
1995	175.304	79.412	6.399.400		
1996	200.160	66.305	6.326.000		
1997	228.332	68.025	6.201.000		

O Ano Mariano de 1972 foi o início do deslanchar do extraordinário movimento atual do Santuário, imprimindo uma característica especial com o início das Romarias Nacionais acima apontadas. O cronista teve o cuidado de anotar o número de comunhões que chegou a 1.628.140. A partir daquele ano, o número de peregrinos começou a ultrapassar a casa dos 3 milhões para chegar a cerca de 6 milhões do tempo presente. E como todas as naves da nova Basílica começaram a ser utilizadas, os peregrinos podiam ser bem recebidos para a participação da eucaristia, do sacramento da confissão e de suas devoções pessoais diante da Imagem. Para seu descanso, o tesoureiro-administrador redentorista Pe. Noé Sotillo preparou todo o subsolo, onde há o conforto de cerca de 2 mil sanitários, água potável, serviço médico, farmacêutico e pediátrico e o grande refeitório.

Nosso bom calculista e matemático Pe. Luís Inocêncio Pereira costuma fazer a contagem de carros e ônibus, excluídos os de carreira ou estacionados em locais distantes da Basílica Nova, entre as 10h30min e 11 horas. Ele soma a média de 5 pessoas por carro, isto é, caminhonetes, cabines duplas e kombis, e 40 por ônibus. Ele mesmo garante que o número de pessoas nos 52 domingos do ano são de 10 a 20 por cento a mais. Dentro destes critérios ele fez estas estatísticas para os domingos dos anos de 1968 a 1980:

Por estas estatísticas percebemos o grande desenvolvimento do Santuário de Aparecida a partir do Ano Mariano de 1972. Quanto à pastoral, com a facilidade da distribuição de missas e do atendimento das confissões durante o dia, acompanhadas sempre com reflexão da palavra de Deus, os missionários puderam oferecer um bom momento de evangelização aos peregrinos. Neste período, a Capela da Penitência e a Capela (Sala) dos Milagres ficaram um mimo, oferecendo mais conforto aos votos e fazer sua confissão. Mas não foi apenas a Capela da Penitência que melhorou e se tornou mais confortável, a própria confissão foi colocada dentro de uma celebração litúrgica, atualizada conforme as recentes normas emanadas da Sagrada Congregação dos Sacramentos. O novo ritual do Sacramento da Penitência consta de leitura bíblica, exortação, exame de consciência, ato de contrição, preces e a confissão individual com a absolvição do penitente, ou eventualmente a absolvição comunitária. Essa melhoria foi introduzida para todos os horários de confissão pelo Reitor do Santuário, Pe. Isidro de Oliveira Santos, em 1974.

Os sacramentos da Eucaristia e da Penitência, unidos à pregação da Palavra de Deus, são os pontos cardeais da Pastoral do Santuário que os missionários redentoristas se empenharam em introduzir, e empenham-se hoje em aperfeiçoá-los cada vez mais. Não podemos deixar de mencionar o impacto causado no povo com a contínua renovação da celebração da festa anual a 12 de outubro, desde o reitorado do Pe. Isidro de Oliveira Santos, em 1975, e, especialmente a partir de 1991, no reitorado do Pe. Jadir Teixeira. A celebração foi enriquecida com textos, cânticos, gestos coreográficos, preces e súplicas.

Número de PESSOAS que vieram a Aparecida em 1993 - Em 24 horas de cada dia:

pont	o subst	itui a	a pala	ra mil		Ex: Se	te mil	e tre	zentas	PESSO.	AS =	7.3
Dia	Jan	Fey	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
1º 02 03 04 05	20.0 17.0 15.0 3.9 3.8	2.6 2.6 3.1 2.7 2.3	1.3 1.4 1.4 1.6 1.3	1.4 1.4 13.0 26.0 1.3	30.0 30.0 3.7 3.7 1.1	0.9 1.3 1.1 1.1 17.0	2.0 1.3 17.0 23.0 1.4	60.0 1.9 2.0 1.8 2.0	1.5 1.6 1.8 15.0 44.0	2.4 21.0 52.0 2.3 2.0		1.5 2.2 1.3 20.0 49.0
06 07 08 09 10	1.8 4.2 3.8 20.0 33.0	16.0 28.0 2.2 1.7 2.0	10.0 38.0 1.2 1.5 1.9	1.4 2.6 6.0 18.0 19.0	1.5 1.4 22.0 107.0 1.3	75.0 0.9 1.5 1.3 25.0	1.7 3.5 3.2 5.2 23.0	1.8 20.0 66.0 2.2 1.7	9.0 67.0 2.0 2.1 1.5	2.1 2.3 2.5 22.0 147.0	20.0 66.0 1.3 2.0 2.4	1.7 1.7 10.0 2.5 1.4
11 12 13 14 15	2.4 3.4 4.7 4.0 3.0	2.5 1.9 15.0 39.0 1.5	1.8 1.7 16.0 52.0 1.6	54.0 2.0 1.4 1.6 1.4	1.7 2.1 2.8 1.9 23.0	3.8 20.0 105.0 1.3 1.3	78.0 2.7 3.6 2.9 2.6	1.6 1.7 1.4 22.0 69.0	30.0 116.0 1.4 1.6 2.2	17.0 150.0 2.0 2.7 3.3	1.7 1.9 23.0 147.0 15.0	33.0 146.0 2.8 2.4 2.8
16 17 18 19 20	21.0 37.0 5.2 4.4 3.4	1.5 2.0 1.7 1.6 8.0	1.7 1.3 1.8 1.7 18.0	1.3 17.0 76.0 18.0 1.9	132.0 1.4 1.4 1.7 1.5	1.7 1.7 1.3 15.0 64.0	10.2 28.0 88.0 3.9	1.7 1.7 1.7 2.0 2.3	1.9 2.4 28.0 81.0 2.4	27.0 112.0 1.9 3.6 2.3	1.2 1.5 1.9	2.8 5.0 45.0 163.0
21 22 23 24 25	3.6 3.1 19.0 45.0 8.0	26.0 10.0 7.0 4.0 2.2	70.0 1.5 1.4 1.3 2.0	3.5 1.5 1.8 19.0 139.0	1.9 21.0 122.0 2.1 1.5	1.1 1.2 1.5 1.9 1.2	5.7 6.7 5.3 24.0 110.0	23.0 101.0 1.5 1.4	2.0 1.6 1.6 1.3 30.0	3.3 4.1 27.0 159.0 2.0	COURT SHOW SHOW SHOW	4.1 4.5 5.2 5.6 18.0
26 27 28 29 30	3.2 3.8 3.4 3.3 17.0	1.8 14.0 46.0	1.2 16.0 74.0 1.1 1.3	0.9 1.5 1.3 1.5	1.7 1.7 1.6 19.0 94.0	17.0 80.0 1.2 1.9 1.3	3.6 4.7 4.1 3.5 3.9	1.6 1.8 32.0 68.0 1.6	153.0 1.4 1.3 1.5 2.2	2.4 1.7 2.5 1.9 23.0	1.5 33.0 140.0 1.4 1.6	37.0 5.8 12.5 12.3 8.8
31	29.0		1.0		1.1		19.0	1.5		122.0		20.0
Soma cada pês:	350.4	248.	9\328.	0\436.	0638.8	3448 <b>.</b> 5	496.4	499.3	608.3	926.3	618.1	631.5
	Soma	do lº	semest	re: 24	150.600	)	Son	na do 2	e seme	estre:	3779.9	900

Soma do ANO INTEIRO: 6230.500 PESSOAS

Nos DOMINGOS: Le Miscencio C. C. C.

1º semestre: 26 domingos: 75.416 carros, 31.473 ônibus: 1.636.000 PESSOAS
2º semestre: 26 domingos: 91.728 carros, 50.959 ônibus: 2.497.000 PESSOAS
Ano de 1993: 52 domingos: 167.144 carros, 82.432 ônibus: 4.133.000 PESSOAS
Motoqueiros, ciclistas, cavaleiros, romeiros-a-pé, romeiros do vale do Parafba, etc, são contados como se tivessem vindo de carro ou de ônibus.

# RÁDIO APARECIDA - VOCÊ A CONHECE?

Fala-se que a Rádio Aparecida possui a "maior audiência cativa do país".

É verdade? Sim é verdade!

E provamos isso. Como?

O primeiro argumento são os nossos

associados e representantes.

Criado em 1955, o Clube dos Sócios é o grande sustentáculo da emissora de Nossa Senhora Aparecida. O Clube dos Sócios conta, atualmente, com 1 milhão e meio de associados. Temos mais de 5 mil representantes no Brasil e nos países vizinhos.

Os associados são cristãos conscientizados da obrigação de colaborar com os meios de comunicação social cristãos. E eles estão ligados na Rádio Aparecida e fazem propaganda para que outros ouçam a Rádio Aparecida.

A Rádio Aparecida não é só uma Rádio Regional. Ela pode ser sintonizada em todo o Brasil e fora do país, no exterior, através de nossas Ondas Curtas. Além disso, a Rádio Aparecida é uma emissora de Igreja e por isso mesmo procura ser a mais honesta e sincera em todos os sentidos. Tomamos muito cuidado para não termos que nos justificar ou voltar atrás em nossas afirmações:

- Temos credibilidade.

- Atingimos o país de Norte a Sul, de Leste a Oeste.
- Falamos para os centros urbanos mais expressivos e atingimos os mais distantes recantos do sertão.
- Somos a Emissora dos devotos de N. Sra. Aparecida em todo o Brasil. Estamos ligados com o Santuário Nacional.

Para levar ao ar todas essas programações, a Rádio Aparecida dispõe dos mais sofisticados equipamentos, com todos os recursos da tecnologia moderna... Contudo, o mais importante são as pessoas que fazem a RA. A Rádio Aparecida hoje é intitulada como "A voz da Igreja no Brasil".

# RÁDIO APARECIDA PARQUE TÉCNICO

A Rádio Aparecida hoje é cotada, sem favor nenhum, como uma das maiores emissoras de rádio do país. É a maior emissora católica da América Latina e a que possui "a maior audiência cativa do país". Podemos nos equiparar com qualquer grande emissora das capitais.

Possui dois parques de transmissores. No alto do Morro do Cruzeiro estão os transmissores de Ondas Curtas e de Freqüência Modulada. O transmissor de Onda Curta de 31 metros com 10 KW de potência, o de Onda Curta de 49 metros com 25 KW de potência, o de Onda Curta de 25 metros com 5 KW de potência, e o de Freqüência Modulada com 50 KW de potência. No parque dos transmissores de Ondas Média e Tropical, instalado no Jardim Paraíba, seu transmissor de AM tem 10 KW de potência e o de Onda Tropical tem 10 KW de potência.

# O PRÉDIO DA RÁDIO

O novo prédio da Rádio Aparecida está localizado na parte central da cidade, próximo à Catedral-Basílica. Faz esquina com a Avenida Getúlio Vargas e a Rua Maestro Benedito Barreto. A entrada principal é pela Rua Maestro Benedito Barreto - sua área construída é de cerca de 8 mil m².

No 1º andar ficam a Recepção e o Salão Nobre que é destinado a reuniões, recepção de autoridades e celebrações religiosas, Lá fica também o Salão do Clube dos Sócios onde são atendidos nossos representantes e associados.

No segundo andar temos, inicialmente, um salão para exposição e reuniões festivas, com a exposição fotográfica e museu.

A seguir estão as salas do setor administrativo: PBX, salas de produção e de programação, jornalismo, departamento comercial, biblioteca e área de descanso. Outro corredor leva para a parte onde estão os estúdios e a discoteca.

# ESTÚDIOS E EQUIPAMENTOS

São 4 estúdios para gravações; um deles destinado especialmente às gravações de novelas. É usado também para gravações de programas. Seus equipamentos são estes: microfones Telefunken, a mesa de som de 4 canais é Supersom, 2 gravadores Scully e 2 toca-discos Supersom. Os equipamentos dos outros estúdios para gravações: microfones Telefunken, mesa supersom 4 canais, toca discos Supersom e gravadores Scully de 1 e 2 canais. Temos ainda um estúdio para gravações de programas para FM, orquestras e conjuntos. Seus equipamentos são estes: 2 microfones Neumann, 1 SPX com memória de computador para criação de efeitos especiais, 2 toca-discos Spotmaster, mesa de som ADM com 10 canais, 3 gravadores Scully 1 de 2 canais e 1 de 4 canais, 2 cartucheiras BE e 1 enrolador de cartuchos Spotmaster.

No estúdio onde apresentamos a programação de Ondas Curtas temos: microfones Shure, mesa de som Gates de 2 canais, 2 gravadores sendo 1 Scully e 1 Ampex, 3 cartucheiras Harris-Gates, 2 toca-discos Gates.

No estúdio de programação da FM temos: 1 microfone Telefunken, 1 mesa de som Harris com 5 canais estéreos, 2 tocadiscos Harris, 2 gravadores Scully, 3 cartucheiras Harris e 1 toca-discos laser Gradiente.

No estúdio onde se apresenta a programação de Onda Média em ocasiões especiais temos: microfones Shure e Telefunken, l mesa de som Supersom de l canal, 2 toca-discos Supersom, 2 gravadores Scully de 1 canal e 2 cartucheiras Harris.

# NOSSO PUBLICO

A RA atinge um público bem diversificado porque opera em canais diferentes e a sua programação é variada. Em Ondas Curtas e Tropical atingimos mais a Zona Rural e aqueles que desejam um rádio de conotação religiosa, de Igreja. Através da correspondência recebida pelos diversos programas, podemos avaliar o perfil de nossos ouvintes:

 Os programas religiosos são ouvidos por pessoas na faixa etária acima dos 40 anos. Muitos de nossos ouvintes são lideranças em sua comunidade.

 Os programas sertanejos atingem homens, mulheres e parte da juventude da Zona Rural.

- Os programas para a juventude são

ouvidos por jovens do campo e, especialmente, pelos jovens das cidades do interior. Somos líderes de audiência no Vale do Paraíba e Sul de Minas.

 A programação da Onda Média é mais aberta para competir com as demais emissoras do Vale. Temos um Jornal especial apresentado das 11 às 12 horas.

 - Os programas são voltados para a região e para o país, e a resposta dos jovens é muito boa através da participação telefônica e também por cartas. Estas chegam sobretudo das regiões Sudeste, Centro e Sul.

 Quanto à FM, tem uma programação classe A, voltada para público jovem ou maduro, mas de gosto mais exigente.

# CLUBE DOS SÓCIOS

O CLUBE DOS SÓCIOS DA RÁDIO APARECIDA foi criado no dia 7 de setembro de 1955, completando agora 36 anos de existência, com a finalidade de congregar os ouvintes para o apostolado leigo e propagar, deste modo, o reino de Cristo, pela devoção a Nossa Senhora Aparecida.

O diretor geral da Rádio Aparecida, na época, era o Pe. Laurindo José Rauber. A partir de fevereiro de 1956 a direção foi assumida pelo Pe. Rubem Leme Galvão, que muito dinamizou o Clube dos Sócios.

A Rádio Aparecida mal começava a dar os seus primeiros passos na Radiodifusão, pois tinha apenas 4 anos de fundação,

O Clube dos Sócios foi quem possibilitou o seu crescimento e desenvolvimento. No começo os

associados ajudaram no crescimento da Rádio Aparecida e na sua manutenção. A partir de 1970 várias campanhas foram feitas para ajudar na construção do novo prédio (Avenida Getúlio Vargas, 185) e na montagem dos novos equipamentos e transmissores, equipando de modo digno o novo prédio.

O slogan destas campanhas era este: "A casa está pronta, agora é preciso mobiliá-la".

O número de associados e de representantes passou a crescer incessantemente, de 400 mil em 1982 para 1,5 milhão em 1989. O programa "Clube dos Sócios" antes apresentado pela locutora REGINA MARIA e a programação global da RA a partir de 1987 são o elo de ligação entre o Clube dos Sócios e a Rádio Aparecida.

Aos poucos o antigo prédio da Rádio Aparecida foi sendo melhorado e novos funcionários puderam ser contratados. Novos equipamentos foram adquiridos e a RA começo a crescer. No começo, quando do que en ricego. Cluba

dos Sócios tinha apenas 1 funcionária e o número de associados bastante reduzido.

Hoje os associados contribuem, anualmente, com um pequeno donativo conforme suas possibilidades e ajudam na missão evangelizadora da Rádio Aparecida.

O Clube dos Sócios conta, atualmente, com mais de 5 mil representantes espalhados nos diversos Estados de nossa Pátria. Do Pará ao Rio Grande do Sul, esses cristãos abnegados caminham, muitas vezes a pé, quilômetros, para divulgarem a Rádio Aparecida e angariar novos sócios. São os verdadeiros apóstolos anônimos da RA. Na campanha para aumentar o número de associados realizada em 1990 recebemos cartas de 21 Estados e cerca de 1.100 cidades diferentes.

O lema do Clube dos Sócios é:
"QUEM AJUDA A PREGAÇÃO TEM
MERECIMENTOS DE PREGADOR!"
Este lema foi criado pelo Pe. Vítor Coelho
de Almeida, um dos maiores propagadores
do Clube dos Sócios e da devoção a Nossa

FOLHA DE S. PAULO

9 195 brasil

Segunda-Feira, 6 de junho de 1994 I - II

# lgreja terá maior rede de rádio do país **ONDAS NO AR**

Cerca de 170 emissoras ligadas à Igreja Católica começarão a transmitir programação conjunta em janeiro de 95



O coordenador do projeto Igreja-Sat, padre César Moreira, da ordem dos redentoristas

# 'Progressistas' e 'conservadores' terão espaço

Da Reportagem Local

O projeto Igreja-Sat tem como coordenador um padre da ordem dos redentoristas, que foi por nove años diretor da Rádio Aparecida, a mins tradicional das emissoras caCésar Moreira, 48, diz que a re-de em formação não pretende se colocar a serviço de uma das ten-Folha - A igreja está insatis-feita com o atual radiojornalis-Padre César Moreira - Não há nsatisfação. Há muitas emissoras que fazem um bom jornalismo. A mo, e por isso monta sua rede? dências da igreja.

pessoas que escolham o candidato ou o partido que considerarem o melhor.

conquistar espaços que foram coupauistar espaços que foram cupados pelos erangélicos?

Moretra- A tarcia não tem esta visão. O grupo que reflete sobre a commicação dentro da igreja não penta assim. Nos temos como finalidade apresentar uma proposta estarialmente de evangelho.

Folha — Essa proposta estaria num retorno ao discurso tradicional da catequização?

Moretra- Es dirá que evange- lizar, em jornalismo, quer dizer algo bem diferente. Paulo 67 já dirá que defender valores humanos já c evangelicar. Folha - Até que ponto o Igre-ja-Sat não é uma tentativa de re-Folha - Mas há na igraja duas visões da eraldidade, a dos cha- nados conservadores e a dos chandos conservadores e a dos chandos progressistas.

Moreira - Não se procuta conserso, mas sim ophunismo, Assim como a CNBB produz documentos que representam a tigrajamento e corpo da juraja. Polha - No caso de elebjado presidencia, o ligraja-sia aconservado e volta produziona a voltar e ma candidatos con determinado perfil político?

Moreira - Isso não coortecia.

mos nas emissoras católicas con-siste em dar à politização um con-teúdo menos partidário. Nos insis-timos na prática da cidadania. As mesmo porque a prática que já te-

greja quer transmitir sua interpre-ação da realidade.

CENTRO DETRANSMISSÃO (móvel ou em SP e Aparacida)

unificar seu telejornalismo.

A presidencia de ligieja-sis foi entregue ao padre César Motorita que também chefra a Unda (onda en latim), entidade de i agrei lugada a questives da mélas eletrónica.

Cesa Moteria daz que o projeto não tem como groposta anteparar a expansão dos evangélicos na mídia de tento abatro, en entregue às empresa obore de APUAssessoria de Comunicação.

Ambas já produzem programas radiofúnicos, como uma série en-comendada pela Conta (Coriede-ração dos Trabalhadores na Agricultura). JOÃO BATISTA NATALI Da Reportagem Local

de operacional para o Igreja-Sat, O sistema poderá se instalar em São Paulo ou Aparecida do Norte.

As cerca de 170 emissoras de rédio ligadas à lgreja Católica co-meçarão, a partir de janeiro, a transmitir em conjunto uma parte de suas programações.

Mas em caso de cohertura de as-suntos de interesse religioso ou ge-ral mais específico (visita do papa, cadstrofes naturais), bastará des-locar uma parabólica de três me-tros de diámetro para lançar o sinal para o satélite.

to e o tipo de equipamento que as emissoras que integrarão a rede precisarão possuir.

Também não foi definido o cus-

De qualquer modo, o Igreja-Sat será a maior rede radiofónica bra-

Estará entrando no ar o Igre-ja-Sar, que é un sistema de distri-buyão de sinais sonoros feito pelo Brasi-Sar (Saedine Brasileiro de Telecomunicações).

tellite que era operado pela rádio Apirecida, de Aparecida do Norie (SP).

A decisão de instalar uma rede católica de radiodifusão foi tomada

Nacional dos Bispos do Brasili.

No fulturo día 23, bispos e assessores que forman o Grupo Executivo [greja-Stat decidiram criatuma fundação para gerenciar o sistema de rídio.

O grupo já iniciou o cadastramento da se missoras e o levantamento da dermanda por programas
que elas poderão transmitir. discretamente, em abril, na assem-bléia geral da CNBB (Conferência

Dois outros itens do cadastro se-

Com dimensão comparável, existe hoje apenas a Bandeiranes, que reúne 103 emissoras, 67 a menos que o sistema católico. Programas especiais Transmissão digital
Em termos de padrão, o lgroja-Sat definia que utilizar o sistema digiral codificado e sistema A codificação permite que spenas as emissoras assimantes do sistema possam captar o sinal por meio de decodificadores.

Por enquanto, a Unda decidiu criar um núcleo de criação de programas especiais. São programas que, de início, serão distribuídos em fita e pelo correio. A digitalização (em oposição ao sinal anadojeo, has a oportunidade para que se utilize o menor espaço no canal do saélite.

A termentissão analógica custante USS 11 mil mensais para o uso do saelite. A digital sai por USS 6 mil.

Não foi escothida ainda uma se-

No primetro deles, d. Luciano Mendes de Almeida, presidente da CNBB, asseguará com dois outros bispos comentários diários com três minutos de duração.

A MÁQUINA RADIOFÓNICA DA IGREJA De quem são as 170 emissoras católicas Congregações G

1			
-73	11		1
17	7	-	بلز

# - Modelo de Enquete realizada com 50 romeiros (11-12/10/96) ENQUETE COM OS ROMEIROS DE APARECIDA

Identificação		
.a)Nome		m ( ); f(
b)ldade	c)Natura	m ( ); f(
d)Moradia	/	e) visitas
f)Escolaridade_		g)Ocupação
Questões A)Para você, lugar mais "sa, ( ) na imagem ( ( ) no templo ( ( ) no santuário (	grado" de Apar )na cidade )em todos	*Algum motivo especial?
( ) no santuario (	)em	-
B)1- possui outras devoções	? (qual)	
2-visita outros santuarios?	(qual)	
3-conhece a cidade de S.Pau	ilo?(com	0)
D)Lembra algo sobre: 1- a co		sílica Nova?
2- a peregrinação naci		?
3- a vida e a religiosid	ade em São Pau	lo?
E)COMPLETE: Vir a Apare	cida significa	
mas também serve para		
mas também serve para		
F)(OBSERVAÇÕES)	61	

# Feira mostra vigor do mercado carismático

Evento, que reunirá no Anhembi fabricantes dos mais diversos artigos religiosos, reflete o aumento da atividade que ocorre no setor, resultado do movimento que vem reavivando a fé dos católicos

AVERÁ

APRESENTAÇÃO

**DEBANDAS DE** 

MÚSICA

### ROLDÃO ARRUDA

Será aberta em São Paulo, na quarta-feira, a Feira Internacional de Artigos e Livros Católicos. Durante três dias, ela irá reunir, no Palácio de Convenções do Anhembi, editoras, livrarias, gravadoras de CDs e fabricantes de artigos religiosos, como paramentos e titurgicos, medalhas com imagens de santos e rosários. Paralelamente à exposição haverá apresentações de bandas de rock e grupos de samba de inspiração religiosa. Um deles é o Orasamba, que conta com músicos da escola Mocidade Independente de Pa-

dre Miguel, do Río. Sacerdotes também farão pregações durante os três dias.

Organizada pela diocese de Santo Amaro, na zona sul de São Paulo, a feira é o primeiro evento desse gênero que se realiza no País. Ela

procura refletir o aumento da movimentação que está ocorrendo no setor e se deve sobretudo à Renovação Carismática Católica. Esse movimento, liderado principalmente por leigos, vem reavivando a fé dos católicos, lotando igrejas e fazendo florescer diversos tipos de negócios. Os sinais disso estão por toda parte.

No centro de São Paulo, uma das livrarias católicas mais bem equipadas da cidade, a Loyola, exibe logo na entrada duas bancas repletas de livros escritos por padres ligados aos carismáticos. Lá se encontra, por exemplo, o livro Oração de Amorização, do padre Alirio Pedrini. É quase um manual carismático, que já chegou à 81ª edição, com 3 mil exemplares cada. No total, seriam quase 240 mil livros vendidos. Outra obra mais recente do mesmo autor, A Cura Pela Missa, está na 19ª edição.

Livros — "Em nosso catálogo, com quase 4 mil obras disponíveis, é notável o crescimento nas vendas daquelas que se dirigem aos carismáticos", dizo gerente comercial da Loyola, Vitor Tavares. Na sexta-feira à tarde, uma das pessoas que procuravam tí-

tulos dessa linha era Tatiana Fernandes da Silva, de 21 anos, que trabalha com recreação infantil e faz parte de um grupo de orações da Catedral da Sé. Ela comprou dois livros para presentear amigos no Natal: Cura e Salva-

ção para Você e Sua Família e Terço da Libertação.

Mais ao centro da livraria, entre livros complexos de teologia, pode-se encontrar uma versão popularizada da *Biblia*, apresentada pelo padre Jonas Abib, pregador conhecido principalmente por suas apresentações emrádio e na TV e ligado ao grupo carismático Canção Nova.

Indo adiante, na seção de CDs, encontram-se as músicas do padre Zezinho. Fazendo sucesso há quase 20 anos entre jovens católicos, ele ga-

nhou novo impulso com os carismáticos e será uma das atrações da feira que começa na quarta-feira em São Paulo. Os CDs do padre, carro-chefe da gravadora Paulinas, já venderam mais de 1 milhão de cópias.

Assim como os evangélicos pentecostais, os carismáticos dão grande

ênfase à musica em suas celebrações. Isso tem causado o surgimento de centenas de bandas e até festivais, conhecidos como "evangelizashows". Num desses encontros realizado recentemente em Brasília, o Hallel, estiveram presentes 120 mil jovens, segundo os organizadores.

"Esta é uma das formas mais poderosas de evangelização", afirma o diretor da Cooperativa de Distribuição da Música Católica (Codimac), Eraldo Mattos. A cooperativa que ele dirige, em Cachoeira Paulista, interior do Estado, reúne quase uma dúzia de grupos musicais. Eles tocam ritmos variados, como pagode, rock, heavy metal, reggae, dance music. Mattos também é baixista e toca numa dessas bandas de rock, a Cristoatividade, que lançou o CD Céu na Terra.

Novelas — A Associação do Senhor Jesus é outra organização carismática que investe na gravação de CDs. O seu lado mais forte, porém, é o de gravação de programas de TV. Dos quatro estúdios construídos pela Associação na cidade de Valinhos, interior paulista, já saíram duas novelas, exibidas na CNT. Atualmente lá são produzidos programas para as Rede Mulher e Rede Vida. Encontra-se em fase final de construção uma cidade cenográfica, que reproduzirá ruas e construções de cidades biblicas.

A base de sustentação da associação são doações periódicas de 140 milsócios de todo o País. Os carismáticos e a maior das denominações evangélicas que também crescem no Brasil têm uma mesma origem: o forte movimento pentecostal que nas últimas décadas mudou o perfil religioso dos Estados Unidos. Entre as características comuns aos dois grupos está a valorização do pagamento do dizimo à Igreja. Isso também está ajudando os carismáticos a crescer.

# SOLDADOS DA FÉ E DA PROSPERIDADE

As igrejas evangélicas crescem com a promessa do paraíso na terra

Andréa Barros e Laura Capriglione

esde a década de 80 cientistas políticos, antropólogos e sociólogos, sem contar padres e freiras, tentam entender um mistério digno das melhores elucubrações de teólogos católicos, de Santo Agostinho a Hans Kung: a conversão pacífica de 8 milhões de brasileiros às mais de 100 denominações evangélicas que existem no país. É um crescimento da ordem de 100%. No mesmo período, a população brasileira aumentou 31%, o que significa que os evangélicos se multiplicaram a uma taxa três vezes maior que a do país. Eles formam hoje um rebanho de 16 milhões de fiéis. Um rebanho ordeiro, trabalhador, que vem galgando a pirâmide social com velocidade assombrosa. O maior país católico agora é também o terceiro maior do mundo em número de protestantes. É um fenômeno que se assemelha aos épicos bíblico-hollywoodianos: milhões de figurantes, novos apóstolos, canastrões, parábolas de sofrimentos abissais antes da conversão; glórias e prazeres indizíveis depois.

Esse processo de conquista de almas já foi interpretado como puro fanatismo, exploração de gente humilde por espertalhões, desqualificado por boçal e vítima dos preconceitos mais pitorescos. Na versão mais sofisticada, a crítica atribuiu aos novos fiéis a pecha de funda-

mentalistas. Nada mais errado. Tantas almas foram ganhas para o "Deus vivo" — professado sempre aos gritos pelos evangélicos neopentecostais

"Onde tem Coca-Cola e Correios tem Assembléia de Deus": cultos em todo canto

em cultos mais estridentes que uma apresentação de Carla Perez — porque de alguma maneira a religião acabou sen-

> do útil aos convertidos. Vencendo o preconceito e o desconhecimento, uma nova fornada de estudos acadêmicos sobre o tema é capaz de relacionar alguns desses benefícios:

> ■ As igrejas evangélicas realizam um monumental trabalho de alfabetização de adultos e estimulam o hábito da leitura. Embora recrutados entre a população mais pobre e portanto mais suscetível ao analfabetismo — 54% do rebanho ganha até cinco salários mínimos —, os evangélicos são mais letrados. O analfabetismo entre eles atinge apenas 9,5%, contra 20% da população brasileira em geral.

■ A disciplina religiosa e a importância dada à educação como fator de ascensão social fazem com que os fiéis das igrejas evangélicas sejam mais exigentes com o desempenho escolar dos filhos. Mesmo quando pobres, 80% dos evangélicos não admitem a hipótese de seus filhos adolescentes entre 12 e 17 anos deixarem de estudar para trabalhar. É o quesito relativo ao comportamento da prole em que são mais exigentes. Na população em geral, o imperativo do estudo atinge apenas 60%.

■ Sem dogmas que impeçam o planejamento familiar, as novas igrejas distribuem anticoncepcionais a seu rebanho. Segundo o estudo "Novo Nascimento", produzido pelo Instituto de Estudos da Religião, entre as famílias evangélicas pobres, o número de filhos é, em média, 25% menor que entre a população brasileira.

■ Os evangélicos realizam traba-

■ Os evangélicos realizam trabalhos de recuperação de dependentes de drogas e álcool em 270 clínicas espalhadas pelo Brasil. Elas atendem 12 000 pessoas, com índices de eficiência seme-

Mais alfabetizados A ascensão evangélica 16 milhões 20% é o número de evangélicos no Brasil 9.5% Participação na população Leitura para crentes 1996 10% 1995 Politica Evolução da bancada evangélica no Congresso Nacional (deputados mais senadores) 12 Jesus na TV Evolução da programação religiosa nas emissoras de Sexo sem filhos 74% das casadas usam 151h25 método contraceptivo 77% dizem que sua igreja não proíbe nenhum método Empregos 600 000 vagas são geradas nas empresas dos evangélicos

Revista" Veja" 2/07/1997 paginas 86/87/88

Ihantes aos obtidos por instituições reputadas, como os Alcoólicos Anônimos: 60% de recuperação.

■ Uma sólida rede de solidariedade entre os fiéis garante que um ajude o outro na hora do desemprego ou da dificuldade financeira. Evangélico empresário prefere empregar irmãos de fé ou candidatos à conversão. Essa rede de empregos se amplia ainda mais porque a atividade religiosa para os

a atividade religiosa, para os evangélicos, implica a criação de empresas. Editoras bíblicas, canais de televisão, escolas, templos e até bancos evangélicos são responsáveis pelo surgimento de 600 000 empregos, cinco vezes mais que os postos gerados diretamente pela indústria automobilística.

# UMA ESTRELA Jovem, bonito e carismático, o padre Marcelo Rossi atrai multidões e

Eduardo Junqueira



Camila Françoso, 17 anos, pediu à amiga Renata de Palma que não se afastasse. A menina tinha medo do ex-namorado, Werick Júnior da Rocha, de 23 anos, que a chamava de dentro de um carro parado em uma rua movimentada do bairro do

Limão, em São Paulo. Inútil providência. Renata não pôde fazer nada além de gritar ao ver Camila ser arrastada para dentro da Kombi, sob a mira de um revólver. Werick não se conformava com o fato de Camila

ros à queima-roupa na ex-namorada e, em seguida, suicidou-se, com um disparo na cabeça. Dois dias depois, na última quinta-feira, devastada pela tragédia, a mãe de Camila, a dona de casa Maria de Fátima Balestro Françoso, 43 anos, disparou telefonemas para o outro lado da cidade, a uma hora de distância de carro de sua casa, para um padre que nunca tinha visto ao vivo. Buscava consolo espiritual. O alvo das esperanças da mulher era o padre Marcelo Rossi, 31 anos, o maior fenôme-

no do catolicismo brasileiro. "Acho que só

ter desfeito o namoro havia um mês. A po-

lícia foi avisada do sequestro e passou a

perseguir o carro. Ao notar que estava pa-

ra ser preso, Werick, alucinado, deu três ti-

o padre Marcelo pode tirar esse sufoco que estou sentindo no meu peito", conta Maria de Fátima, ainda sob efeito de calmantes. Poucos minutos depois, outra mulher, parente de Werick, era quem pedia socorro. Naquela mesma noite, a mãe da garota assassinada ainda foi até a região de Interlagos, na Zona Sul de São Paulo, assistir à missa celebrada pelo padre Marcelo Rossi para dezenas de milhares de pessoas. Concluído o ritual, ela tentou encontrá-lo pessoalmente. Não conseguiu. Ele já havia saído para fazer seu programa na Rádio América, de São Paulo, na qual é um dos líderes de audiência. Era apenas mais um dos vários compromissos que lotam a agenda do prelado, desde que

se tornou a principal figura do movimento católico Renovação Carismática.

O lenitivo que as duas mulheres envolvidas na tragédia paulistana procuravam é o mesmo que milhões de pessoas estão buscando. Tudo o que cerca o padre Marcelo Rossi se conta por números seguidos de muitos zeros. Alguns exemplos: suas missas, no Santuário do Terço Bizantino, um galpão de 20 000 metros quadrados, antiga fábrica na Zona Sul de São Paulo, reúnem até 60 000 católicos. Por mês, os fiéis em frente ao altar somam meio milhão de almas. É gente em busca de cura para todos os males: câncer, depressão, desemprego. Quatro vezes por semana, eles chegam em caravanas de ônibus, a pé e até em carros caros. Espremem-se para ver de perto os louvores do padre Marcelo. Do ponto de vista formal, são missas impecáveis. A liturgia segue à risca as determinações do Concí-

Revista Veja 4/11/1998 lio Vaticano II. Riturgia da palavra, págimas 115-120

liturgia eucarística, comunhão e ritos finais. Está tudo lá, pronto para passar pelo crivo do católico mais ferrenho. Mas quando o padre Rossi irrompe no palco, quer dizer, no altar, sob aplausos e assobios da platéia, não é difícil perceber que se está diante de um evento diferente. Cada celebração é um megaespetáculo. São 15 000 hóstias distribuídas por missa. Na organização, trabalham 940 voluntários, quase sempre arregimentados entre fiéis

Denise Lana, 14 anos. cese de Santo Amaro. Diante da estudante multidão, o padre Rossi é o rei da homilia. Canta, dança, prega de forma didática. Abusa das parábolas e dos diálogos com a platéia. Nada que lembre o ar sisudo de boa parte das missas convencionais.

banda Ministério de Libertação, o padre engata uma música atrás da outra. Vai para a frente do altar, rodeado por seis coroinhas, e começa o que chama de "aeróbica do Senhor". São coreografias que lembram o filme Mudança de Hábito, em que um grupo de freiras agita multidões com gingados moderninhos. O padre balança os braços, levanta as pernas, dá voltas e pulinhos. Os fiéis saem da missa como espectadores de um concerto de rock. "Fico exausta e feliz. Sempre que volto, trago mais alguém", diz a comerciante Maria Clara de Almeida, 39 anos. O efeito multiplicador da missa é impressionante. Há um ano, a paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na Zona Sul de São Paulo, ficou pequena para abrigar a multidão que procurava as celebrações. O padre Rossi resolveu fazer missas extraordinárias - são quatro por semana --, em um galpão que funcionava como casa de shows. Em pouco tempo, também ficou pequeno. Aí ele foi para a fábrica



renova a Igreja Católica no país

"Não existe em São Paulo uma casa de shows que promova quatro megaeventos por semana como faz o padre Marcelo Rossi."

Acompanhado pelos músicos da Missa via satélite — Sempre atentos ao aparecimento de estrelas ascendentes, os dois principais programas de TV dominicais, Domingão do Faustão e Domingo Legal, de Gugu Liberato, perceberam o fenômeno. Depois de disputar audiência apelando para as fraquezas do corpo, como as baixarias do sushi erótico do Faustão e os sabonetes na banheira, de Gugu, resolveram apostar na força das cantorias do padre Marcelo Rossi. O programa da Globo saiu na frente. No dia 31 de maio passado, transmitiu o final de uma missa assistida por 40 000 pessoas. "Montamos o altar como se fosse um palco. Tínhamos duas câmaras dentro do galpão e mais três do lado de fora. O padre Marcelo é um grande comunicador, fala de maneira simples, é boa-pinta e atlético", diz o diretor-geral do Domingão, Alberto Luchetti. Nunca se viu coisa igual. A missa, em São Paulo, era regida, via satélite, por Faustão, que estava nos estúdios da Globo no Rio de Janeiro. Fausto Silva mandava parar a missa, entrevistava o padre e, depois, como num show, ordenava um novo número musical. "Ele dá um verdadeiro espetáculo

com as danças, as coreografias e os cantos. Isso funciona muito bem na TV", elogia Luchetti. Os índices de audiência comprovam: com o padre Marcelo no ar, o ibope do programa subiu 4 pontos - só em São Paulo isso equivale a mais 320 000 espectadores grudados na telinha. No pico, foram 30



pontos contra 19 da concorrência. No Rio, Faustão bateu Gugu por 27 pontos de audiência, contra 12. Em número de telespectadores, foram 950 000 contra 420 000. Não deu outra: ao todo, o padre Marcelo já foi seis vezes ao Faustão.

Diante do sucesso do rival, o Domingo Legal se movimentou. No último dia

 levou o padre Marcelo ao estúdio do SBT. O milagre da multiplicação



dos índices de audiência se repetiu, e foi tão claro o poder do padre para atrair telespectadores que Gugu o manteve no programa durante duas horas e sete minutos cravados. Duas horas e sete minutos, repita-se. A audiência média em São Paulo foi de 26 pontos, enquanto o Domingão do Faustão patinava em torno dos 19. No pico da audiência, Gugu atingiu 32 pontos em São Paulo, o equivalente a 2,5 milhões de paulistanos dancando no sofá de casa, contra 17 do Faustão. "Estou há dezesseis anos no programa do Gugu e não me lembro de alguém ter ficado no ar por tanto tempo. Achei que fosse conseguir segurar no máximo uma hora de programa", confessa Roberto Manzoni, diretor-geral do Domingo Legal. "O padre Marcelo tem o dom de se posicionar bem diante das câmaras, ele enche o vídeo. Queria-o com a gente todos os domingos." A façanha mais recente do padre Marcelo é a conquista do mercado fonográfico. Com o disco Músicas para Louvar o Senhor, lançado há pouco mais de um mês pela PolyGram, a maior gravadora do país, já

vendeu 450 000 Samba. Os discos cópias — índice podem ser enconimpressionante trados em papelamesmo para uma rias e paróquias, gravadora acostumada a megassucessos, como os grupos É o Tchan, que ainda vai vender, e acho que ainda vai vender der muito mais",

comemora Marcelo Castello Branco, presidente da PolyGram (veja quadro ao lado). O marketing para promover o lançamento do CD inclui comerciais de TV estrelados pelo padre, que devem entrar no ar nesta semana.

# MPB católica

O disco do padre Marcelo vendeu 450 000 cópias em pouco mais de um mês — já são quatro discos de ouro. Os pagodeiros do Só pra Contrariar venderam no primeiro mês 300 000 cópias do CD homônimo, recordista em vendas. O padre pinçou as músicas do repertório católico. Novos arranjos transformam-nas em hits irresistíveis. Um exemplo:

Bonito, forte, olhos azuis - Os fatores que levaram à escalada de Marcelo Rossi, um jovem de 31 anos, ordenado padre há apenas quatro, são tão simples de explicar quanto difíceis de ser reunidos numa só pessoa. Ele é bonito, alto, forte, olhos azuis. Canta bem. É alegre. Fala em nome de uma fé que 83% dos brasileiros designam como sua - a católica. Tem uma habilidade incrível para aplicar a pregação pastoral a temas muito próximos de milhões de brasileiros que ligam a TV todos os dias. Exemplos? Quando esteve no Gugu, Marcelo Rossi primeiro alertou sobre o risco das drogas entre os jovens e deu conselhos ao ex-polegar Rafael, preso recentemente por roubar 1 real para comprar drogas. Depois, falou do céu e de Deus ao se encontrar no palco com o cantor sertanejo Leonardo, que perdeu o irmão Leandro, vítima de um câncer devastador. Por fim, deu a bênção a Denise Tacto, mulher do ator Gerson Brenner, que se recupera de gravíssima lesão cerebral. A cada fala, piscava beatificamente os olhos, valorizando-os. Os espectadores adoraram. A emoção atingiu seu ápice quando o padre se ofereceu para batizar a pequena Vitória, filha de Brenner, nascida depois do terrível assalto que o vitimou. Gugu Liberato não conseguiu esconder as lágrimas.

Antes de aderir à batina o padre Marcelo Rossi tinha uma vida comum, como a de milhares de brasileiros. O pai, Antônio, de 57 anos, parou de estudar quando concluiu o curso ginasial e se tomou gerente de banco. A mãe, Wilma, de 54 anos, que tem apenas o curso primário, sempre foi dona de casa. A irmã Marta, de 27 anos, tornou-se religiosa. É noviça. Mônica, de 29 anos, é professora primária. Ele foi criado em Santana, um bairro tradicional

de classe média na Zona Norte de São Paulo, e nunca teve hábitos sofisticados. Seu prato predileto é uma boa pizza. Quando adolescente, gostava de ouvir as músicas de Chico Buarque, Legião Urbana e Oswaldo Montenegro. Ainda hoje seu filme preferido é um de pancadaria pesada — Operação Dragão, estrelado pelo astro

15 IV

do caratê Bruce Lee. Antes de entrar para o seminário teve duas namoradas e algumas aventuras. Fez sexo com algumas garotas. "Eu era um garoto comum. E ponto final", justifica.

Quando o papa esteve em São Paulo em 1980, Marcelo não acompanhou os pais para assistir à missa do sumo pontífice. Tinha 13 anos e preferiu ficar em casa fazendo palavras cruzadas. Uma indiferença que ele compartilhava com a maioria dos jovens da sua idade. Para tentar corrigir a cifose que deixa suas costas arqueadas, Marcelo passou a freqüentar acade-

mias de ginástica. Gostou. Todos os dias tomava dez claras de ovo dissolvidas em um copo de leite desnatado. Achava que devia ingerir grandes doses de proteína para esculpir músculos vistosos. Deu certo. Em três anos ganhou 30 quilos. Era uma montanha humana de 125 quilos distribuídos em um corpo de 1,94 metro quando se formou em educação física, em 1989.

São vaidades cada vez mais distantes. Aos 21 anos, sofreu um choque duplo. Seu primo Sérgio Mendonça, de 28 anos, morreu em um acidente de carro. Um bêbado entrou na contramão e provocou uma colisão frontal. No mesmo dia em que perdeu o primo querido, Marcelo ficou sabendo que uma tia tinha um tumor na face. O garotão musculoso entrou em parafuso. "Hoje estou cheio de saúde, mas e amanhã?", indagava na época. Encontrou conforto quando voltou a freqüentar a igreja, que havia abandonado cinco anos antes. "O encontro com Deus me trouxe de volta a paz que eu havia perdido", conta.

Revista Veja 4/11/1998 páginas 115 a 120 Aparecida, abril de 1996.



São Paulo, novembro de 1996



Prezado Comerciante de Aparecida,

O número de romeiros que vem em peregrinação ao Santuário Nacional de Aparecida tem aumentado de forma substancial ano a ano.

Todos os serviços indispensáveis para que a experiência da peregrinação se desenvolva de acordo com as expectativas dos romeiros foram ficando aquém das necessidades básicas.

Toda a população está ciente dos conflitos que, precisamente, essa falta de infra-estrutura está gerando entre os interessados em atender o romeiro nos mais diversos aspectos das suas necessidades, sejam estas de higiene, de alimentação, de compras ou de lazer.

As autoridades da Catedral Basílica decidiram desenvolver uma série de obras dentro dos limites do Santuário, visando atender ao romeiro de forma tal que a peregrinação para visitá-lo e desenvolver suas atividades religiosas se complemente com um alto índice de satisfação de suas necessidades.

Assim, já se encontra em obras a construção do muro que irá delimitar o ESPAÇO SAGRADO, dentro do qual só será permitido e possível desenvolver atividades pastorais e religiosas. Mais ainda, toda a infra-estrutura comercial existente hoje dentro destes limites será desativada e as construções, demolidas.

As obras para atendimento das necessidades dos peregrinos, que incluem um moderno Centro de Compras, cujas lojas serão alugadas, terão início em Telefone para contato: (011) 280-7088 breve.

### Prezado Comerciante.

Você está tendo a chance de participar de um negócio absolutamente sem precedentes: abrir uma loja num centro de compras que tem assegurado um enorme fluxo de consumidores durante todo o ano, todas as semanas.

Trata-se do Centro de Apoio ao Romeiro de Aparecida. Uma estrutura que compreende lojas, praça de alimentação, centro de eventos e serviços que tem por objetivo dar mais conforto e total suporte a centenas de milhares de fiéis que visitam o Santuário de Aparecida.

Sem dúvida, este será o novo ponto de encontro de toda a população da região de Aparecida, que soma em sua área de influência cerca de 430 mil habitantes.

As obras já foram iniciadas! Portanto, reserve sem demora seu lugar naquele que será o maior centro comercial da região do Vale do Paraiba.

Estamos à sua disposição para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente,

UNITAS CONSULTORIA E EMPREENDIMENTOS LTDA.





Igreja gasta R\$ 23 milhões com shopping

Página 1 de 1

# Igreja gasta R\$ 23 milhões com shopping

Aparecida Lidia No

O Centro de Apoio ao Romeiro foi construído no pátio da Basilica de Aparecida, onde funcionava parte do estacionamento e conta com 712 lojas distribuídas em quatro corredores-- chamados de asas.

O shopping tem mais 46 pontos comerciais na praça de alimentação.

O investimento previsto foi de R\$ 17,5 milhões, mas a Igreja gastou cerca de R\$ 23 milhões no empreendimento

A obra teve inicio em agosto de 96.

Os pontos comerciais foram vendidos por cerca de R\$ 25 mil cada. O comerciante vai pagar por uma loja de nove metros quadrados um aluguel de de RS 400.

O shopping tem 36,2 mil metros quadrados de área construida. O projeto da Igreja inclui a construção um centro de eventos com arquibancada para 7.000 pessoas, quadra de esportes, bares e novos banheiros.

Todo o empreendimento vai contar com 422 sanitários. Segundo a administração da Basilica a estimativa é de que o Centro de Apoio ao Romeiro gere entre 1,500 e 2.000 empregos.

Cerca de 200 lojas estão funcionando desde o último dia 8.

O vice-presidente da Ulcar (União dos Lojistas do Centro de Apoio ao Romeiro), Manoel Luiz Mira, disse que a previsão é de que hoje entrem em funcionamento cerca de 80% das lojas.

Segundo ele, alguns comerciantes ainda estão acabando de montar as lojas.

O horário de funcionamento para a praça de alimentação será de segunda à sexta das 8h às 21h, aos sábados das 7h às 21h e aos domingos das 6h às 20h.

As demais lojas vão funcionar de segunda à sexta das 8h às 19h, aos sábados das 7h às 19h e aos domingos das 6h às 18h.

Vale do Paraiba, sábado, 30 de maio de 1998

# Religião

# Shopping da fé

Igreja constrói centro de compras no pátio da basílica e causa polêmica em Aparecida

Glanda Mazarobha

e já não é possível expulsar a chicotadas os vendilhões do templo, como fez o Nazare-no em Jerusalém, a solução é integrá-los à paisagem da fé. É o que a Igreja está fazendo em Aparecida, no interior de São Paulo, a sede do maior santuário católico do Brasil, ao construir a toque de caixa o seu Centro de Apoio aos Romeiros, com-plexo comercial com mais de 700 lojas, banheiros e uma praça de alimentação. Propagandeado com o sugestivo slogan "Um paraíso de compras", o novo shopping ganha corpo no pátio da Basilica de Nossa Senhora Conceição Apareci-da. O cardeal Aloisio Lorscheider, arce-bispo de Aparecida, saca de um argu-mento métrico-decimal para refutar a comparação com os vendilhões da Bi-blia, feita pelos opositores do projeto. "Essa interpretação não cabe, já que os vendedores expulsos por Jesus faziam seus negócios dentro do templo", diz. "Em Aparecida, so estabelecimentos estão 400 metros afrastados da basflica." A busca do luzro 4 vencentemente.

A busca do lucro é veementemente negada pela Igreja. A santa intenção é dar mais conforto ao crescente número de romeiros que visitam a basílica. "As lojas e a praça de alimentação foram pensadas para pôr ordem numa invasão insuportável de marreteiros", explica o cardeal Lorscheider. "Eles vendiam aos romeiros, na maioria gente simples, alimentação higienicamente reprovável, obrigando a basílica a internar pessoas nos hospitais devido a intosicações. Em 1990, passaram pelo santuário 4,8 milhões de peregrinos. No ano passado,

foram 6,7 milhões. "Não há infra-estrutura que agtiente", afirma o padre Darci Nicioli, da administração do santuário. Quem visita a cidade hoje conta pratica-mente apenas com os serviços oferecidos pela própria basilica. A prefeitura tem oito banheiros públicos. A Igreja, 1 000, além de um pronto-socorro com dois médicos e duas enfermeiras de plantão, um fraldário e duas lanchonetes. Aparentemente boa, essa estrutura se transforma em pó em outubro, por exemplo, quando num único fim de se-mana surgem 300 000 fiéis.

"Chute na santa" — A Igreja desem-bolsou 17 milhões de reais para cons-truir 712 pequenos boxes, onde serão instaladas as lojas, 502 banheiros e a praça de alimentação. O shopping da fé também contará com um centro de eventos com palco giratório, com capa-cidade para 5 000 pessoas, e uma arquibancada externa, em que caberão ou-tras 15 000. Todo esse conglomerado de compras e lazer será ligado à basílica por uma passarela coberta. Como as obras estão sendo feitas no local onde antes ficavam os carros e ônibus dos romeiros, um novo estacionamento está em construção num morro ao lado. A primeira parte do complexo comercial, que inclui todas as lojas, será inaugura-

voja 9 de julho. 1997 63

da em 12 de outubro, Dia Nacional de Nossa Senhora Aparecida. Ter um lugar nesse paraíso custa

relativamente caro. Um boxe de 9 metros quadrados sai por cerca de 22 000 reais, além do aluguel mensal de aproximadamente 420 reais. Até agora, 60% das lojas foram vendidas. De acordo com a Igreja, o óbolo arrecadado nessa empreitada será empregado na manutenção da infra-estrutura que atenda o romeiro. "Francisco de la conatende o romeiro, "Isso vai nos permitir usar as donções dos fiéis especifica-mente para a conclusão das obras da basílica", prevê o padre Nicioli. Organizar a cruzada de comerciantes pode maria a cruzicana ecomerciames pode ser unta boa idéia, mas muita gente na cidade acha que o shopping é coisa do diaho. "Desde quando loja significa conforto para o romeiro", pergunta Adauto Grilo, presidente do Sindicato do Comércio Ambulante de Aparecida, que planeia fazer um mortesto contra a que planeja fazer um protesto contra a iniciativa durante a visita do papa João Paulo II ao Rio de Janeiro, em oumbro.

"Só falta agora a Igreja voltar a cobrar indulgências", queixa-se. Em maio do ano passado, os com-panheiros de Grilo estiveram na igreja com camisetas e faixas em que se lia "Shopping da basílica, o segundo chute "Shopping da basílica, o segundo chute na santa", numa referência ao golpe desferido contra a imagem de Nossa Senhora Aparecida pelo pastor Sergio Von Helde, da Igreja Universal do Reino

de Deus. Prevendo queda de 70% na venda de roupas, calçados, artigos religiosos e bugigangas que importam do Paraguai, os camelôs da Avenida Monu-Paraguai, os camelos da Avenida Mons-mental, a principal da cidade, arneaçam suspender o recolhimento de taxas que rendem mensalmente 150 000 reais à prefeitura. "Se for necessário, vamos armar nossas barracas ao Iado do shop-ping", promete o camelô e vereador pelo PSDB João Luiz Mota.

A cruz e a cabra — As críticas vêm não só dos vendilhões ameaçados de ficar de fora, mas também das pessoas que fee fora, mas unmoen das pessoas que frequentam o interior do templo para exercer a mais legítima de suas fun-ções, a oração. Márcia Filippo, presi-dente do movimento que luta pela res-tauração da antiga basílica, não disfartauração da antiga basilica, não disfar-ça seu desaportamento em relação à Igreja. "Como católica, sou inteiramen-te contra a instalação de 700 lojas tão próximo do santuário", diz. A profana-ção do templo é uma preocupação que assombra as mis-sas enovenas. Se-sundo o hosteles.

gundo o hotelei-

che, muitos visitantes têm reclamado. "Os católicos mais fervorosos estranham, sentem-se incomodados, e acredito que muitos podem deixar de fre-quentar o santuário", diz. Na verdade, muitos habitantes de

Aparecida estão entre a cruz e a caixa registradora. Vivem a dúvida de preservar a pureza da Casa de Deus ou apoiar um empreendimento que pode trazer benesempreenamento que pode razer oenes-ses materiais. A Igreja e a prefeitura esti-mam que o shopping deva gerar pelo menos 1 000 empregos. Instalado há oito anos no centro velho da cidade, o comer-ciante Jodaciel Moreira Diniz é o retrato do dilema. Para comprar duas lojas no novo centro comercial, ele vendeu um terreno e um carro. Diniz tem esperança de ganhar mais dinheiro, embora faça restrições ao projeto. "Como católico, acho que o shopping não deveria ser no pátio da basílica. Mas tenho de defender o pão de cada dia", confessa. Em Aparecida, anda cada vez mais difícil earantir cioa, andia caus vez mais unicul garantri esse pilo. Há quantro anos, a loja de Diniz vendia 100 violões por semana aos romeiros. Hoje, são apenas cinco. "Estou pondo a maior fé no shopping da Igreja", diz o comerciante.

# Domingão em novo parque

O shopping da fé não é a amea novi-dade em Aparecida. Próximo da bas-lica, numa frea de 200,000 meros quadrados, um grupo de empresários talianos está construindo o Magio-Park, "um parque cultural, recresirvo e religioso", segundo o engenheiro Júlio Feraz, diretor técnico do em-precadimento. Copiado de um com-presendimento. Copiado de um com-plezo de lacea localizado en Bisirio. O shopping da fé não é a única n precedimento. Copado de um com-plexo de lazer localizado em Rimini, na Itália, a versão brasileira apresenta-rá 98 miniaturas de resolumentos de de vários países. A partir do início do ano-que vem, os taristas poderão apreciar réplicas da Torre Effet, do Taj Mahal, da Muralha da China e até do acessí-vel Cristo Recentre.

vel Cristo Redentor:

O parque terá ainda três lagos e
brinquedos como pedalinhos, roda-



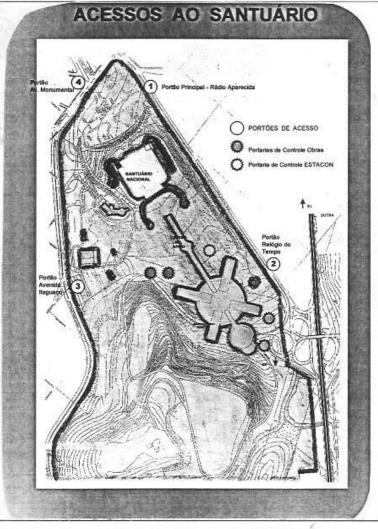
entos famosos de vários países Magic Park: miniaturas de n

ggante, carrossel e montanha-russa. A principal atração, no entanto, será a História da Humanichele, que mostrará a evolução do homem, desde a Pré-História até a civilização romana, com a ajuda de bonecos aminados. O toque religioso ficará por conta de um presépio com figuras mecanizadas, som ambiente e efeios especiais, montado numa área de 800

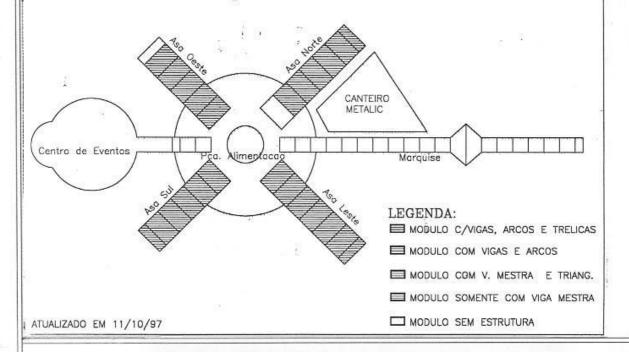
tos especiais, montado numa área de 800 metros quadrados. Os idealizadores do projeto preten-dem arrair para a cidade não apenas os romeiros que procuram o santuário para

pagar promessas ou venerar a imagem da padroeira do Brasil, mas também novos visitantes. "O parque é direcio-nado a crianças em idade escolar", explica Ferraz. Aparecida foi escolhi-da por estar a meio caminho entre o Pisto di Imagina. São Dania. Describe da por estar a meio caminho entre o Rio de Janeiro e São Paulo, Depois de totalmente pronto, daqui a dois anos, deverá gerar pelo menos 500 empre-gos dietos e receber a visita de cerca gos diretos e receber a vana de de 10 000 pessoas a cada final de semana. O custo estimado é de 50 semana. O custo e milhões de dólares.





CENTRO DE APOIO AO ROMEIRO - APARECIDA - SP.
ESTRUTURA METALICA DAS ASAS E MARQUISE



O projecto vencedor para a nova basilica, que o Santuário decidiu designar Igreja da Santíssima Trindade, tem sido fortemente contestado, mais por entidades com responsabilidade concelhias do que pelo cidadão comum. O projecto do arquitecto grego Alexandros Tombazis não consegue reunir consensos.

Nazareno do Carmo, presidente da Associação Cornércio, Indústria e Serviços do Concelho de Ourém (ACISO) e o empresário Amaro Santos foram os primeiros a tornar pública a contestação.

Em entrevista ao semanário 'Expresso', mostraram discordância quanto à construção de um túnel na avenida D. José Alves Correia da Silva, vulgarmente designada 'Avenida das Árvores', situação que será concretizada com a nova basílica.

Segundo aquele semanário, Nazareno do Carmo entende que a construção do túnel "não resolve o problema, não somente dos peregrinos como também dos dez mil residentes".

Igualmente desagradado com a opção do Santuário, o empresário Amaro Santos recorda que, há mais de 30 anos, "quando o Santuário se expandiu, interrompendo a EN 356, que, tal como a actual avenida, fazia a ligação de um extremo ao outro, não foi dada qualquer opção. E ainda trataram de tirar as serventias dos terrenos".

Criticada tem sido também a opção arquitectónica do júri que constituiu o II Concurso Internacional que o Santuário promoveu.

O arquitecto leiriense, Charters Monteiro, em declarações ao 'Região de Leiria', entende que o projecto vencedor deveria ter sido o do português Gonçalo Byrne. Charters Monteiro admitiu não gostar do projecto escolhido, por "não evitar a grande exuberância, possuir espaços exteriores do tipo pátio e com espelhos de água mais próprios de outros locais, mesmo laicos, de outros climas e culturas".

Da mesma opinião comunga o arquitecto Rui Ribeiro, que se mostrou surpreendido com a escolha do júri. Este arquitecto considera que a escolha recaiu sobre "um edifício gigantesco que vai alterar a fisionomia e a filosofia do próprio Santuário". À semelhança do seu colega, também Rui Ribeiro preferia o projecto português. "É mais adequado para aquele local, para aquela terra e para aquela história", afirmou.

# Quebrar a sazonalidade

Contrária à opinião dos técnicos, está a opinião de alguns habitantes de Fátima, que querem a construção de uma nova basílica mas levantam dúvidas quanto à possibilidade de execução do túnel.

# "Que venha a nova basílica"

Francisco Vieira, antigo Director da Escola Profissional de Ourém e presidente da Região de Turismo Leiria-Fátima (RTL), ainda não teve tempo de ir ver os três projectos propostos para a nova basílica do Santuário. Mas pelo que tem visto nos órgãos de comunicação social, entende que o projecto escolhido "não fere".

Para Francisco Vieira, residente em Fátima, a questão da proposta escolhida parece ser secundária. Pelo menos assim o indicam as suas palavras: "A nova basílica trará melhores condições para aqueles que nos visitam, permitirá quebrar a sazonalidade pela comodidade que proporcionará e será um novo factor de atracção turística".

Para o presidente da RTL, a capacidade de renovação do Santuário só pode ser louvada. "Há muitos santuários que tentam ocupar o espaço que hoje tem Fátima", explica Francisco Vieira, lembrando que o turismo religioso é, hoje em dia, "tremendamente concorrencial"

Num aviso indirecto aos comerciantes, Francisco Vieira refere ainda que é preciso "tomar todas as medidas" para evitar, nomeadamente, "a pressão urbanística" que pode vir a ser o "grande drama" de Fátima. O responsável pelo turismo da região aceita também o corte de parte da avenida ao trânsito rodoviário.

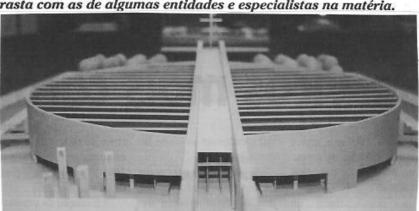
Neste último ponto, no entanto, entende ser preferível o alargamento das ruas Cónego Formigão e João Paulo II e o seu prolongamento até à Avenida Papa João XXIII, proposta, aliás defendida pelo actual presidente da Junta de Freguesia de Fátima, Júlio Silva. O presidente da Região de Turismo recorda que "o Santuário é a espinha dorsal de Fátima e o grande pólo de atraccão turística".

Quinta-feira, 21 de Janeiro de 1999

# reportagem

A generalidade dos fatimenses gosta do projecto da nova basílica. Esta opinião contrasta com as de algumas entidades e especialistas na matéria.

Jornal "Voz Imparcial" Santuário de Fátima





O MAGIC PARK APARECIDA, abrange uma área de cerca de 176.000m2, é o primeiro parque Cultural-Religioso-Recreativo da América Latina. O visitante do parque poderá sentir emoções e sensações de várias épocas e países do mundo, garantindo a adultos e crianças um momento certamente mágico!

É um Parque Recreativo porque existem muitos brinquedos, para todas as idades, como: Montanha-Russa, Auto-Pista, Splash, Barco Pirata, Trem-Fantasma, Xícara, Kid Play, Bate-Bate Aquático... Também serão promovidas atrações diversas, como shows,

teatro para crianças e apresentações artísticas.

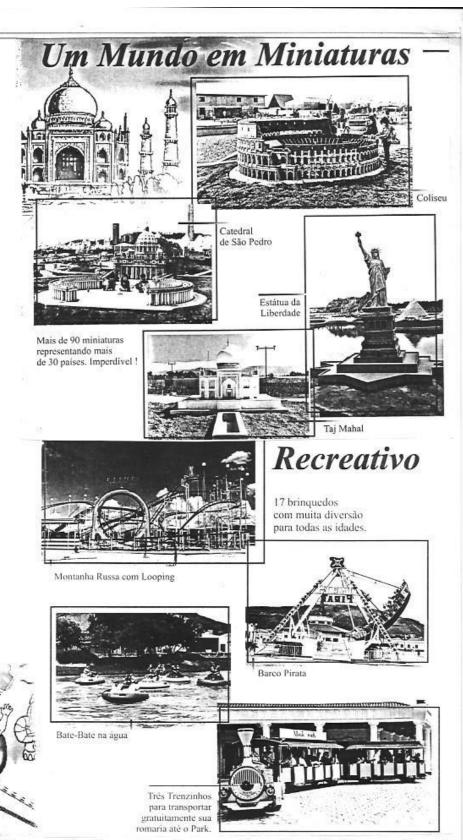
É um Parque Religioso porque possui o maior Presépio Animado do Mundo, em uma área coberta de cerca de 970 m2, dividido em 3 cenas que representam a Anunciação, a vida cotidiana na época de Cristo e o Nascimento do Cristo Redentor. A construção dos bonecos animados no laboratório de Aparecida foi um grande trabalho, envolvendo diversos artesãos, para que a aparência e o movimento representassem fielmente um personagem da época. Dentro do presépio também há cascatas, canais, efeitos especiais luminosos, tudo ao som da "Ave Maria" de Schubert, cantada por Luciano Pavarotti.

É um Parque Cultural porque os visitantes poderão aprender um pouco sobre a Geografia e a História do mundo, visitando o "Mundo em Miniatura" e os prédios temáticos. Todo o parque é uma verdadeira aula ao ar livre! O "Mundo em Miniatura" foi construído em uma área de aproximadamente 10.000 m2, com um lago central. Foram necessários 4 anos de trabalho duro para concluir as 98 miniaturas, que representam os maiores monumentos de 31 países do mundo, em escala 1:25 ou 1:50. O Magic Park está dividido em 09 áreas temáticas, com construções características. São elas: Romana, Medieval, Italiana, Árabe, Francesa, Nórdica, Mexicana, Portuguesa e Western. Não é por acaso que o lema do Magic Park é "Aprenda Brincando"!

A segurança e o conforto dos visitantes são prioridades do Magic Park. Haverá lojas destinadas a alimentação, além de lojas diversas, posto bancário, correio, telefones públicos. Uma equipe de seguranças especialmente treinados estará espalhada por todo o parque. Há também um setor de achados e perdidos, ambulatório médico, fraldário e um setor de crianças perdidas.

O Magic Park Aparecida é hoje uma realidade cultural, religiosa e recreativa, que despertará o interesse de todas as faixas etárias, desde crianças até adultos. O visitante que passar um dia no parque será contagiado pela natureza, pelos monumentos artísticos, pelos presépios e outras atrações e desejará retornar. Venha passar conosco um momento mágico!

Rua Isaac Ferreira da Encarnação, 501 – Jardim Paraíba – 12570-000 – Aparecida – São Paulo Telefone (012) 565-1864/565-4002 Fax (012) 565-2495



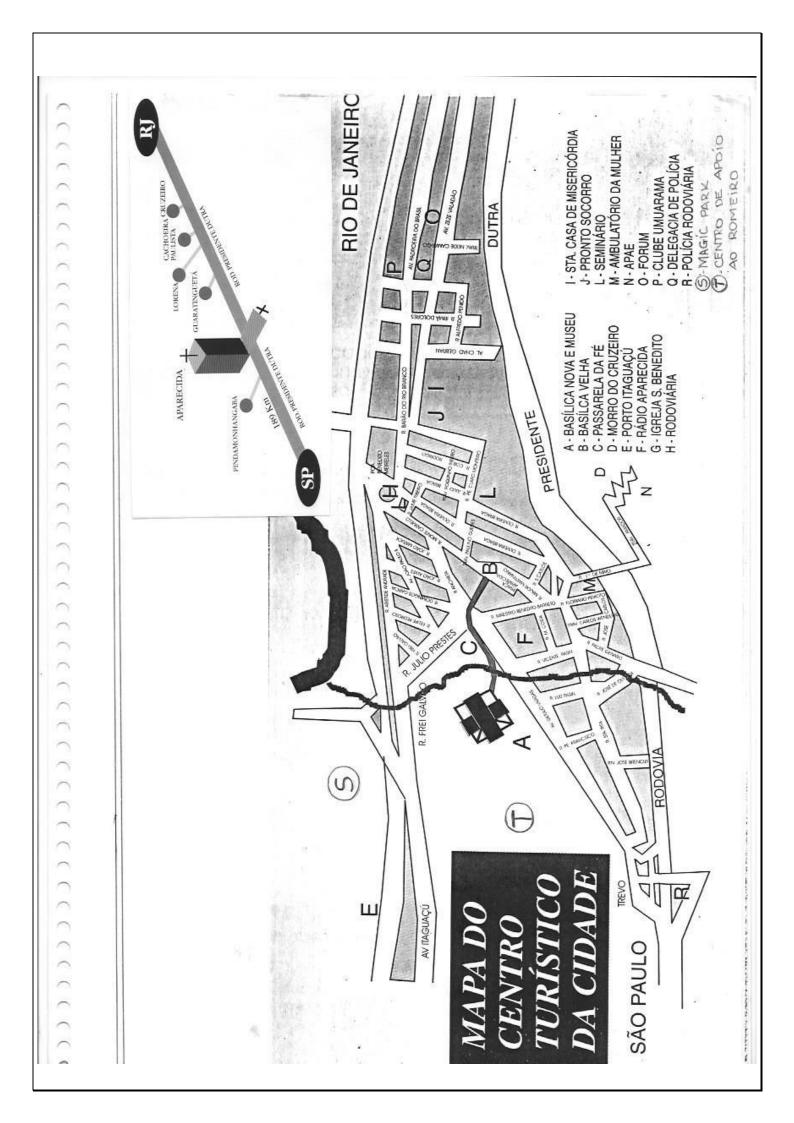
# e o maior Presépio Animado do Mundo!

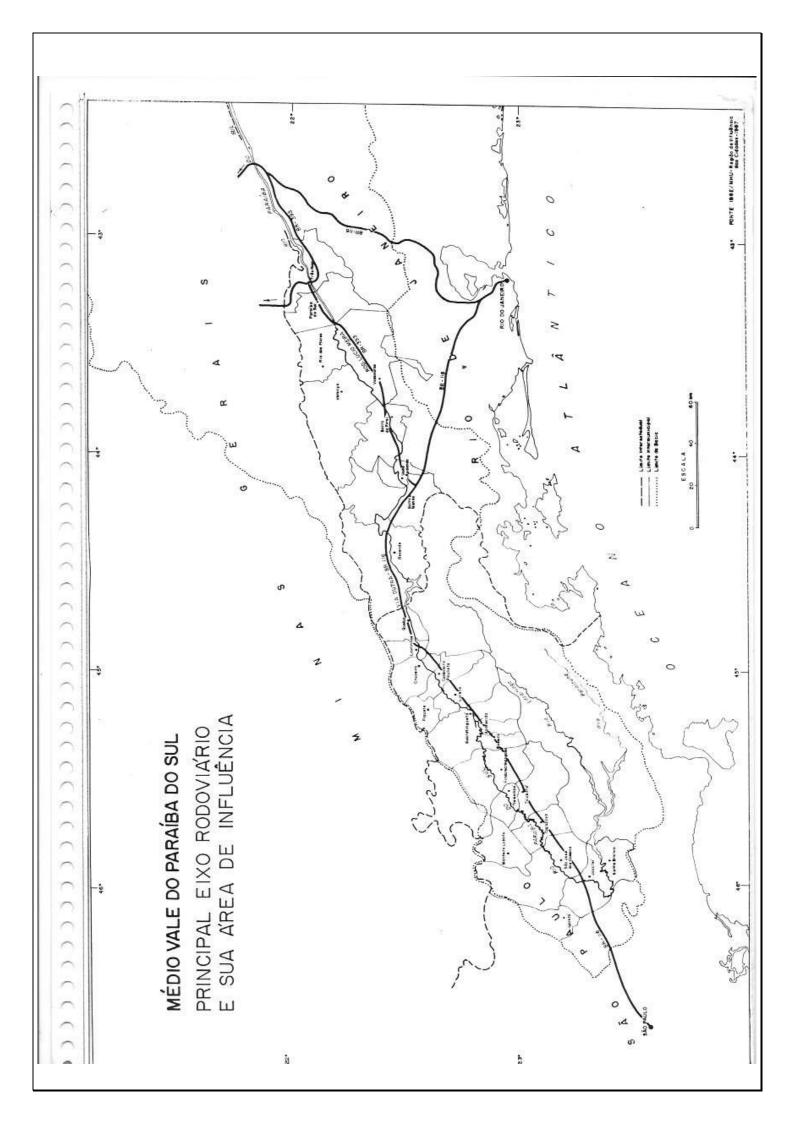
Com 970 m², 84 bonecos com até 1,20m de altura, com movimentos computadorizados, ao som da Ave Maria.

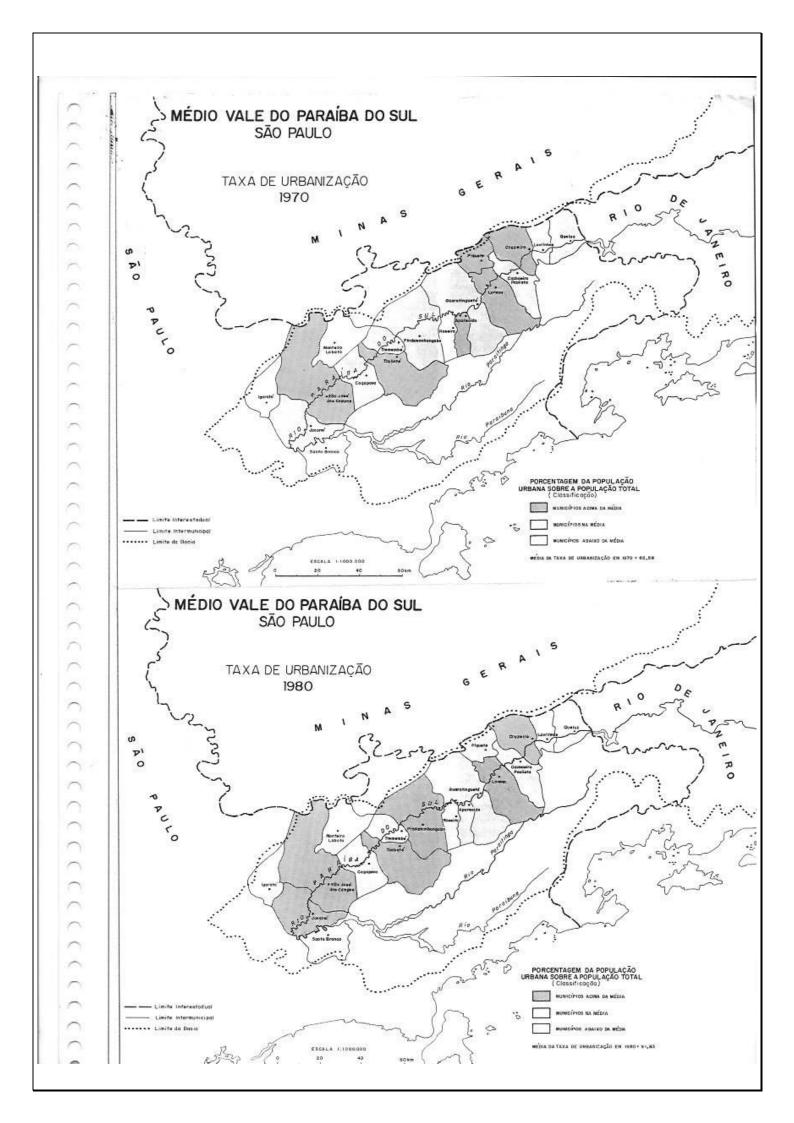


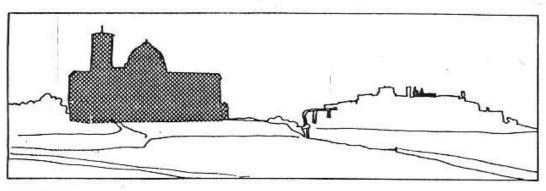




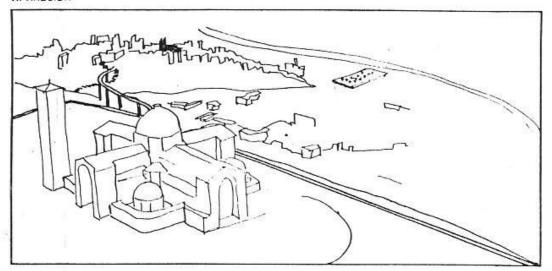


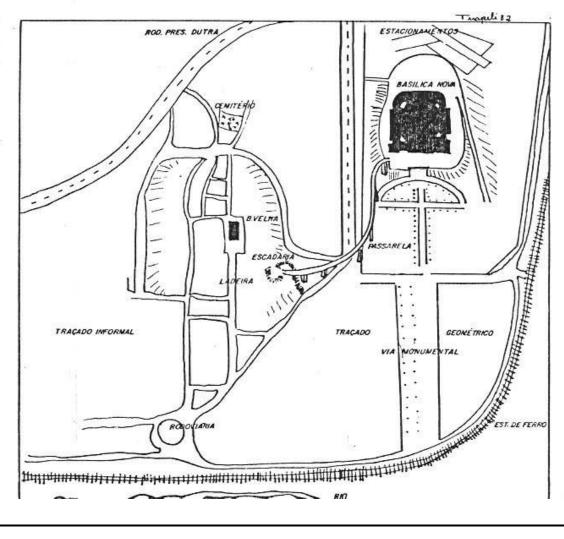






# APARECIDA







Aparecida, 16 de maio de 1978. Rogério Marcos de Oliveira, um fanático apanha a imagem da Santa e a deixa cair, quebrando-a em 200 pedaços São Paulo, 29 de junho de 1978. Maria Helena Chartuni, che do setor de restauração do MASP, recebe a incumbência de reconstituí-la.

# A NOTÍCIA...

... gente má gente linda dia vem, noite finda em todo lugar!

(de Vicente Barreto e Celso Viáfora)